



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
CAMPUS BINACIONAL DO OIAPOQUE
COORDENAÇÃO DE GRADUAÇÃO
COLEGIADO DE LETRAS – PORTUGUÊS/FRANCÊS**

ALBACÉLIA HO-A-CHUCK DOS SANTOS

**CATHERINE BLUM NA MARTINICA: ESTUDO SOBRE A PUBLICAÇÃO E
CIRCULAÇÃO DE UM FOLHETIM DE ALEXANDRE DUMAS PAI NOS
DEPARTAMENTOS ULTRAMARINOS DA FRANÇA**

Oiapoque
2018

ALBACÉLIA HO-A-CHUCK DOS SANTOS

**CATHERINE BLUM NA MARTINICA: ESTUDO SOBRE A PUBLICAÇÃO E
CIRCULAÇÃO DE UM FOLHETIM DE ALEXANDRE DUMAS PAI NOS
DEPARTAMENTOS ULTRAMARINOS DA FRANÇA**

Monografia apresentada à Universidade Federal do Amapá – Campus Binacional de Oiapoque – como requisito final para a obtenção do título de Licenciada em Letras – Português/Francês.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Fabíola Reis.

Oiapoque
2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Biblioteca do Campus Binacional da Universidade Federal do Amapá

P434g Santos, Albacélia Ho- A- Chuck dos.

Catherine Blum na Martinica: estudo sobre a publicação e circulação de um folhetim de Alexandre Duma Pais nos departamentos ultramarinos da França / Albacélia Ho – A –Chuck dos Santos. - 2018.

83 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Coordenação do Curso de Letras Frânces - Universidade Federal do Amapá Campus Binacional, Oiapoque, 2018.

Orientador Prof^ª. Dr^ª. Fabíola do Socorro Figueiredo dos Reis

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
CAMPUS BINACIONAL DO OIAPOQUE
COORDENAÇÃO DE GRADUAÇÃO
COLEGIADO DE LETRAS – PORTUGUÊS/FRANCÊS**

ALBACÉLIA HO-A-CHUCK DOS SANTOS

**CATHERINE BLUM NA MARTINICA: ESTUDO SOBRE A PUBLICAÇÃO E
CIRCULAÇÃO DE UM FOLHETIM DE ALEXANDRE DUMAS PAI NOS
DEPARTAMENTOS ULTRAMARINOS DA FRANÇA**

BANCA EXAMINADORA

ORIENTADORA – Prof^ª. Dr^ª. Fabíola do Socorro Figueiredo dos Reis (UNIFAP)

MEMBRO INTERNO – Prof^ª. MSc. Lucinéia Alves dos Santos (UNIFAP)

MEMBRO INTERNO – Prof. MSc. Rafael Costa Santos (UNIFAP)

SUPLENTE – Prof. Esp. Max Silva do Espírito Santo (UNIFAP)

Oiapoque
2018

Para Iranilda Simone Ho-a-chuck, minha mãe, e
Para Manoel Casimiro Fortes dos Santos, meu pai –
por nunca desistirem dos filhos.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente não posso deixar de agradecer a Deus que me possibilitou chegar até este momento, apesar de todas as barreiras colocadas pela vida e das dificuldades que me fizeram ter o pensamento de desistência.

Um agradecimento especial para a minha orientadora, Profa. Dra. Fabíola Reis, que não mediu esforços para que este trabalho fosse concluído. Agradeço ainda pelo entusiasmo e estímulo durante esta pesquisa, desde os primeiros encontros de orientação até a presente data.

Agradeço à minha família que foram o meu esteio desde o primeiro momento. Principalmente minha mãe, Iranilda Simone Ho-a-chuck, e meu pai, Manoel Casimiro Fortes dos Santos, pelo incentivo na continuação de meus estudos na graduação. Às minhas irmãs, sobretudo a Mara Maindron, que colaborou baixando alguns jornais da Bibliothèque National de France, e Cíntia Ho-a-chuck, que também ajudou com pesquisas em Saint-Georges du L'Oyapock.

Aos meus filhos Miguel Gustavo, Michel Lucas e Emerson Junior, por compreenderem o trabalho e o tempo da mamãe.

Um agradecimento mais que especial ao meu marido José Roberto Ho-a-chuck Barreto, que está ao meu lado em todas as minhas realizações.

Agradeço ao governo do PT por ter me dado a oportunidade de cursar uma universidade no interior do país, parte do projeto de expansão universitária promovida durante a gestão de Dilma Rousseff.

A todos os professores do colegiado de Letras que fizeram parte da minha graduação.

A profa. MSc. Lucinéia Alves por me ensinar a gostar de Estudos Literários.

Ao prof. MSc. Rafael Costa Santos pelas aulas de Literatura Francesa.

Agradeço também a todos os colegas de curso, especialmente às minhas amigas Maïté Sallé, Claudiane Vieira, Jessica Naiara, Anne Gleice e ao meu amigo Jean Carlos Ribeiro.

À Joice de Lório que me ajudou na reta final da minha pesquisa ao disponibilizar o acesso à internet.

Agradeço ainda a todos os funcionários desta IFES.

RESUMO

O trabalho se propõe a pesquisar sobre a presença dos romances folhetins nos Departamentos Ultramarinos franceses. Buscar-se-á mostrar como se deu a publicação e circulação de romances folhetins nos Departamentos Ultramarinos da França no século XIX, principalmente Guiana Francesa, Guadalupe e Martinica. Em um primeiro momento considera-se o *roman-feuilleton* na sua origem na França e contexto histórico, além de pondera-se a importância do mesmo como um gênero literário na vida dos leitores franceses e de outros países. No segundo momento, tem-se uma investigação do sucesso de Alexandre Dumas pai com obras popularmente conhecidas no período retratado, pois, dentre os vários autores que escreveram para os jornais, este se sobressai em relação ao número de folhetins publicados. O terceiro momento apresenta as análises que foram feitas dos jornais consultados no acervo digital da Biblioteca Nacional da França sobre a publicação e circulação de folhetins nos Departamentos Ultramarinos da França, especialmente do jornal *Les Antilles*, da Martinica, no período de 1847 a 1895, que possibilitou a coleta de romances como *Le Docteur Herbeau* (1847), de Jules Sandeau; *Un Nom* (1848) de Frédéric Soulié; *Jérôme du Paturot* (1848), de Louis Reybaud; *La chèvre jaune* (1848), de Paul de Musset; *La Noce de Campagne* (1848), de George Sand, *Paola L'Orpheline* (1849), de Alfred Fays, *La Bavarde* (1869), de Emile Richebourg. Destaca-se ainda *Catherine Blum*, de Dumas pai, romance folhetim que circulou na Martinica pelo jornal *Les Antilles*, sendo o único romance do escritor de capa-e-espada que foi publicado nos jornais dos Departamentos franceses. O embasamento teórico e bibliográfico conta com as pesquisas sobre romance folhetim de Edimara Ferreira Santos (2011), Landry (2000), Marlyse Meyer (1996) e Roger Chartier (1999 e 2002); sobre a vida e obra de Alexandre Dumas, tem-se Brice (2013), dados coletados na Biblioteca Nacional da França, também as pesquisas de Jean-Yves Mollier (2015), assim como os dados que constam no site mantido pela *Société des Amis d'Alexandre Dumas*.

Palavras-chaves: Folhetim. Romances folhetins. Departamento Ultramarino. Alexandre Dumas pai. *Catherine Blum*.

RÉSUMÉ

Ce travail propose d'étudier la présence de romans-feuilletons dans les Départements d'Outre-Mer Français. On cherchera à montrer comment était faite la publication et la diffusion des romans-feuilletons dans les départements français d'outre-mer au XIXe siècle, principalement la Guyane française, la Guadeloupe et la Martinique. Au début, on a le roman-feuilleton dans son origine en France et son contexte historique, en plus de percevoir son importance en tant que genre littéraire dans la vie des lecteurs français et des autres pays. Le second moment est consacré à une enquête sur le succès d'Alexandre Dumas père avec des œuvres connues de la période, car, parmi les nombreux auteurs qui ont écrit pour les journaux, celui-ci se démarque par rapport au nombre de feuilletons publiés. Le troisième moment présente les analyses qui ont été faites des journaux consultés dans les archives numériques de la Bibliothèque nationale de France sur la publication et la diffusion de périodiques dans les départements français d'outre-mer, notamment avec le journal *Les Antilles de Martinique*, de 1847 à 1895, avec les rassemblements des romans comme, *Docteur Herbeau* (1847), de Jules Sandeau; *Un Nom* (1848) de Frédéric Soulié; *Jérôme du Paturot* (1848), de Louis Reybaud; *La chèvre jaune* (1848), de Paul de Musset; *La Noce de Campagne* (1848), de George Sand, *Paola L'Orpheline* (1849), d'Alfred Fays, *La Bavarde* (1869), de Emile Richebourg. Se distingue aussi Catherine Blum, de Dumas père, un roman fantaisiste qui a été distribué en Martinique par le journal *Les Antilles*, le seul auteur de la cape et l'épée qui ait été publié dans les journaux des départements français. La base théorique et bibliographique de ce travail est basée sur les recherches sur les romans réalisées par Edimara Ferreira Santos (2011), Landry (2000), Marlise Meyer (1996) et Roger Chartier (1999 et 2002); sur la vie et l'œuvre d'Alexandre Dumas, nous avons Brice (2013), des données recueillies à la Bibliothèque nationale de France, ainsi que les recherches de Jean-Yves Mollier (2015), ainsi que des données contenues dans le site géré par la Société des Amis d'Alexandre Dumas.

Mots-clés : Feuilleton. Romans-feuilletons. Départements d'Outre-Mer. Alexandre Dumas pai. *Catherine Blum*.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Imagem do espaço do <i>feuilleton</i> em um jornal francês	16
Figura 2 -	Imagem do jornal <i>Le Siècle</i>	17
Figura 3 -	Imagem do <i>Journal des Débats</i> com o primeiro capítulo de <i>Le Comte de Monte Cristo</i>	40
Figura 4 -	Imagem da carta escrita por Dumas pai e publicada no jornal <i>Des Débats</i>	42
Figura 5 -	Continuação da carta escrita por Dumas pai e publicada no jornal <i>Des Débats</i>	42
Figura 6 -	Imagem do jornal <i>Le Siècle</i> com o 1º capítulo de <i>Les Trois Mousquetaires</i>	44
Figura 7 -	Imagem do jornal <i>Le Combat</i> de 02 de setembro de 1897	52
Figura 8 -	Imagem do <i>L'Avant-Garde</i>	53
Figura 9 -	Imagem ampliada do jornal <i>L'Avant-Garde</i> com a nota sobre a futura publicação de um <i>roman-feuilleton</i>	54
Figura 10 -	Imagem do jornal <i>Citoyen</i> de Guadalupe	55
Figura 11 -	imagem do jornal <i>L'Action</i> de 1924	57
Figura 12 -	Imagem do jornal <i>Les Colonies</i> de 03 de julho de 1881	60
Figura 13 -	Imagem de um jornal do <i>Les Antilles</i>	62
Figura 14 -	Imagem do 1º capítulo de <i>Catherine Blum</i> nos <i>Les Antilles</i>	72
Figura 15 -	Imagem da segunda página dos <i>Les Antilles</i>	73
Figura 16 -	Imagem da terceira página da publicação	74
Figura 16 -	Imagem do último capítulo de <i>Catherine Blum</i> no <i>Les Antilles</i>	77

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 -	Os principais jornais dos Departamentos Ultramarinos	63
Quadro 2 -	Romances Folhetins publicados nos <i>Les Antilles</i> nos anos de 1847 a 1849	64
Quadro 3 -	Os folhetins publicados nos <i>Les Antilles</i> nos anos de 1850 e 1851	65
Quadro 4 -	Os romances folhetins dos anos de 1853	66
Quadro 5 -	Os romances folhetins publicados em 1854 e 1855	67
Quadro 6 -	Os folhetins publicados em 1867, 1869, 1874, 1875, 1876, 1878	68
Quadro 7 -	Os romances de 1884, 1886, 1887, 1888, 1889	68
Quadro 8 -	Os folhetins de 1890 a 1895	70
Quadro 9 -	A distribuição dos capítulos de <i>Catherine Blum</i> no jornal <i>Les Antilles</i>	75

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1. CAPÍTULO I - AS ORIGENS DO ROMAN-FEUILLETON	16
1.1 A leitura de folhetins e o leitor	22
1.2 As fases do <i>roman-feuilleton</i>	24
2. CAPÍTULO II - PUBLICAÇÕES DE DUMAS PAI NA FRANÇA E NOS DEPARTAMENTOS ULTRAMARINOS	32
2.1. Início da vida de Alexandre Dumas pai	32
2.2. A carreira de Alexandre Dumas como autor de romance folhetim	34
3. CAPÍTULO III - CATHERINE BLUM NOS DEPARTAMENTOS ULTRAMARINOS FRANCESES	50
3.1. Por que a Guiana Francesa não tinha folhetins?	51
3.2. Metodologia da pesquisa	58
3.3. Corpus da pesquisa	58
3.4. Os folhetins no <i>Les Antilles</i>	63
3.5. <i>Catherine Blum</i> no <i>Les Antilles</i>	75
CONSIDERAÇÕES FINAIS	80
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	82

INTRODUÇÃO

O folhetim nasceu no século XIX em notas de rodapé (*feuilleton variétés*) dos jornais franceses da época, com o intuito de entreter os leitores, evoluindo para o chamado *roman-feuilleton* depois de ter caído no gosto popular. Émile de Girardin, dono do jornal francês *La Presse*, teve uma visão futurística ao perceber no *feuilleton* uma oportunidade de expansão jornalística, ou, em outros termos, um bom investimento econômico, como pontua Mollier em *Edição, Imprensa e Poder na França no Século XIX* (2015, p.28), pois Girardin observou que “o volume de negócios obtidos de periódicos era maior que o da venda de livros”. Em 1836, os romances folhetinescos ganham lugar de destaque nos periódicos da França. Essas narrativas, por serem lançadas em capítulos, aguçavam a imaginação do leitor, que aguardava ansioso pelo desenrolar dos acontecimentos, dos enredos e dos personagens, dia após dia ou semana após semana.

Muitos países no século XIX tinham acesso a esses folhetins por meio da exportação. Era assim que esses romances chegavam ao destino e eram publicados em jornais locais, traduzidos na íntegra ou adaptados. A tradução dessas obras se fazia necessária em países não-falantes da língua francesa. Nos lugares fora da Europa onde o francês era a língua de comunicação, chamados de Departamentos Ultramarinos, havia a distribuição do *roman-feuilleton* original (jornal importado) e/ou publicado na imprensa da região.

Foi com a mesma perspectiva de um leitor do século XIX, ansioso por mais um capítulo do *roman-feuilleton*, que surgiu o desejo de conhecer um pouco da história do folhetim e de sua repercussão pelos Departamentos Ultramarinos franceses, com foco nos jornais referentes às datas do surgimento e decesso do folhetim nesses territórios – de 1847 a 1924. Percebeu-se que havia a necessidade de ter um aprofundamento em como se deu essa circulação do folhetim em lugares tão distantes para os jornais europeus e de difícil acesso, como é o caso da Guiana Francesa, Guadalupe e Martinica.

O folhetim, por ser uma narrativa literária em alta no século XIX não era ausente do cotidiano dos colonizadores e dos colonizados de países pertencentes ao domínio francês. A existência do gênero já citado anteriormente (*roman-feuilleton*) incentivou o presente trabalho com o título *Catherine Blum* na Martinica: Estudo sobre a publicação e circulação de um folhetim de Alexandre Dumas pai nos Departamentos Ultramarinos da França”. Assim, foi escolhido o jornal *Les Antilles* da Martinica para ser analisado, a fim de responder a algumas questões levantadas com o tema proposto: existiu realmente a presença do folhetim nos

Departamentos Ultramarinos franceses? Quanto ao folhetim *Catherine Blum*, por que não houve a circulação do mesmo nos demais departamentos Ultramarinos, como Guiana Francesa e Guadalupe?

A pesquisa tem por intuito conhecer os percursos pelos quais se deu a distribuição dos romances folhetinescos franceses na Martinica, bem como entender de que modo se deu a publicação do romance *Catherine Blum*, de Dumas pai nos Departamentos Ultramarinos. Para isso se apresentou primeiramente o contexto do folhetim na Metrópole francesa, o retrato de Dumas pai como um dos maiores percussores dos romances folhetins no século XIX e por fim o estudo apresentou os romances folhetins publicados nos *Les Antilles*, especialmente dando ênfase à circulação de *Catherine Blum* na Martinica.

Ao enfatizar o folhetim como tema central, busca-se por meio deste estudo compreender o início deste tipo de narrativa no país de origem (França), uma vez que o mesmo teve uma grande importância na formação de algumas obras literárias hoje mundialmente conhecidas. Nas entrelinhas dos romances folhetinescos existem fatos que se ligam cronologicamente ao cotidiano vivido pela sociedade da época. A massificação dos folhetins foi um fenômeno que permitiu que essas obras estivessem presentes na composição cultural de uma nação, pois hoje existem clássicos da literatura oriundas desse período.

Reiteramos que a dispersão do *feuilleton* pelo mundo possibilitou a chegada de romances a lugares de culturas diversificadas. Para que assim os leitores da época vivenciassem todas as histórias e aguardassem cheios de expectativas por mais um capítulo, o que proporcionava aos jornais o lugar de destaque nas rodas de conversas, com um lançamento de uma história sendo assunto comum que unia as pessoas.

Em vista do fenômeno literário de imprensa ser originalmente francês, estudar essa narrativa literária passa a ser uma porta para entender-se as primeiras manifestações literárias que existiram em Departamentos Ultramarinos franceses como é o caso da Martinica. A escolha desse tema foi desafiante, pois não existem muitos estudos em universidades brasileiras e francesas sobre a presença do folhetim em outros territórios franceses além-mar. A respeito disso, vale destacar a dificuldade também em encontrar trabalhos sobre o folhetim *Catherine Blum* não somente no Brasil, como também na França, berço das criações de Alexandre Dumas pai. Cabe ainda destacar a importância do desenvolvimento deste projeto ancorado ao caráter científico.

O primeiro capítulo, intitulado “As origens do *roman-feuilleton*”, apresenta as raízes dos romances folhetins, procurando ter um breve panorama de como se deu o surgimento do gênero, assim como o contexto histórico no país de origem, os processos que permitiram tal

aparecimento (como a tipografia), a importância do folhetim como narrativa literária, o público leitor, as fases do folhetim e a repercussão pelo mundo, inclusive no Brasil e em territórios colonizados da França. Para esse início foram usados alguns estudos como os de Marlyse Meyer (1996), Roger Chartier (1997; 2002), Edimara Ferreira Santos (2011), Warren e Welck (2003) e Landry (2000).

No segundo capítulo – “Publicações de Alexandre Dumas na França e nos Departamentos Ultramarinos” -, tem-se um pouco da biografia de Dumas pai pontuada pelos estudiosos do site *Alexandre Dumas: deux siècles de littérature vivante*, mantido pela Société des Amis d’Alexandre Dumas, além de Mollier (2014), Ferreira e Garcia (2013), Nadaf (2013) e Brice (2015), cujos trabalhos tratam de Dumas pai no meio folhetinesco, com a escrita que revolucionou as produções de romances nos jornais. O sucesso obtido com a produção de folhetim foi o que permitiu ao autor a presença em vários lares do mundo no século XIX, pelo os olhos de leitores que sonhavam se tornar um D’Artagnan ou um Edmond Dantés.

Com o terceiro e último capítulo, intitulado “*Catherine Blum* nos Departamentos Ultramarinos franceses”, chega-se ao objeto deste estudo, que será contextualizado no decorrer do trabalho: a presença de romances folhetins nas regiões de domínio francês, com foco para a circulação do *Catherine Blum* nesses territórios. Todos os romances folhetins pesquisados e coletados pertencem ao jornal *Les Antilles* da Martinica, com datas entre 1847 a 1895, disponíveis na Biblioteca Nacional da França. Com isso, espera-se que a pesquisa responda às questões apresentadas nesta parte introdutória.

Para alcançar os objetivos propostos, a pesquisa sobre a circulação do folhetim nos Departamentos Ultramarinos foi exploratória, de caráter quali-quantitativo (OLIVEIRA, 2011) visto que embora haja um número extenso de obras acerca da distribuição em massa do folhetim por vários lugares, não se tem informações claras da circulação em locais como Guiana, Guadalupe e Martinica. Justamente por isso houve a necessidade da pesquisa bibliográfica, e para tal desenvolvimento foram consultadas obras, artigos, jornais e internet que tratam de romance folhetim e Alexandre Dumas, além de uma extensa pesquisa no acervo digital de romances folhetins da Biblioteca Nacional da França, disponível gratuitamente online aos pesquisadores para consultas.

LES ANTILLES.

COMMERCE, AGRICULTURE, MARINE, LITTÉRATURE, RELIGION, ANNONCES ET AVIS DIVERS.

PRIX DE L'ABONNEMENT.

Trois mois, 13 fr. 50 c. — Six mois, 25 francs. — Un an, 50 francs.

PRIX DES ANNONCES.

De 1 à 3 lignes, 2 fr. 50 c. — De 4 à 12 lignes, 5 fr. — Pour chaque ligne en sus 35 c.

Ce Journal paraît les **Mercrèdi** et **Samedi**, et publie tous les actes administratifs et documents officiels qui ont rapport à la Martinique.

SAINT-PIERRE, le 18 Avril 1854.

Nous extrayons du toast prononcé par lord Palmerston au banquet donné à Londres à l'amiral Napier, le passage qui a trait à l'alliance anglo-française :

Messieurs, l'Angleterre est engagée dans une alliance d'une grande importance avec nos voisins de France. (Applaudissements.) Il n'est pas arrivé souvent dans l'histoire du monde que les deux pays se trouvent ainsi unis dans un but d'action aussi énergique. Nous avons eu à traiter pendant plus de deux mois des négociations les plus difficiles et les plus compliquées avec le souverain de la France, et je n'ai rien de plus que la stricte vérité en déclarant que pendant cette période nous avons trouvé chez lui la plus grande droiture (applaudissements) et la plus parfaite loyauté jointe à la sincérité de caractère de la nature la plus élevée et à une énergie d'intention et une communauté de détermination qui nous ont inspiré la confiance implicite en sa personne que, je suis fier de le proclamer, il s'est toujours déclaré disposé de son côté à voir en nous. (Bruit d'applaudissements.)

En conséquence, Messieurs, je compte que vous accueillerez avec satisfaction le toast que je vous propose : « A la santé de l'Empereur et de l'Impératrice des Français » (Bruit d'applaudissements.) Si les expressions sorties de la bouche de la personne à laquelle j'adresse ce toast pouvaient le rendre plus agréable à des Anglais, je rappellerais ici les mémorables expressions contenues dans un récent discours de l'Empereur des Français, expressions qui, je l'espère, feront époque dans l'histoire de l'Europe ; expressions qui, sorties des lèvres du souverain d'un pays qui n'a pas toujours pratiqué la doctrine dont elles sont le symbole, doivent n'en avoir que plus de poids : je veux parler de cette mémorable déclaration que « le temps des conquêtes est passé pour toujours. » (Applaudissements.)

Cette déclaration n'est pas moins honorable pour le cœur de l'homme qui l'a faite que rassurante pour les destinées de l'Europe. Cette déclaration, je l'espère, ne manquera pas d'avoir son effet dans un pays plus reculé que celui dont je parle. (Applaudissements.) Oui, Messieurs, le temps des conquêtes est passé pour toujours ; nous prendrons désormais un intérêt plus pressé à la prospérité des voisins que, je l'espère, nous n'avons eu pendant les temps des conquêtes étant voisins. C'est avec des sentiments si pleins de sincérité que j'adresse ce toast à l'Empereur et à l'Impératrice des Français. (Applaudissements.)

Nous avons reproduit les instructions que le Gouvernement de l'Empereur a adressées à ses agents pour la protection commune, sur tous les points du globe, des sujets et des intérêts de la France et de l'Angleterre.

Nous publions aujourd'hui les circulaires que le Gouvernement de Sa Majesté Britannique a adressées à ses agents dans un but identique :

Circulaire adressée aux agents diplomatiques et consulaires de Sa Majesté Britannique.

Ministère des affaires étrangères, 23 février 1854.

Monsieur, la communication qu'on vous a récemment faite de la correspondance sur les affaires d'Orient, qui a été soumise aux deux Chambres du Parlement, vous aura démontré que, selon toutes les prévisions, les hostilités ne tarderont pas à éclater entre la Grande-Bretagne et la France, d'une part, et la Russie d'autre. Il sera également résulté pour vous de cette correspondance que, pendant tout le cours des négociations difficiles et compliquées qui ont précédé l'état de choses actuel, les Gouvernements anglais et français ont, sincèrement et cordialement agi de concert, afin d'écarter le fléau de la guerre, et qu'ils sont pareillement disposés à agir encore dans le même esprit de sincé-

rité et de cordialité pour préserver l'Empire ottoman, dans le cas où l'Empereur de Russie persisterait à ne pas vouloir traiter de la paix à des conditions justes et raisonnables.

Le moment est maintenant arrivé où il est du devoir des deux Gouvernements de se préparer à toutes les éventualités de la guerre. Parmi celles-ci, il leur a été impossible de ne pas tenir compte du danger auquel leurs sujets et leur commerce peuvent être exposés en mer par suite des machinations de l'ennemi, qui, quoique peu en état de leur occasionner un grand dommage avec ses seules ressources, peut chercher à se ménager des moyens de nuire dans les pays dont les Gouvernements ne prennent point part à la lutte qu'il a provoquée.

Mais, par une conséquence nécessaire de l'union et de l'alliance si étroitement établies entre la Grande-Bretagne et la France, il faut que, si la guerre survient, elles fassent sentir leur action commune à la Russie dans toutes les parties du monde ; que leurs résolutions, leurs armées et leurs flottes ne s'appliquent pas seulement contre elle pour la défense ou l'attaque dans la mer Baltique et dans les eaux et sur le territoire de la Turquie, mais que le même accord règne dans tous les parages, et que, soit qu'il s'agisse de se tenir sur l'offensive ou sur la défensive, les ressources civiles, militaires et navales des empires britannique et français soient consacrées au but commun de protéger leurs sujets et leur commerce contre toute agression de la Russie, et d'enlever à son Gouvernement toute faculté de leur porter préjudice.

D'après ces motifs, le Gouvernement de Sa Majesté britannique s'est entendu avec celui de Sa Majesté l'Empereur des Français pour inviter leurs fonctionnaires civils ou maritimes, en pays étranger, à considérer leurs sujets respectifs comme ayant les mêmes droits à leur sauvegarde, et à agir, à cet effet, soit indépendamment, soit de concert avec leurs collègues, pour soutenir et défendre indifféremment les intérêts anglais ou français. Il peut arriver que, dans une localité donnée, une seule des deux puissances soit représentée, soit par un agent civil, et par une force navale. En pareil cas, elle devra exercer son influence et son pouvoir en faveur des sujets et des intérêts de l'autre, avec autant de zèle et d'activité que s'il s'agissait des siens propres.

J'ai donc à vous inviter, messieurs, à conformer votre conduite à ce principe. Vous regarderez comme un devoir de protéger, autant que possible, contre les conséquences des hostilités qui peuvent prochainement éclater, les intérêts de l'Angleterre, de la France, de la Russie, et de tous les autres pays qui ont des intérêts communs à ceux de l'Angleterre et de la France, et de tous les dangers auxquels se trouveraient exposés les intérêts de l'un ou de l'autre Etat, ainsi que de toutes les opportunités de nuire à l'ennemi commun qui viendraient à votre connaissance.

Des instructions conçues dans le même sens seront adressées par le Gouvernement français à ses fonctionnaires civils et maritimes en pays étranger. Nous espérons que vous ne serez pas surpris des résultats de cette manifestation des intentions communes des deux Gouvernements, unanime, nous le croyons, à protéger leurs sujets dans tous les parages du monde, et à maintenir l'importance aussi majeure pour l'un que pour l'autre de l'Empire turc.

Je suis etc.

Circulaire adressée aux Gouverneurs des Colonies de Sa Majesté Britannique.

Downing-Street, février 1854.

Milord, je transmets ci-joint à votre seigneurie copie d'une circulaire adressée aux agents diplomatiques et consulaires de Sa Majesté britannique en pays étrangers, afin de leur préciser, ainsi qu'il a été convenu entre les Gouvernements de Sa Majesté et de France, de protéger les sujets et le commerce français.

Des instructions, conçues dans le même sens, doivent être envoyées aux commandans des forces navales de Sa Majesté dans toutes les parties du monde.

Je suis chargé de vous inviter à conformer votre conduite, dans l'exercice de vos fonctions de gouverneur de..... aux instructions précitées, en tant qu'elles seraient applicables à vos attributions. Vous ferez comprendre aux autorités locales placées sous vos ordres, qu'elles

douter que celui-ci ne fût sur le chemin du sautoir.

Mais, juste au moment où, dans son hésitation, le père Guillaume penchait vers le sanglier, les chasseurs appurent sur le seuil et entrèrent portant la bête suspendue à un bâiveau par ses quatre pattes liées.

Cette apparition fit une diversion momentanée à l'arrivée de Catherine, de la part de Guillaume et de Marianne, tandis que, au contraire, à la vue de la jeune fille, les chasseurs poussèrent un hurrah en son honneur.

Mais, il faut le dire, le premier mouvement de curiosité passé, lorsque Guillaume eut examiné l'annonce et la nouvelle blessure, lorsqu'il eut félicité François, qui, à son âge, avait roulé le vieux sanglier comme un lapin ; lorsque, enfin, il eut recommandé de mettre à part la fraisure, et invité chaque garde à prendre, dans d'équitables proportions, une part de la bête, toute l'attention du garde se reporta sur la nouvelle arrivante.

De son côté, François, enchanté de revoir Catherine, qu'il aimait de tout son cœur, et surtout de la revoir souriante, preuve certains que rien de fâcheux n'était arrivé, de son côté, dit-il, nous, François déclarer qu'il croyait avoir assisté fait pour la société en tuant le sanglier, et que, afin de consacrer tout son temps à Milo Catherine, il laissait à ses camarades le soin de dépecer le mort.

Il en résulta que la conversation, à peine engagée à l'arrivée de Catherine, reprit, dix minutes après cette arrivée, avec une volubilité que rendait plus bruyante la somme de curiosité qui s'était amassée pendant ces dix minutes.

Au reste, ce fut le père Guillaume qui remit un peu d'ordre dans l'interrogatoire.

Il s'émit aperçu que Catherine arrivait, non pas par la route, mais par la voie de Fleury.

Comment arrives-tu de si bonne heure et par la route de la Ferté-Milon, chère enfant ? lui demanda-t-il.

François dressa l'oreille à cette question ; elle lui apprenait une chose qu'il ignorait : c'est que Catherine n'était pas venue par la route de Gondreville.

— Oui, répéta Marianne, comment viens-tu par là, et arrives-tu à sept heures du matin, au lieu d'arriver à dix ?

— Je vais vous dire cela, père chéri ; je vais vous dire cela, bonne mère, répondit la jeune fille. C'est que, au lieu de venir par la diligence

seront tenues d'étendre une protection semblable aux sujets et au commerce français, et de coopérer, dans ce but, avec les forces navales de Sa Majesté, et vous me répliquez compte, sans délai, des mesures que vous aurez jugé à propos de prendre relativement aux instructions dont il s'agit.

J'ai l'honneur, etc.

Circulaire des lords de l'Amirauté.

Le comte de Clarendon nous ayant informés que les Gouvernements de Sa Majesté Britannique et de France se sont entendus pour que leurs agents civils et leurs forces navales dans toutes les parties du monde agissent de concert ou isolément, s'il est nécessaire, afin de protéger les intérêts des sujets et du commerce des deux nations, par tout où ils auraient besoin d'assistance contre les machinations hostiles de la Russie ; et Sa Seigneurie nous ayant, en outre, signifié les ordres de la reine que des instructions conçues dans le même sens fussent envoyées aux commandans des stations navales de Sa Majesté dans tous les parages, nous vous transmettons ci-joint copie d'une circulaire adressée par le ministre des affaires étrangères aux agents diplomatiques et consulaires de Sa Majesté en pays étranger.

Nous vous invitons en même temps à conformer votre conduite, sous tous les rapports, aux vus et aux intentions du Gouvernement de Sa Majesté, telles qu'elles se trouvent exprimées dans la lettre de lord Clarendon et dans la circulaire en question.

Nous avons également à vous annoncer que le Gouvernement français a adressé de semblables instructions aux forces navales de la France.

Nous vous invitons, de plus, à saisir la première occasion, après avoir reçu le présent avis, de vous mettre en communication, sur le pied le plus amical, avec l'officier commandant les forces navales françaises dans la même station, afin de remplir le plus pleinement et le plus rapidement possible les intentions des gouvernements de Sa Majesté Britannique et de France.

Donné sous notre sceau le 23 février 1854.

J.-S. GRAHAM.
HYDE PARKER.

Capitolo 1: As origens do Romanfeuilleton

Voici une nouvelle lettre de M. Sicard au *Courrier du Havre*, datée de Constantinople 15 février 1854.

Les Russes ne peuvent plus transporter leurs troupes nulle part, tandis que, grâce à l'apparition de nos flottes dans le nord de la mer Noire, les Turcs le font tout à leur aise maintenant et ravitaillent tous leurs ports d'Europe et d'Asie dans la mer Noire.

Le lieutenant-colonel Dieu, aide-de-camp de l'ambassadeur M. Baragony-d'Hilliers, est à Choumra depuis quelque temps, auprès d'Omer-Pacha, et il fait organiser, d'après tous les plans stratégiques français, la défense de la ligne du Danube.

Il a avec lui des officiers instructeurs français de diverses armes qui forment les soldats turcs à tous les exercices de nos armées.

La défaite des Russes à Kalafat, leur perte de 4,000 hommes sur le champ de bataille doit avoir produit en Europe une certaine sensation. Ici elle est regardée comme un commencement d'une sanglante revanche que l'on espère prendre sur les Russes à propos de l'affaire de Synope.

Déjà, depuis quelques jours, on sait ici que l'empereur Nicolas a été tellement irrité de l'affaire de Kalafat, qu'il est tombé dans un nouvel accès de folie furieuse, et a ordonné au prince Gortschakoff de réunir tout son corps d'armée de plus de soixante mille hommes, et de se porter en avant avec cette masse pour reprendre Kalafat, n'importe à quel prix, coûte que coûte, dit-il perdre la moitié de son armée.

On savait aussi qu'Omer-Pacha, dont les paysans maldives et bulgares sont les meilleurs espions, qu'Omer-Pacha instruit de cette tentative désespérée, prenait ses mesures pour frapper un grand coup.

Un courrier turc arriva avant-hier soir, malgré vents et tem-

pe de Villers-Cotterêts, je suis venue par celle de Meaux et de la Ferté-Milon, qui part à cinq heures de Paris au lieu de partir à dix, comme l'autre.

— Ah ! bon ? murmura François avec une satisfaction visible, il en aura été pour ses frais de lillbury, le Parisien !

— Et pourquoi as-tu pris ce chemin-là ? demanda Guillaume, qui n'admettait pas qu'on quittât la ligne droite pour la ligne courbe, et que l'on fit quatre lieues de trop sans nécessité.

— Mais, dit Catherine en rougissant de son mensonge, si innocent qu'il fût, parce qu'il n'y avait pas de place à la diligence de Villers-Cotterêts.

— Oui, dit François à voix basse, et une idée dont te remercia Bernard, bel ange du bon Dieu.

— Mais regarde-la donc ! s'écria la mère Watrin passant de l'ensemble aux détails ; elle est grande de toute la tête !

— Et pourquoi pas du cou avec ? dit Guillaume en haussant les épaules.

— Oh ! d'ailleurs, insista la mère Watrin avec cet entêtement si naturel à son caractère, qu'elle l'apprenait aux petites comme aux grandes choses, c'est bien facile à vérifier ; quand elle est partie... l'ai mesurée... la mesure est contre le chambrant de la porte... Tiens, la voilà ! je la regardais tous les jours... Viens voir, Catherine !

— Nous n'avons donc pas oublié le pauvre vieux ? dit Guillaume retenu Catherine pour l'embarras.

— Oh ! pouvez-vous demander cela, père chéri ? s'écria la jeune fille.

— Mais viens donc voir la marque, Catherine ! insista la vieille.

— Ah çà ! dit Guillaume en frappant la terre du pied, te tairas-tu là-bas, avec tes bêtises ?

— Ah bien ! oui, murmura François, qui connaissait par cœur la mère Watrin, prends garde qu'elle se taise !

— Suis-je donc, en effet, si fort grande ? demanda Catherine au père Guillaume.

— Viens à la porte, et tu verras, dit la mère Watrin.

— Satisfaite est-elle ? s'écria le vieux garde chef, elle n'en démordra pas ! — Allons, va-y, à la porte, Catherine, ou nous n'aurons pas la paix de toute la journée !

Catherine alla à la porte en souriant, et se plaça contre sa mère qui disputait derrière le haut de sa tête.

Feuilleton du Journal les Antilles.

CATHERINE BLUM.

SOUVENIRS DE JEUNESSE. (*)

IX.

Le Retour.

C'était, en effet, Catherine Blum qui arrivait de Paris.

Ainsi que nous venons de le dire, Catherine était une belle jeune fille de dix-neuf ans, svelte et gracieuse comme un roseau, avec un ravissant type de la douceur allemande empreint dans toute sa personne. Ses cheveux blonds, ses yeux bleus, ses lèvres roses, ses dents blanches, le velouté de ses joues, en faisaient une de ces nymphes bocagères que les Grecs appelaient Glycère ou Aglès.

Des quatre bras qui lui étaient ouverts, ceux qu'elle choisit les premiers furent les bras du père Guillaume ; sans doute avait-elle compris que là était pour elle la sympathie la plus complète.

Puis, Marianne fut embrassée à son tour. Pendant que la jeune fille embrassait sa mère adoptive, le père Guillaume regardait autour de lui ; il lui semblait impossible que Bernard ne fût point là, puisque Catherine y était.

Il y eut un premier moment pendant lequel on n'entendit que ces mots entrecoupés qui échappent aux émotions réelles.

Mais, presque aussitôt, d'autres cris mêlés de fanfares se firent entendre ; c'étaient François et ses camarades qui revenaient vainqueurs de cet autre sanglier de Caydon.

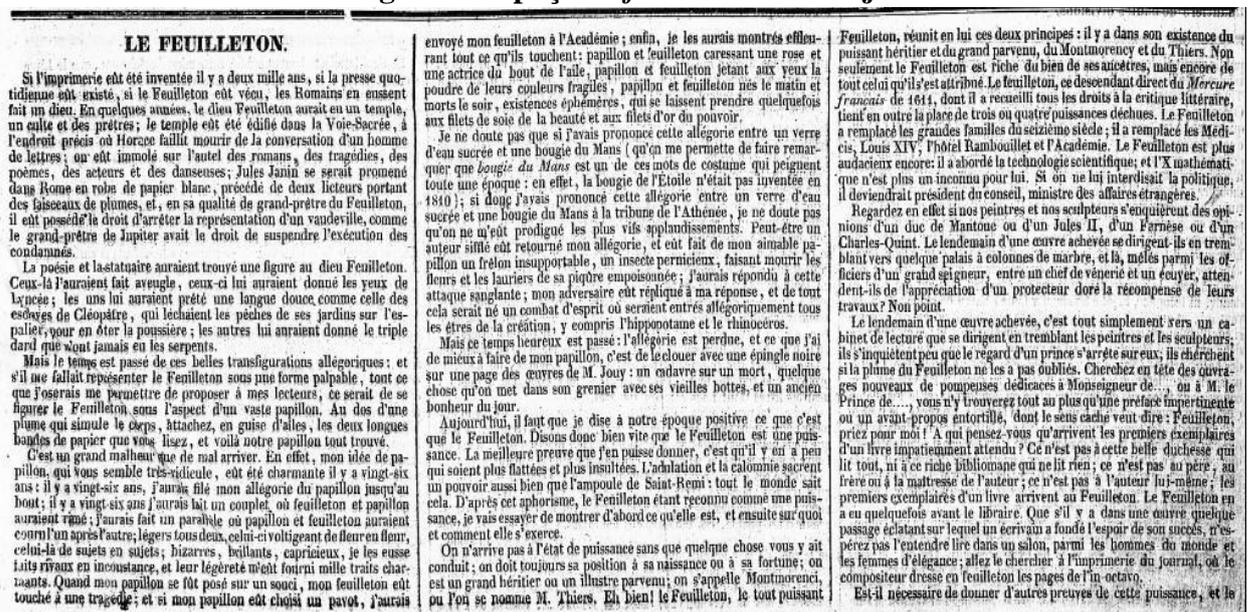
Le vieux grès balança un instant entre le désir d'embrasser une seconde fois sa nièce ou de lui demander de ses nouvelles, et la curiosité de voir l'animal, les cris et les fanfares ne lui permettant pas de

(*) Voir nos numéros des 11, 13, 18, 22, 28 mars 5, 8 et 15 avril courant.

1. CAPÍTULO I: AS ORIGENS DO ROMAN-FEUILLETON

O *roman-feuilleton*¹, nome originariamente francês, surgiu em decorrência do “*feuilleton*”. Segundo Meyer (1996), *feuilleton* é um “termo genérico, designando essencialmente o espaço na geografia do jornal e seu espírito” (p. 58), como também apresentado por Gengembre (1994, p.1) “Ce terme a en fait un rapport avec l’organisation de l’espace de la page du journal: on appelle *feuilleton*, en terme journalistique du XIX^{ème} siècle, la partie inférieure de la page du journal.”^{2 3} E ainda pontua o período da instalação desse espaço nos jornais “[installé] dans les années 1830 de consacrer le bas de cette page à l’impression de textes de littératures;”⁴ (ibidem), daí surgindo o romance-folhetim: “On est passé du terme technique désignant l’emplacement, à la désignation du type de texte ainsi publié”⁵(ibidem). Abaixo é possível visualizar o espaço folhetim do *Jornal La Presse* (figura 1) e do jornal *Le Siècle* (figura 2).

FIGURA 1: imagem do espaço do *feuilleton* em um jornal francês



FONTE : [http : gallica.bnf.fr /](http://gallica.bnf.fr/) Bibliothèque nationale de France
Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/>>

¹ Tradução: “romance folhetim.”

² Tradução: “Este termo realmente se relaciona com a organização do espaço da página do jornal: chamamos folhetim, em termos jornalísticos do século XIX, a parte inferior da página do jornal.”

³ Todas as traduções do trabalho são nossas.

⁴ Tradução: “[estabelecido] na década de 1830 para dedicar o final desta página para impressão de textos literários.”

⁵ Tradução: “Passa-se do termo técnico designando a localização, à designação do tipo de texto assim publicado.”

Para que se possa compreender a história do romance-folhetim, é necessário primeiro entender o processo que possibilitou tal surgimento. Assim, retorna-se para a Idade Média, pois, de acordo com Chartier em *A aventura do livro – do leitor ao navegador* (1999, p.7), “só era possível reproduzir um texto copiando-o à mão”. A produção nessa época era manuscrita, feita por meio de pergaminhos ou papiros que faziam “aparecer trechos distribuídos em colunas” (Ibidem, p.23), ficando todo o texto em uma folha só. A pena era a ferramenta de trabalho do autor que escrevia ou ditava a “um escriba suas reflexões” (Ibidem, p.23), e isso demandava muito tempo, o que tornava o número de publicações bastante reduzido: “(...) o tempo de reprodução do texto é reduzido graças ao trabalho da oficina tipográfica” (Ibidem, p. 7).

A partir da tipografia, tem-se a produção de textos impressos e Chartier (1999, p. 7) explica isso: “(...) de repente uma nova técnica, baseada nos tipos móveis e na prensa, transfigurou a relação com a cultura escrita”, o que facilitou a produção de textos. Entretanto, apesar da inovação de Gutenberg ser revolucionária, reproduzir uma cópia não era fácil, e muita coisa se perdia nesse processo. Assim “um texto impresso muda radicalmente de sentido dependendo da apresentação tipográfica, do formato, da paginação, das ilustrações, da organização, de sua segmentação”, como complementa Chartier em *Do palco à página* (2002, p.21).

Dá se deve as relutações por parte de alguns autores em tornar as obras impressas durante os séculos XVI e XVII, pois cabia aos copistas a função de assistir as representações teatrais e copiá-las para que posteriormente fossem feitas as tiragens tipográficas. Enfatiza-se que ainda nesse período havia a manutenção da cultura manuscrita. Chartier explica que mesmo com o surgimento da tipografia havia muitos escritores que preferiam fazer suas próprias anotações: “o escrito copiado à mão sobreviveu por muito tempo à invenção de Gutenberg, até o século XVIII, e mesmo o XIX” (1999, p.9). Assim explica-se o porquê de alguns dramaturgos optarem por fazer anotações ao lado dos textos impressos como uma maneira de corrigir os erros deixados pelas tipografias, o que era nada mais do que a relutância em abandonar o manuscrito. Entretanto, apesar desses pontos negativos, não se pode esquecer o valor da invenção tipográfica no meio literário, uma vez que ficou mais fácil produzir cópias de romances. No caso específico do *roman-feuilleton*, as tiragens de jornais ficaram mais baratas e isso possibilitou maior acesso por parte da população. Somente no século XIX, com o advento da industrialização, a tipografia foi adaptada e tornou os impressos mais populares, como aponta Meyer:

[...] uma prensa mecânica a vapor equivale a dez prensas antigas de madeira; a máquina de imprimir do começo do século tinha capacidade para fabricar apenas quatrocentos exemplares, enquanto sob o Império a máquina fornece cem vezes mais (não é incomum uma tiragem de 40 mil) (MEYER, 2009, p. 91).

Isso possibilitou a impressão em grande escala de jornais e romances, e, conjuntamente com o nascimento do movimento Romântico do final do século XVII, nasce na França *le roman-feuilleton*. Esse gênero atraía a atenção dos leitores nas páginas dos jornais, que por sua vez se tornou mais dinâmica com algumas ilustrações e propagandas, pois à medida que se lia os romances, a leitura se tornava mais amena, divertida e prazerosa, nutrindo assim as ilusões de um público sonhador: “Com o barateamento das ilustrações [...] vão surgir e se multiplicar folhas que são extensões da vocação recreativa do folhetim com o mesmo esquema básico e amplamente ilustrado” (MEYER, 1996, p. 58).

Essa narrativa era constituída de dois gêneros: o primeiro diz respeito ao seu meio de vinculação, ou seja, forma como era apresentado aos leitores nos jornais franceses. O espaço, conhecido como *rez-de-chaussée*, localizava-se geralmente na primeira página do jornal (figuras 1 e 2 acima), logo abaixo das notícias sobre política e economia. Em síntese, servia ao entretenimento dos leitores. Edimara Ferreira Santos comenta que:

O espaço folhetim caracterizava-se como uma parte do jornal e localizava-se quase sempre na primeira página, abrangendo os mais variados tipos de textos, pois o que não era permitido publicar no corpo do jornal era direcionado para circular na coluna Folhetim. Por conta disso inúmeros textos como críticas literárias, receitas culinárias, artigos políticos e as narrativas em capítulos marcaram presença nesse espaço (SANTOS, 2011, p.15).

Nas notas de rodapés eram publicados os mais diversificados tipos de textos, desde receitas culinárias até críticas literárias, por estes serem considerados publicações sem importância e sem valor social - ou seja, que não faziam parte dos gêneros considerados nobres, como epopeias, tragédias, líricas, dramas, contos e romances. Warren & Wellek salientam que “um gênero difere de outro, na natureza e na glória, mas também devem ser mantidos separados” (2003, p. 318), mostrando assim que os tipos que se misturavam não podiam ser considerados gêneros literários, via de regra os gêneros serviam para diferenciar também as classes sociais.

Warren & Wellek (2003) contrariam vários críticos literários que garantem não ter havido surgimento de nenhum gênero novo no século XIX. Assim, para eles, cada período tem as suas próprias particularidades, por isso que quando um crítico fizer o julgo de uma

determinada obra, alguns fatores têm que ser levados em consideração. Por exemplo, as concepções e convenções críticas que serão empregadas durante a análise, ou seja, o crítico deve conhecer o presente e suas necessidades, bem como a sociedade que será beneficiada com tais obras, além de encontrar no passado algo que explique o porquê do surgimento delas, assim o crítico “reavaliará o passado em função das necessidades de um estilo ou movimento do presente” (Ibidem, 2003, p.43). Por último o crítico foca o futuro, uma vez que estas obras guardarão as identidades de uma época, para então partir para a avaliação. Por esse viés se explica o folhetim como um gênero novo, já que este fez parte do cotidiano da sociedade oitocentista, moldando e criando novos hábitos. Contrapondo à teoria clássica, que apresenta o folhetim como um mero “produto industrial” e que não valia a pena ser lido, a teoria moderna mostra o contrário, quando leva em consideração o “gosto individual do leitor” nas suas avaliações. Para explicar melhor sobre o folhetim ser considerado um gênero literário, tem-se os pontos de vista novamente de Warren & Wellek (2003) sobre os novos gêneros literários:

Com a vasta ampliação do público no século XIX, há mais gêneros, e, com a difusão mais rápida por meio da impressão barata, eles têm vida curta ou passam por transições mais rápidas. “Gênero”, no século XIX e no nosso tempo, sofre da mesma dificuldade que “período”: temos consciência das mudanças na moda literária- uma nova geração a cada dez anos em vez de a cada cinquenta [...] (Warren & Wellek, 2003, p.316).

O segundo gênero que ajuda a compor o folhetim é justamente o romance, definido por Meyer (1996) “[...] o indigitado, nefando, perigoso, muito amado, indispensável folhetim folhetinesco” (p. 59), sendo uma produção narrativa em prosa, ficcionista, elencada como um novo tipo de ficção romanesca, que levava para o seu interior alguns costumes da época, contribuindo assim para desenvolver as tramas passionais, algumas com muitas peripécias que atingiam diretamente o lado emocional do leitor. As narrativas em prosa continham os mais diversos tipos de ficções, desde um romance impossível até o pícaro. O ingrediente essencial para a conquista o leitor, era uma boa história, como é o caso de *Lazarillo de Tormes*, obra inaugural de 1836:

O passo decisivo é dado quando Girardin, utilizando o que já vinha sendo feito para os periódicos, decide publicar ficção em pedaços. Está criado o mágico chamariz “continua no próximo número” e o *feuilleton-roman*. O *Lazarillo de Tormes* foi o primeiro a receber esse tratamento, em 1836, e, logo no fim do mesmo ano, Girardin encomenda expressamente a um autor, Balzac, uma novela para sair em série, *La vieille fille*. Nota-se, pois que na origem, e assim vai ser pelo romantismo afora (época em que o romance é o gênero literário dominante), o romance-folhetim é essencialmente uma nova concepção de lançamento de ficção, qualquer que seja seu autor e o campo que abranja (MEYER, 1996, p.31).

Nesse sentido, as narrativas, que tinham como objetivo enlaçar o leitor com seus ingredientes especiais com um toque de “quero mais”, cumprem o seu papel, quando os romances-folhetinescos se tornam as grandes estrelas dos jornais. A parte composicional dos folhetins, eram escritos justamente para prender a atenção do leitor, que aguardava ansioso pelo desenrolar dos acontecimentos dos enredos e personagens. Então toda vez que o público lia um capítulo de um determinado folhetim havia “o corte sistemático” ou “suspense” e ao final existia “*La suite à demain*”⁶, um recurso literário folhetinesco que deixava um fio solto para o acontecimento seguinte, o que por sua vez provocava muita tensão e expectativa nos leitores assíduos, ansiosos pela continuação:

Os romances-folhetins, enquanto produto do e para o jornal, possuíam inúmeras características exploradas tanto pelos autores quanto pelos editores, dentre as quais destacamos: títulos atraentes para seduzir o leitor, abundâncias de diálogos, intrigas envolventes, cortes com ganchos nos finais de segmentos, utilização do acaso como ponto de convergência entre alguns acontecimentos da narração, herói e heróina dos romances com traços exagerados e simplificados, técnicas do teatro, chamada do leitor por meio do tom de conversa informal, entre outras circunstâncias que tornam o texto apelativo [...] (SANTOS, 2011,p.15).

Por esse motivo considera-se o folhetim uma ficção criada para o jornal. Essas narrativas surgiram graças a visão comercial de Émile de Girardin, o dono do jornal francês *La Presse*, que viu no *roman-feuilleton* uma oportunidade de expansão jornalística. Como destaca Meyer:

[o *roman-feuilleton*] nasceu na França, na década de 1830, concebido por Émile de Girardin, que percebeu, na época de consolidação da burguesia, o interesse em democratizar o jornal, a chamada *grande presse*, e não privilegiar só os que podiam pagar por assinaturas caras” (MEYER,1996, p. 30).

Em 1836, o que antes cabia apenas nas notas de rodapé passava a ser o destaque na página principal dos jornais. O sucesso foi tanto que em pouco tempo surgiram outros periódicos lançando os famosos romances de folhetins, como os jornais *Les débats* e *Le Siècle*. Este último plagiou o *La Presse* por Dutacq ser sócio de Girardin, copiando não só o visual do outro jornal, mas também a ideia de publicar romances em capítulos diários.

Tal qual na França, no Brasil também houve jornais que publicavam folhetins franceses, esses romances eram traduzidos para os jornais antes de serem publicados. No Rio de Janeiro: *Jornal do Commercio*, *Diário do Rio de Janeiro*, *Gazeta do Rio de Janeiro*, *Correio Mercantil*,

⁶ Tradução: “a continuação amanhã”

no Pará: *Província do Grão Pará, O Liberal do Pará, O diário do Pará* e a *Folha do Norte*: em Pernambuco: *Diário de Pernambuco* e em São Paulo: *Correio paulistano*.

1.1. A leitura de folhetins e o leitor

No século XIX, a leitura de livros ainda era privilégio de um público bem restrito por não ser disponível para todas as classes sociais, principalmente por conta do alto custo do livro, talvez esse seja o primeiro fator condicionante na propagação do hábito folhetinesco. Há ainda outros fatores que colaboraram para a proliferação do folhetim, dentre eles: a maioria da população sendo analfabeta, a leitura sendo basicamente para homens nobres e o surgimento de uma nova classe social em ascensão, os burgueses. Tudo isso promoveu a boa aceitação dos romances folhetins quando estes passaram a integrar os hábitos de leitura de um novo público leitor. Santos deixa isso claro: “o contato desse leitor com esses textos, veiculados num suporte mais acessível, compõe o processo de democratização da leitura e do surgimento de um novo público no século XIX – a mulher e os operários” (2011, p.21).

No que tange o papel do leitor para massificação da cultura de folhetim, ressalta-se o fato da imprensa estar em alta, com vista para o aumento do público formado por pessoas de vários níveis econômicos e sociais. Com esse propósito, os periódicos foram vendidos a um custo muito menor que os livros, o que possibilitou a leitura dos romances de folhetins por uma escala maior de leitores:

A imprensa se alimenta também do brilho das ruas, dos cafés fervilhantes, das reuniões de literatos, de políticos, do teatro onde se trocam boatos e se divulgam as últimas notícias. A esse papel da indústria e das cidades some-se obviamente o do público, que cresce e aumenta suas exigências. Um público que é ao mesmo tempo causa e resultado. O jornal-sempre nas pegadas de Girardin-procura o maior número, por conseguinte barateia e inventa o *journal à un sou*, o jornal de um tostão (MEYER, 2009, p. 91).

Percebe-se então o porquê dos romances folhetins, originariamente de jornais, caírem no gosto popular e aumentarem consideravelmente o número de leitores. Destaca-se ainda, o fato das próprias mulheres fazerem o seu acervo pessoal, ao recortarem os romances das folhas de jornais e armazenarem em forma de livro, como marca Santos (2011) no início de seu trabalho sobre folhetim no Brasil:

O público feminino, segundo Mollier, organizava a sua biblioteca particular com a composições de seus “livros”, que não lhe custava muito. As mulheres parisienses de posse de uma agulha grossa e fio resistente confeccionavam seus “livros estranhos” com suas histórias recortadas das barras dos jornais franceses (SANTOS, 2011, p. 16).

Neste mesmo cenário encontravam-se homens que sentavam em bancos de praças ou em cafeterias, com seus jornais em mãos. Ao invés de lerem somente os artigos sobre política e economia, essas pessoas tendiam também a almejar à continuação do romance, cujo novo capítulo acabava de ser publicado. Era um novo costume para os homens da época, como continua Santos (2011):

Certamente, ele não chegou ao estatuto cultural do livro por conta das suas especificidades, mas, de certo modo, teve um significado cultural dentro da sociedade francesa do século XIX, pois “o romance-folhetim francês [...] modificaria os hábitos dos europeus, criaria novas práticas culturais, ampliaria a esfera pública e contribuiria na formação de identidade cada vez mais semelhante. Essa nova prática de leitura tornou-se o elemento difusor e modelador de costumes que foram absorvidos pelos franceses por decorrência dos fatos narrados nos romances-folhetins (SANTOS, 2011, p. 16).

Conforme o número de leitores aumentava, surgiam mais jornais, mais romances e mais autores produzindo folhetins. Segundo Meyer (1996, p. 58), esse “é o espaço onde se pode treinar a narrativa, onde se aceitam mestres e noviços”. Esses autores eram, na maioria, escritores que já faziam parte do meio literário, mas existiam aqueles que por conta do sucesso do folhetim lançavam-se nesse novo mercado promissor:

Essa atividade literária atraiu tanto os jovens escritores, que adquiriram notoriedade como Paul Féval, Xavier de Montépin, Ponson du Terrail, quanto os mais experientes, com escritos já difundidos no formato livro, como Alexandre Dumas Pai, Honoré de Balzac, Eugène Sue, Victor Hugo, Frédéric Soulié. Porém, apesar da popularidade desses últimos, eles também não escaparam à nova moda de escrever e aderiram a publicação de suas prosas de ficção em folhetim, algumas mais curtas, outras mais longas, tornando alguns aptos e reconhecidos nessa técnica de fabricar romances em formato folhetim, para os jornais (SANTOS, 2011, p.24).

A ampla concorrência que existia entre os jornais deixava o cenário de publicações “numa verdadeira guerra, [disputando] a preço de ouro os melhores folhetinistas” (Meyer, 1996, p. 59), o que possibilitou o surgimento de alguns renomados escritores que marcaram assim as três fases do *roman-feuilleton*. Estas fases estão cronologicamente ligadas a três grandes momentos da história.

1.2. As fases do *roman-feuilleton*

Segundo Marlyse Meyer (1996), a primeira fase (1836-1850) é denominada “folhetim romântico ou dramático” e inicia-se com o período “da pós-revolução burguesa de julho de 1830, a qual coincide com o estouro do romantismo, já então na fase chamada romantismo social” (Ibidem, p. 64) e vai até a Revolução de 1848. Nesse momento surgem vários movimentos contra o governo do rei Luís Felipe I, e tem-se a culminância de uma nova visão política, mais social, o que possibilitava ao proletariado impor-se contra a burguesia. Dentre os vários escritores que emergiram nesse período, Alexandre Dumas Pai e Eugène de Sue são apontados como os autores que marcaram este primeiro momento. Desta maneira, cabe a Dumas Pai, por meio de suas produções folhetinescas, exaltar o romance histórico, dentre os quais vale destacar: *Le Capitaine Paul*, *Les trois Mosquetaires*, *Le Comte du Monte Cristo*. Eugène de Sue é o responsável pela “vertente contemporânea, ‘realista’ do folhetim” (ibidem, p. 69), com *Les Mystères de Paris*, sendo este um dos romances de maior sucesso no mundo, inclusive com uma versão brasileira, e várias outras publicadas em diversos países e respectivas cidades mais famosas (*Mistérios de Londres*, *Mistérios de Nova Iorque*, *Mistérios do Rio de Janeiro* etc).

Na França pós-revolução acontece o desenvolvimento econômico e social graças às indústrias e ferrovias. No mesmo período Georges Eugène Haussmann faz surgir um novo mundo com a urbanização de Paris. É o nascimento da Cidade Luz, que ficou conhecida como “a capital do século XIX” (MEYER, 1996, p.88), gerando grandes oportunidades nos diversos setores, inclusive no meio jornalístico, com a liberação das publicações dos romances folhetins. Após um grande período de censura por parte do imperador Napoleão III, os *romans-feuilletons* voltam a circular nos jornais diários da França, o que fez a imprensa ficar ainda mais presente no cotidiano dos franceses, tanto que o número de vendagem aumentou bastante se comparado com os anos que os jornais ficaram sem as publicações de romances, como destaca Mollier (2015):

A imprensa era onipresente na vida dos franceses desde o surgimento do *Petit Journal* em 1863 e, mais ainda, do lançamento do *Petit Parisien*, que, após, lhe haver tirado a liderança dos periódicos populares, se vangloriava em 1910 de ser o único diário com tiragem superior a um milhão de exemplares. Com 9,5 milhões de jornais vendidos nessa data, para apenas quarenta milhões de habitantes, a França demonstrava sua

sede de notícias, de *fait divers* reais ou supostos e de informações nacionais ou locais (MOLLIER, 2015, P. 27).

Paul Féval e Ponsson du Terrail foram os autores que marcaram a segunda fase do folhetim (1851-1871). O primeiro, com aspecto gótico, conseguiu fixar a atenção dos leitores em publicações lançadas ainda na primeira fase do folhetim como *Le mystères de Londres* de 1843 que perdurou até meados da segunda fase, o mesmo autor também ganhou o espaço *feuilleton* com romances como *Le Bossu*, publicado no jornal *Le Siècle* em 1857. Mas o real destaque desta fase encontra-se no *roman-feuilleton* do segundo autor, *As Proezas de Rocambole*. Ele conseguiu conquistar o público com as aventuras picarescas de um adolescente, um anti-herói, de tal modo que esta segunda fase ficou marcada como o “reinado de Rocambole”.

A terceira e última fase (1871–1914), com o romance dos “dramas da vida”, tem como pano de fundo o florescer, por meio do progresso, de uma França dantes castigada por guerras imperiais e lutas pelo poder: “a torre Eiffel tornara-se um parque vertical de atração desde 1889 e concorria com a [Rua] Morgue [de Edgar Allan Poe] para prender a atenção e a simpatia dos visitantes atraídos por esses dois lugares importantes do turismo na capital” (MOLLIER, 2015, p. 27). Nesse mesmo momento histórico coexistiu a Terceira República Francesa, que ao final trouxe paz e otimismo não somente para a França, mas também para toda a Europa. Em um período em que não se dava tanto valor ao folhetim, primeiro por este ser considerado um romance popular, segundo, porque a invenção dos irmãos Lumière proporcionou a visualização dos romances no cinema, a França vive a “*Belle Époque*”, como explica Mollier:

A saudade do tempo anterior à guerra levava a designar pelo nome de Belle Époque os anos de 1896-1914, que tinham visto a momentânea bonança econômica e a orgulhosa Exposição Universal de 1900 simbolizando o poder francês com seus cinquenta milhões de ingressos vendidos, total nunca atingido anteriormente (MOLLIER, 2015, p. 27).

As autoridades da França da *Belle Époque* não se incomodavam mais com a crescente cultura de massa, assim Émile Richerbourg publicou em 1875 “*La fauvette du moulin*” no *Le Petit Journal*, um dos folhetins de maior sucesso. Um outro que marcou essa fase foi “*La porteuse de pain*” do autor Xavier de Montépin, lançada também no “*Le Petit Journal*” em junho de 1884.

Vale lembrar que esses períodos são um recorte feito da circulação dos jornais franceses, ou seja, todos os romances folhetins foram classificados de acordo com o contexto histórico da

França. É provável que em outros locais, onde o *roman-feuilleton* também fez parte da leitura diária do público leitor, não tenha havido essas mesmas fases de produção e consumo dos folhetins.

Percebe-se que, tanto na Europa quanto nos demais continentes, em algum momento do século XIX tiveram a presença dos *romans-feuilletons* nos jornais. A real intenção das publicações não era a de transmitir opiniões de caráter ideológico, mas sim a de entreter os leitores, para talvez fazê-los se esquecerem das mazelas vividas, mesmo que algumas vezes acabasse por ter um efeito contrário. Assim explica Maria Lúcia Dias Mendes (2007), na tese de doutorado, o conhecimento da realidade por meio da leitura:

A narrativa cotidiana dos acontecimentos sociais e políticos mais importantes, seu caráter efêmero, talvez tenha contribuído com a mudança na concepção que se tinha da História e do lugar que os indivíduos ocupam na vida coletiva. Ao acompanhar o desenrolar dos fatos no dia-a-dia tornava-se mais difícil perceber os grandes movimentos do conjunto (MENDES, 2007, p.42).

Os próprios periódicos fizeram a distribuição dos jornais pelo mundo, seja pelo transporte de periódicos para o país receptor ou por cópias feitas desses romances por um jornal que por sua vez repassava para outros:

Em 1842, um jornal chamado "Correo de Ultramar", com o subtítulo de "périodico, político, literario, mercantil e industrial", foi fundado em Paris por um francês, Lapeyere, que fazia para o novo mundo cópias do jornal em francês e espanhol. Este jornal tinha a sua disposição um grande número de correspondentes que moravam em Havana e Granada, nas Antilhas, em Charleston, Nova Orleans, Vera Cruz e México na América do Norte e Central, e mesmo no Rio de Janeiro, Montevideo, Santiago do Chile, Valparaiso, Arequipa, Lima, Bogotá, San Salvador e Caracas na América do Sul (BRICE, 2015, p. 13).

Por isso que em países como o Canadá, os romances de folhetins tornaram-se colunas essenciais nos jornais locais. A esse respeito, Landry (2000) comenta que em todos os jornais, sem distinção quanto a esses serem mais conservadores ou não, havia a publicação de *roman-feuilleton*:

Presque tous les journaux reproduisent des textes de fiction français : les feuilles libérales (L'Électeur, L'Écho des Deux-Montagnes, La Patrie, Canada-Revue) ; la presse indépendante (La Presse, L'Événement) ; les journaux conservateurs également (Le Canadien, Le Courrier de Saint-Hyacinthe, Le Courrier du Canada, L'Étendard, La Minerve, Le Trifluvien, La Vérité) (LANDRY, 2000, p. 68)⁷.

⁷ Tradução: "Quase todos os jornais reproduzem textos de ficção francesa: as folhas liberais (*L'Électeur*, *L'Écho des Deux-Montagnes*, *La Patrie*, *Canada-Revue*); a imprensa independente (*La Presse*, *L'Événement*); os jornais

Os folhetins em Quebec aumentaram de maneira tão grandiosa, que em dado momento torna-se preocupante esse aumento, pois quase todos os jornais publicavam os romances. A divulgação era tanta que chega a ser exagerada, como Landry (2000, p.77) coloca: “À cause de sa popularité grandissante, la fiction française soulève des problèmes au Québec, surtout à partir des années 1890, car cette littérature de divertissement est diffusée à une grande échelle dans presque tous les journaux”⁸.

Nos demais países que eram colônias francesas no século XIX, o *roman-feuilleton* também fez parte da leitura diária talvez por uma pequena parte da população, já que havia um grande número de analfabetos nessas colônias, por exemplo em Québec no Canadá: “Vers la fin du XIXe siècle, la population du Québec est catholique et de langue française à 86,9% et son taux d’alphabétisation se situe à 74,4%” (ibidem, p.68)⁹. O público leitor desses locais era dependente da Metrópole francesa em todos os sentidos, inclusive nos tipos de leituras que eram disponibilizados. No período compreendido entre o aparecimento e o declínio do folhetim, todas as colônias francesas eram regidas pelo governo metropolitano. Cabe dizer que, por causa disso, os folhetins passaram a compor também o hábito de leitura desses países, pois provavelmente os enviados da França para administrar tais territórios carregavam consigo esses costumes que eram repassados para os nativos.

Quanto aos jornais que se incumbiam de transmitir os romances folhetins, estes podem ter sido originariamente franceses. Brice pontua: “com a construção da estrada de ferro na França e a invenção do barco a vapor, heranças da grande Revolução Industrial, o jornal atravessa fronteiras e cruza os mares” (2015, p.13). Tem-se aí uma probabilidade de como eram distribuídos os jornais pelos territórios franceses, como nos locais mais longínquos das Antilhas, de Reunião e da Nova Caledônia.

Uma outra possibilidade, talvez a mais provável, é o fato de os romances folhetins serem publicados nos próprios jornais coloniais: “les feuilletons, qui occupent des milliers de colonnes dans la presse périodique, sont repiqués, soit de la presse française, soit de volumes importés”¹⁰ (LANDRY, 2000, p.68), de maneira legal ou ilegal por meio do que chamar-se-ia de “pirataria”.

conservadores igualmente (*Le Canadien, Le Courrier de Saint-Hyacinthe, Le Courrier du Canada, L’Étendard, La Minerve, Le Trifluvien, La Vérité*).

⁸ Tradução: “Por causa da sua popularidade grandíssima, a ficção francesa levanta problemas no Québec, sobretudo a partir dos anos de 1890, porque essa literatura de divertimento é divulgada à uma grande escala dentro de quase todos os jornais”.

⁹ Tradução: “Próximo do final do século XIX, a população do Québec é católica e a língua francesa é de 86,9% e sua taxa de alfabetização é de 74,4%”

¹⁰ Tradução: “Os folhetins que ocupavam milhares de colunas na imprensa periódica, são retirados, ou da imprensa francesa ou de volumes importados.”

Os romances folhetins apareciam nos jornais sem nenhuma referência aos autores dos romances. O caso seria tão sério que de todos os jornais do Canadá, que publicavam *roman-feuilleton*, apenas uma pequena porcentagem dos romances era referenciada, como reafirma Landry (2000):

[...] pendant la seule année 1892, par exemple, Le Canadien reproduit *La bossue*, *Le crime du train-poste*, *La quittance de loyer*, *L’avenir d’Aline*, *Le secret du magistrat* et *Mer sauvage*. La signature de l’auteur paraît au bas de 74 feuilletons, soit à peine un peu plus de 23 % de l’ensemble. Dans les quotidiens à grand tirage, *La Patrie* ou *La Presse*, qui en publient le même nombre (22), 5 feuilletons seulement sont signés. Si on les compare à ceux qui paraissent dans *Le Courier des États-Unis*¹, de New York à pareille date, un journal réputé pour être une des sources possibles du roman populaire français au Québec, on note un renversement de cette proportion. Pendant la même période, 28 des 34 romans parus, ou 82 % de l’ensemble, portent la signature de l’auteur. Les textes seraient-ils publiés avec l’assentiment de l’auteur ? On peut en douter, car seul *La Mayeux*, par Xavier de Montépin, reproduit en 1892, porte la mention « Grand roman inédit. Publié avec l’autorisation de l’auteur ». Au Québec, cette mention ne figure nulle part ailleurs (LANDRY, 2000, p. 69)¹¹.

Uma explicação cabível para isso é o fato de haver uma distância não somente no quesito geográfico, como também em relação às datas nas diferentes colônias. Os folhetins que eram lançados na França em um determinado período chegavam a outros locais muito tempo depois. Talvez esse seja o maior motivo que possibilitou a pirataria de muitos romances em jornais que não faziam questão de aludir à Metrópole francesa, como marca Demougin (2017):

Le retard colonial, si l’on peut le qualifier ainsi, est un thème récurrent de la publication médiatique. Il s’affiche par exemple dans la publication d’extraits des *Misérables*, paru le 30 mars à Bruxelles et le 3 avril à Paris : à la Réunion, *La Malle*, journal catholique et conservateur, publie quelques lignes du roman de Victor Hugo dans son numéro du 3 juillet, en feuilleton, tandis que *L’Avenir*, à la Guadeloupe, plus libéral, publie un extrait des *Misérables* dès le 9 mai 1862, et surtout en prenant une grande partie de la première page, sous le titre « Le soir d’un jour de marche ». (DEMOUGIN, 2017, p.8)¹²

¹¹Tradução: “Durante o único ano 1892, por exemplo, *Le Canadien* reproduz *La bossue*, *Le crime du train-poste*, *La quittance de loyer*, *L’avenir d’Aline*, *Le secret du magistrat* e *Mer sauvage*. A assinatura aparece embaixo de 74 folhetins, ou apenas um pouco mais de 23% do conjunto. Nos cotidianos de grande tiragem, *La Patrie* ou *La Presse*, que publicam a mesma quantidade (22), 5 folhetins somente são assinados. Se a gente os compara com aqueles que aparecem no *Le Courier* dos Estados Unidos, de Nova Iorque com a mesma data, um jornal reputado por ser uma das fontes possíveis do romance popular francês no Quebec, nota-se uma reversão dessa proporção. Durante o mesmo período, 28 dos 34 romances ou 82% do todo, tem assinatura do autor. Os textos seriam publicados com o consentimento do autor? Podemos duvidar, pois só *La Mayeux*, por Xavier de Montépin, reproduzido em 1892, contém a menção “Grande romance inédito. Publicado com a autorização do autor”. No Quebec, essa menção não figura em nenhum outro lugar.”

¹² Tradução: “O atraso colonial, se podemos qualificá-lo assim, é um tema recorrente da publicação mediática. Ele se vê por exemplo na publicação de excertos dos *Misérables*, [que] apareceu em 30 de março em Bruxela e no dia 3 de abril em Paris: na Reunião, *La Malle*, jornal católico e conservador, publica algumas linhas do romance de Victor Hugor no seu número de 3 de julho em folhetim, enquanto que *L’Avenir*, em Guadalupe, mais liberal publica

Mas nem sempre era isso o que acontecia, pois, de acordo com Jacques Michon (1991, apud LANDRY, 2000, p. 78), un feuilleton publié à Paris pouvait être reproduit simultanément au Québec et aux États-Unis sous plusieurs titres et dans différents journaux.”¹³. Mostra-se com isso que a transmissão dos romances folhetins pelo mundo era bem ágil no sentido de a divulgação em jornais locais ocorrerem paralelamente às das publicações nos jornais da França. Essa conjuntura deve-se à globalização alcançada com os folhetins. Assim, um mesmo romance é transmissível por vários jornais de diferentes países, com traduções feitas em diferentes línguas.

Tal qual na França, a imprensa nos territórios que foram colonizados pelos franceses também nutria um interesse lucrativo que poderia ser facilmente alcançada com a vendagem de jornais, e foi o que teve maior peso quanto à publicação dos romances folhetins, conforme explicado por Landry (2000):

Les propriétaires des journaux et des périodiques comptent beaucoup sur l’attrait du feuilleton pour soutenir l’intérêt des abonnés et augmenter les tirages. La publication du feuilleton au même endroit dans le journal, dans un cadre typographique invariable, comporte plusieurs avantages : on peut le découper, le brocher et le relier. Ces textes sont ensuite offerts sous forme de « roman en feuilles ». *L’Étendard*, notamment, les vend à 50 cents l’exemplaire. Sur le plan financier, le feuilleton représente des avantages certains. D’abord, les romans publiés par tranches coûtent sensiblement moins cher à (re)produire que les livres. Et puis, il n’y a pas de droits à payer (LANDRY, 2000, p.69)¹⁴.

Nos países colonizados pela França o lucro do folhetim não pertencia ao autor do romance, mas sim aos donos de jornais, diferentemente da realidade metropolitana francesa, cujo lucro da venda dos jornais dividia-se entre o autor de folhetim e o dono dos jornais : “en France, le feuilleton devient une source de profits importante pour les grands auteurs populaires [...] les profits sont empochés par les propriétaires de journaux.”¹⁵ (LANDRY, 2000, p. 70). Era

um excerto dos Miseráveis desde 9 de maio de 1862, e sobretudo pegando uma grande parte da primeira página sob o título “*Le soir d’un jour de marche*”.

¹³Tradução: “Um folhetim publicado em Paris poderia ser reproduzido simultaneamente no Quebec e nos Estados Unidos sob vários títulos e diferentes jornais.”

¹⁴ Tradução: “Os proprietários dos jornais e dos periódicos contam muito sobre a atração dos folhetins para sustentar o interesse dos assinantes e aumentar as tiragens. A publicação do folhetim no mesmo lugar do jornal, dentro de um quadro tipográfico invariável, comporta várias vantagens: podemos cortá-lo brochá-lo e liga-lo. Esses textos são em seguida ofertados sob forma de “romance em folhas” *L’Étendard*, especialmente os vende a 50 cents o exemplar. Sobre o plano financeiro, o folhetim representa alguns favorecimentos. Primeiramente, os romances são publicados em fatias custando sensivelmente menos caro a reproduzir do que os livros. E depois, não tem direitos a pagar”.

¹⁵ Tradução: “Na França, o folhetim torna-se uma fonte de lucros significativos para os autores populares [...] os lucros são embolsados pelos proprietários de jornais”.

exatamente isso que motivava os jornais coloniais a publicarem *roman-feuilleton*: a lucratividade.

Segundo Landry (2000, p.71), “les périodiques annoncent leurs feuilletons à grand renfort de publicité. Par exemple, pour donner un peu plus d’importance au texte, on lui appose un sous-titre ; c’est alors un ‘grand roman contemporain’, ou un ‘grand roman populaire’”¹⁶. Com o intuito de atingir um maior número de expectadores, os jornais faziam propaganda dos romances que seriam publicados *a posteriori*. Nesse sentido, fica visível como os redatores dos jornais procuravam persuadir seus leitores, de maneira propositada, com vista para garantir a assiduidade dos mesmos.

A circulação dos folhetins em alguns países coloniais era adaptada nos jornais locais de acordo com a realidade da sociedade da época, mesmo que seguissem a mesma estrutura vigente do país de origem. Assim, apesar de os folhetins serem publicados em outros países, seguia-se as normas da França quanto às publicações dos romances em jornais com a parte estrutural preservada, ou seja, sempre nos rodapés, como colocado por Demougin (2017):

Dans les colonies, les périodiques contiennent ainsi des textes adaptés à leurs territoires respectifs, mais publiés toujours selon la même structure, ce qui permet une comparaison entre les différentes stratégies conduisant à l’élaboration d’identités coloniales. (DEMOUGIN, 2017, p.2)¹⁷

É importante destacar que a adaptação de romances folhetins às realidades locais possibilitou que muitos romances estivessem presentes nesses países. Por conta disso, muitos autores também ficaram conhecidos. Dentre eles, Alexandre Dumas pai se sobressai como o que mais produziu para jornais e que mais sucesso fez na primeira fase do folhetim, sendo publicado e lido nos Departamentos Ultramarinos da França, como será visto a seguir.

A continuer...

¹⁶ Tradução: “Os jornais anunciam os folhetins a grande reforço publicitário. Por exemplo, para dar um pouco mais de importância para o texto eles colocam um subtítulo; é então “um grande romance contemporâneo”, ou “um grande romance popular”.

¹⁷ Tradução: “Nas colônias, os periódicos contêm assim os textos adaptados a seus respectivos territórios, mas publicados sempre de acordo com a mesma estrutura, que permite uma comparação entre as diferentes estratégias que levam à elaboração das identidades coloniais”.

LES ANTILLES.

COMMERCE, AGRICULTURE, MARINE, LITTÉRATURE, RELIGION, ANNONCES ET AVIS DIVERS.

PRIX DE L'ABONNEMENT.
Trois mois, 15 francs. — Six mois, 27 francs. — Un an, 54 francs.

UNION! ORDRE! TRAVAIL!...

PRIX DES ANNONCES.
De 1 à 12 lignes, 7 fr. 50. — Au-dessus de 12 lignes, 50 c. par chaque ligne.

Ce journal paraît les **Mercredi** et **Samedi**, et publie tous les actes administratifs et documents officiels qui ont rapport à la Martinique.

SAINT-PIERRE, le 14 Mars 1854.

Le *Moniteur* publie les pièces diplomatiques adressées par le gouvernement français à ses agents au dehors dans les diverses phases de la grande question qui préoccupe aujourd'hui l'Europe.

Le fait est de mettre en lumière tous les points essentiels des négociations suivies à Constantinople, à Londres, à Vienne, à Berlin et à Saint-Petersbourg, ainsi qu'à la droite de l'Intention que le gouvernement de l'Empereur a portée dans la politique qu'il s'est tracée dès le début, et la confiance avec laquelle il soumet la série de ses actes en jugement de l'opinion, est justifiée déjà par une approbation unanime.

Deux points ressortent particulièrement de cette correspondance : c'est, d'une part, la sincérité du cabinet de Paris dans la recherche des moyens propres à assurer une solution du différend, les efforts constants qu'il a faits pour sauvegarder la paix, et d'autre part, la prévoyance et la fermeté avec lesquelles il a su se tenir prêt à répondre aux fins de non-recevoir que l'opiniâtreté hantaine de la Russie a opposées successivement à toutes les propositions de transaction. Politique consciencieuse et honorable, politique prudente et résolue, voilà l'aveu qui s'échappe des bouches mêmes les plus prévenues, à la lecture de cette correspondance grave et distinguée.

Où, il est de la plus haute évidence que l'Empereur a voulu que son gouvernement ne négliât rien de ce que l'honneur comportait pour terminer le débat à l'amiable ; et la preuve en est dans toute la partie des documents publiés par le *Moniteur* qui se rapporte à la note de Vienne, comme dans celle qui concerne la seconde tentative de conciliation faite par la conférence, à Londres, à Vienne, à Berlin, à Constantinople, à Saint-Petersbourg, partout le langage est le même. Certes, on ne pouvait donner à la Russie un témoignage plus marqué de dispositions pacifiques que de choisir pour base de la transaction à opérer entre elle et la Porte les principes contenus dans cette note de Vienne, qui a provoqué pourtant, de la part du cabinet de Saint-Petersbourg, un si étrange commentaire.

A la suite de ce commentaire qui attendait l'usage à Paris, on pu être fat de cette note, il fallait bien trouver d'autres arguments de négociation. Mais l'on ne désespérait point encore des chances de la persuasion, et plus les éventualités devenaient menaçantes, plus le cabinet des Tuileries redoublait d'activité pour presser les alliés de formuler de nouvelles propositions. Ces propositions honorables pour la Russie, puisqu'elles prenaient pour point de départ les propres assurances de l'Empereur Nicolas, ses promesses formelles de respecter l'intégrité et l'indépendance de l'empire ottoman.

C'est avec le zèle le plus consciencieux, avec le désir le plus manifeste d'arrêter la guerre entre la Russie et la Porte, que le gouvernement français a fait un effort de la diplomatie. Et c'est là que l'on trouve dans les dépêches du 7 octobre, à M. le baron de Bourquenelle, de M. le général Baraguey-d'Hilliers, ne pouvant d'un doute.

Enfin, à la vue des dangers que l'indépendance de la Turquie a courus dès l'origine du différend, en présence des actes de plus en plus agressifs de la Russie, pour qui les négociations semblaient être qu'un moyen de gagner du temps, la prévoyance nous semblait être de précaution, si l'on ne voulait être pris au dépourvu. Sur ce point, les dépêches publiées par le *Moniteur* nous font voir que l'Empereur a su imprimer à sa politique toute la fermeté que nécessitent les circonstances.

C'est dès l'origine même de la contestation que le gouvernement français a tenu à être en mesure de répondre à ce nouvel effort de la diplomatie. Et c'est là que l'on trouve dans les dépêches du 7 octobre, à M. le baron de Bourquenelle, de M. le général Baraguey-d'Hilliers, ne pouvant d'un doute.

Il n'est rien d'autre à ce sujet dont la précision égale celles des instructions données le 22 mars à M. de Lacour. Ce sont les mêmes dispositions qui se retrouvent dans les dépêches relatives à l'envoi successif de notre flotte de Salamine à Beika et de Beika dans le Bosphore. On remarquera toutefois le soin attentif avec lequel M. Drozy de Lhuys s'attache, dans toutes ces occasions, à bien faire ressortir le sens de ces manifestations, qui, en progressant, ne cessent pas d'avoir un caractère purement défensif, et qui sont jusqu'au bout exemptes de toute apparence de provocation.

Il n'échappera d'ailleurs à personne que, soit dans les négociations, soit dans les démonstrations maritimes, l'Empereur, loin d'obéir à des préoccupations individuelles et exclusives, n'a rien recherché avec plus de soin que d'appeler tous les autres souverains à partager les devoirs et l'honneur de cette politique.

Feuilleton du Journal les Antilles.

CATHERINE BLUM.

SOUVENIRS DE JEUNESSE. (*)

II.

La Maison Neuve du Chemin de Soissons.

Juste au milieu de l'espace situé entre le nord et l'est de la forêt de Villers-Cotterets, espace que nous avons négligé de parcourir, puisque nous avons commencé notre pèlerinage au château de Villers-Hellon, et que nous l'avons abandonné à la montagne de Vivrières, s'étend avec les ondulations d'un gigantesque serpent, la route de Paris à Soissons.

Cette route, après avoir déjà rencontré la forêt, qu'elle traverse dans la longueur d'un kilomètre, à Gondreville, et qu'elle côtoie à la croix-Blanche; après avoir laissé à sa gauche le chemin de Crépy; après avoir fléchi un instant devant les carrières de la Fontaine-Eau-Claire; après s'être précipitées dans la vallée de Vauxiennes; après l'avoir remontée; après avoir, d'une ligne assez droite, gagné Villers-Cotterets, qu'elle coupe par un angle obtus, sort à l'extrémité opposée de la ville, et va, à angle droit, au pied de la montagne de Bampniers, côtoyer, d'un côté, la forêt, et, de l'autre, la plaine on s'élevait antérieurement cette belle abbaye de Saint-Denis dans les ruines de laquelle j'ai si joyeusement couru étant enfant, et qui, aujourd'hui, n'est plus qu'une jolie petite maison de campagne habillée de blanc, coiffée d'ardoises, parée de contrevents verts, et perdue au milieu des fleurs, des

C'est là, pour ainsi dire, l'esprit même qui anime toute la correspondance publiée par le *Moniteur*, et l'Europe y verra, comme le pays lui-même, de nouveaux témoignages de la modération résolue ainsi que de la loyauté du cabinet des Tuileries. C. B.

Système Monétaire de la France.

Un décret en date du 14 janvier vient de modifier le diamètre des pièces d'or de 10 fr., et de prescrire la fabrication de pièces d'or de 5 fr. Les pièces d'or de 10 fr., dont le module ou diamètre, exprimé en millimètres, était représenté par le nombre 19, ne seront plus à l'avenir que de 17 millimètres c'est-à-dire un millimètre de moins que les pièces d'argent de 50 c. La pièce de 5 fr., en or, aura un diamètre de 14 millimètres, soit un millimètre de moins que les pièces de 20 c. en argent et les nouveaux centimes.

En vertu donc des lois du 7 germinal an XI, du 10 juillet 1815, du 3 mai 1848, du 22 mai 1849, 6 mai 1852 et du décret du 4 janvier dernier, notre système monétaire métallique se composera d'abord :

De pièces d'or de 20 francs, pesant 6 grammes 45161, et ayant un diamètre de 21 millimètres.

Pièces d'or de 10 francs, pesant 3 grammes 22580, et d'un diamètre de 17 millimètres.

Pièces d'or de 5 francs, pesant 1 gramme 61290, et d'un diamètre de 14 millimètres.

Le titre légal de toutes ces pièces est de neuf dixièmes de métal pur et d'un dixième d'alliage; il s'exprime en millèmes, et est, en conséquence, représenté par 900 millèmes.

Il y a encore en circulation des pièces d'or de 40 fr., pesant 12 grammes 90322 et du module de 25 millimètres; mais ces pièces n'entrant pas dans le système décimal, puisqu'elles ne peuvent former autres le chiffre 100, cessent bientôt de faire partie de notre circulation. On n'en fabrique plus depuis longtemps. Les pièces de 100 fr., en or, dont la fabrication était prescrite par l'ordonnance du 8 septembre 1830, n'ont jamais été frappées ou en matière d'essai; elles ne sont pas en circulation.

Les pièces de 20 francs, pesant 6 grammes 45161, et d'un diamètre de 21 millimètres; les pièces de 10 francs, pesant 3 grammes 22580, et d'un diamètre de 17 millimètres; les pièces de 5 francs, pesant 1 gramme 61290, et d'un diamètre de 14 millimètres; les pièces de 2 francs, pesant 0 gramme 40992, et d'un diamètre de 12 millimètres; les pièces de 1 franc, pesant 0 gramme 20496, et d'un diamètre de 10 millimètres; les pièces de 50 centimes, pesant 0 gramme 25620, et d'un diamètre de 8 millimètres; les pièces de 25 centimes, pesant 0 gramme 12810, et d'un diamètre de 6 millimètres; les pièces de 10 centimes, pesant 0 gramme 51240, et d'un diamètre de 4 millimètres; les pièces de 5 centimes, pesant 0 gramme 25620, et d'un diamètre de 3 millimètres.

La pièce de deux francs, pesant 10 grammes, et d'un diamètre de 27 millimètres; la pièce de un franc, pesant 5 grammes, ayant 23 millimètres de diamètre; la pièce de 50 centimes, ou demi-franc, pesant 2 grammes 56240, et d'un diamètre de 18 millimètres; la pièce de 25 centimes, ou demi-franc, pesant 1 gramme 28120, et d'un diamètre de 15 millimètres.

Et les pièces de 20 centimes, pesant 0 gramme 10248, et d'un diamètre de 12 millimètres; les pièces de 10 centimes, pesant 0 gramme 51240, et d'un diamètre de 8 millimètres; les pièces de 5 centimes, pesant 0 gramme 25620, et d'un diamètre de 6 millimètres; les pièces de 2 centimes, pesant 0 gramme 10248, et d'un diamètre de 4 millimètres; les pièces de 1 centime, pesant 0 gramme 51240, et d'un diamètre de 3 millimètres.

La loi du 7 germinal an XI avait prescrit pareillement la fabrication

de pièces de 2 centimes et même de 3 centimes; elles n'ont jamais été frappées.

Les nouvelles pièces de cuivre ont l'avantage de pouvoir donner des longueurs métriques exactes; ainsi 40 pièces de 5 centimes mesurent 1 mètre.

50 pièces de 2 centimes mesureront pareillement 1 mètre.

30 pièces de 10 centimes et 4 de 5 centimes donneront pareillement 1 mètre.

Elles donneront pareillement des poids décimaux; 100 pièces de 10 centimes pèsent 1 kilogramme, comme 40 pièces de 5 francs en argent, ou 153 pièces d'or de 30 fr.

Un assez grand nombre de puissances ont adopté depuis quelques années le titre légal français de 900 millièmes pour la fabrication de quelques-unes de leurs monnaies.

Ne serait-il pas possible, pour arriver à l'unité générale des monnaies par rapport au titre, à la valeur des pièces et à leurs divisions, de faire ce que l'on a fait pour assurer la propriété littéraire; une série de traités de nation à nation qui finiraient par forcer les recalcitrons à entrer quelque jour dans le système. Il serait bon, en même temps, de stipuler l'adoption d'un titre universel applicable aux matières d'or et d'argent travaillées pour le commerce.

La science et l'industrie continuent de se préoccuper également de ce grand fait économique qui a surgi dans le courant de l'année dernière, à savoir l'extraction directe de l'alcool contenu dans la betterave. A ce sujet, il n'a été bruit que des nombreuses fabriques de sucre se transformant, au moins provisoirement, en distilleries; mais cette production nouvelle d'alcool paraît devoir prendre une plus grande extension qu'on ne s'y était attendu d'abord, et en quelque sorte se disséminer dans toutes les campagnes; car elle aura cette fois, pour origine et pour berceau, non un laboratoire de chimie comme le sucre indigène, mais bien une des branches de l'exploitation agricole; l'élevé du bétail ainsi que l'établissement préliminaire, un journal spécial, l'Éclair, agricole.

Ces auteurs de ce procédé, dit journal, étaient partis de ce fait : le cultivateur qui veut tirer du betterave, comme nourriture du bétail, ne peut pas s'empêcher de faire des coupes (probablement en tranches), et la paille des betteraves, dans les coupes, est généralement hachée. C'est, en effet, les débris de la betterave, et non la betterave elle-même, que les exploitations intelligentes dirigées par les uns, on fait cuire légèrement la betterave et on l'écrase, pour la mélanger aux pailles et fourrages hachés; dans les autres, on la tranche au coupe-racine, on la mêle aux pailles et fourrages hachés, et on arrose le tas de l'eau chaude pour activer la fermentation.

Dans l'un et l'autre cas, les bestiaux sont très avides de cette préparation; mais par l'effet de la fermentation, le sucre se décompose en alcool et en acide lactique, et dans les deux cas, le sucre se décompose en alcool et en acide lactique, et dans les deux cas, le sucre se décompose en alcool et en acide lactique.

Ainsi, il ne s'agit pas de convertir les agriculteurs en industriels, de leur demander des avances de capitaux considérables, des constructions coûteuses, des machines coûteuses et d'un entretien difficile; le cultivateur reste cultivateur. Il calcule ce qu'il lui faut de betteraves pour entretenir un nombre déterminé de bestiaux, et au lieu de traîner dans les champs une masse plus lourde, les quantités de betteraves nécessaires pour entretenir un nombre déterminé de bestiaux, il les traite quotidiennement comme ci-dessus, et après avoir retiré de la betterave la matière sucrée, sous forme d'alcool, matière qui se perdait par la fermentation à l'air libre, lui conserve toutes les autres éléments qui constituent essentiellement sa valeur nutritive. Le but principal, essentiel, est la nourriture et l'engraisement du bétail, et subsidiairement la production des engrais à bon marché; l'alcool est le produit secondaire qui sert à diminuer le prix de la betterave, et par conséquent de l'élevé du bétail.

L'épreuve du procédé vient d'être faite en grand dans une ferme de Troyes. L'outillage entier, y compris l'appareil à distiller, a coûté 5,000 fr. Le personnel se compose de six ouvriers, la dépense pour le chauffage est de deux hectolitres de houille par jour. On a employé par jour, de six heures du matin à six heures du soir, 2,250 kilogrammes de betterave, et il en est sorti 1,800 kilogrammes de résidus nutritifs, et 180 litres d'alcool à 50 degrés. De là, un compte établi comme suit :

qu'elle est, d'un côté par la maison, de l'autre par le jardin de cette même maison, qui, au lieu d'être situé, comme d'habitude, derrière la bâtisse ou sur un de ses flancs, est situé en face d'elle.

La maison a un aspect différent, selon les saisons.

Au printemps, vêtue de sa robe verte comme d'une robe d'avril, elle se chauffe amoureusement au soleil; on dirait alors qu'elle est sortie de la forêt pour venir se coucher au bord de la route. Ses fenêtres, et surtout une des fenêtres du premier étage, sont garnies de ravenelles, d'anémones, de coquelicots et de volubilis qui leur font des stores de verdure tout brodés de fleurs d'argent, de safran et d'or. La fumée qui s'échappe de sa cheminée n'est qu'une vapeur bleuâtre et transparente laissant à peine sa trace dans l'atmosphère. Les deux chiens qui habitent les deux compartiments de la niche bâtie à la droite de sa porte sont sortis de leur abri de planches; l'un est couché et dort paisiblement le museau allongé entre ses deux pattes; l'autre, qui sans doute a assez dormi pendant la nuit, est gravement assis sur son derrière, et, la face ridée, cigne des yeux au soleil. Ces deux chiens, qui appartiennent invariablement à la vénérable race des bassets à jambes torses, race qui s'honore d'avoir eu mon illustre aïeul Dampierre pour son peintre ordinaire, sont, invariablement encore, une femelle et un mâle; la femelle s'appelle *Reaoude*, le mâle *Barbaro*. Sur ce dernier point, cependant, c'est-à-dire sur celui des noms, on comprend que ce serait se montrer systématique que d'être absolu.

En été, c'est autre chose: la maison fait la sieste; elle a fermé ses paupières de bois; aucun jour n'y pénètre. Sa cheminée reste sans haleine et sans respiration; la porte seule, située au nord, demeure ouverte pour surveiller la route; les deux bassets sont au centre dans leur niche, aux profondeurs de laquelle le voyageur n'aperçoit qu'une masse informe, ou étendue le long du mur, au pied duquel ils cherchent à la fois la fraîcheur de l'ombre et l'humidité de la pierre.

En automne, la vigne a rougi; la robe verte du printemps a pris des tons chauds et miroitants comme en ont les velours et le satin qui ont été portés. Les fenêtres s'embellissent; mais aux ravenelles et aux anémones, fleurs des saisons printanières, ont succédé les reines-marguerites et les chrysanthèmes. La cheminée recommence à éparpiller dans

l'air les débris de sa fumée; elle a rouvert ses yeux; elle a rouvert ses yeux; elle a rouvert ses yeux.

Puis elle entre résolument dans la forêt, qu'elle occupe dans toute son épaisseur, pour n'en sortir, deux lieues et demie plus loin, qu'au relief de poste nommé Verte-Feuille.

Pendant cette longue traversée, une seule maison s'élève à droite du chemin; elle a été bâtie du temps de Philippe-Egalité, pour servir de demeure à un garde-chef. On l'a appelée alors la *Maison Neuve*, et, quo' qu'il y ait à peu près soixante-à-dix ans qu'elle a poussé comme un champignon au pied des hôtes et des chênes gigantesques qui l'ombrent, elle a, telle qu'une vieille coquette qui se fait appeler par son nom de baptême, conservé l'appellation juvénile sous laquelle elle a d'abord été connue.

Pourquoi pas? La *Pont-Neuf*, bâtie en 1577, sous Henri III, par l'architecte Durercaen, se fait bien toujours appeler la *Pont-Neuf*.

Revenons à la maison neuve, centre des événements rapides et simples que nous allons raconter, et faisons-la connaître au lecteur par une description détaillée.

La maison neuve s'élève, en allant de Villers-Cotterets à Soissons, un peu au delà du Saut-du-Chef, endroit où la route se resserre entre deux talus, et qui fut-ainsi nommée parce que, d'une chasse de M. le duc d'Orléans, qui Philippe-Egalité, toujours Louis-Philippe, on le sait, n'était point chasseur, — un cerf effaré sauta d'un talus à l'autre c'est-à-dire franchit un intervalle de plus de trente pieds!

C'est en sortant de cette espèce de défilé que l'on aperçoit, à cinq cents pas en avant, à peu près, la maison neuve, bâtie à deux étages et à tout de belles tours par des lucarnes, avec deux fenêtres au rez-de-chaussée et deux fenêtres au premier.

Ces fenêtres, percées sur un des côtés de la maison, regardent l'occident, c'est-à-dire Villers-Cotterets, tandis que sa face, tournée du côté du nord, s'ouvre sur la route même par la porte qui donne entrée dans la salle à bas, et par une fenêtre qui donne jour à une chambre du haut.

La fenêtre est directement superposée à la porte.

A cet endroit, comme aux Thermopyles, où d'n'y avait passage que pour deux chars, la route se réduit à la largeur de son pave, resserrée

(*) Voir notre dernier numéro.

2. CAPÍTULO II: PUBLICAÇÕES DE DUMAS PAI NA FRANÇA E NOS DEPARTAMENTOS ULTRAMARINOS

2.1. Início da vida de Alexandre Dumas pai

Segundo informações obtidas no sítio *Alexandre Dumas père: Deux siècle de Littérature Vivante*, mantido por estudiosos franceses e francófonos de diversas universidades no mundo, o próprio Dumas pai explica as origens dele em uma das memórias publicadas no livro *Mes Mémoires* (1891): “Je suis né à Villers-Cotterêts, petite ville du département de l’Aisne (...) Je suis né le 24 juillet 1802, rue de Lormet (...)”¹⁸. O pai, o General Thomas Alexandre Dumas Davy de la Pailleterie, teve um relacionamento com Marie Louise, uma escrava negra, e desse relacionamento nasceu Dumas: “Composé du double élément aristocratique et populaire, aristocratique par mon père, populaire par ma mère, nul plus que moi ne réunit en un seul coeur et l’admiration respectueuse pour ce qui est grand, et la tendre et profonde sympathie pour ce qui est malheureux.”¹⁹ (ibidem). O autor de *Les trois mousquetaires* ficou órfão de pai em 1806, e a síntese da adolescência é dado por Claude Schopp da *Société des Amis d’Alexandre Dumas*, coordenador da sociedade entre 1998-2010: “A l’adolescence, il découvre ce qui constituera les deux pôles de sa vie tumultueuse : l’amour des femmes et la passion pour la littérature”²⁰. A partir desse primeiro momento começa a sua carreira profissional:

Après avoir obtenu, enfin, grâce à l’appui d’anciens amis de son père, comme son tuteur Jacques Collard, une modeste place de surnuméraire, puis d’employé dans les bureaux de Louis-Philippe, duc d’Orléans, Alexandre découvre le Paris de la Restauration et entreprend en autodidacte une seconde éducation : il dévore les livres, avec la même fièvre que la vie (SCHOPP, s/d)²¹

Alexandre Dumas pai como escritor dramaturgo iniciou em 1822 quando assistiu à peça *Hamlet*. Esse fato torna-se decisivo, pois ele saiu do teatro com a certeza de que poderia

¹⁸ Tradução: “Eu nasci na Villers-Cotterêts, pequena vila do departamento de Asne (...). Eu nasci em 24 de julho de 1802, na rua de Lormet (...)”

¹⁹ Tradução: “Composto do elemento duplo aristocrático e popular, aristocrático pelo meu pai, popular pela minha mãe, ninguém mais do que eu em só coração admiração respeitosa pelo que é grande, e terna e profunda simpatia pelos infelizes.”

²⁰ Tradução: “Na adolescência, ele descobriu o que constituirá os dois polos de sua vida tumultuada: o amor das mulheres e a paixão pela literatura”.

²¹ Tradução: “Depois de ter obtido, enfim, graças ao apoio de antigos amigos de seu pai, como o seu tutor Jacques Collard, um lugar modesto de supranumerário, e a seguir então empregado nos escritórios de Louis-Philippe, duque de Orléans, Alexandre descobriu a Paris da Restauração e empreende como autodidata uma segunda educação: ele devora os livros, com a mesma febre que a vida”.

escrever algo igual, ou melhor. E assim o mesmo conhece a “Comédie Française”²², passando então a escrever enredos para o teatro. Vale ressaltar que sua primeira produção foi recusada, como Brice marca (2013):

Em 1828, ele ofereceu à comédia francesa uma tragédia chamada ‘Christine’, mas por culpa da concorrência o comitê de leitura não autorizou a montagem da peça, pois muitos grupos da época já estavam em cartaz com espetáculos que tratavam do mesmo tema (BRICE, 2013, p. 15)

Em compensação, *Henrique III e sua Corte* estabelece o início do teatro romântico na França com o seu lançamento na “Comédie Française” em 11 de fevereiro de 1829, um sonho então realizado do autor, o que lhe possibilitou fama e dinheiro. Isso era apenas o início de uma carreira brilhante que viria nos anos seguintes principalmente com as produções de romances folhetins.

Se o lado profissional de Alexandre Dumas Pai estava em voga, o lado pessoal não seria diferente, pois no mesmo período que inicia a sua carreira como dramaturgo acontece seu envolvimento com Laure Labay, costureira que era vizinha do prédio onde o mesmo residia. O filho Alexandre Dumas (1824), conhecido pela obra *A Dama das Camélias* (1848), é fruto desse relacionamento: “Laure Labay, amour d'un soir qui lui a donné l'amour de sa vie, Alexandre, son fils”²³ (SCHOPP, s/d). Quanto a esse relacionamento, não houve enlace propriamente matrimonial, pois ambos seguiram as vidas separadamente. Dumas pai foi casado em 1840 com a atriz Ida Ferrier, de quem separou-se quatro anos depois. Seria por esse motivo que Mollier (2014) chamou Alexandre Dumas de “libertino” e “herói”:

Pelo seu modo de vida assaz exuberante, sua existência desenfreada, seus amores tumultuosos, suas numerosas viagens, mas também suas tomadas de posição em favor da liberdade de povos subjugados, ele multiplicava as razões para o considerar com simpatia ou mesmo para se entusiasmar com sua coragem, sua bonomia e sua sinceridade (MOLLIER, 2014, p. 305).

²² La Comédie-Française est une institution d'une rare longévité. Fondée il y a plus de trois siècles, elle n'a manqué disparaître qu'au moment des troubles révolutionnaires, pour une très courte période. Elle a donc la particularité d'inscrire dans la durée une activité par essence éphémère. Marquée dès son origine du sceau du pouvoir, la chronologie de son histoire propre croise bien souvent celle de l'histoire nationale. (Disponível em: <<https://www.comedie-francaise.fr/fr/histoire-de-la-maison/>>. Acesso em 02 out. 2018).

(Tradução: A Comédie-Française é uma instituição de longevidade rara. Fundada há mais de três séculos, não desapareceu apenas no momento da agitação revolucionária, por um tempo muito curto. Tem a particularidade de inscrever a longo prazo uma atividade por essência efêmera. Marcada a partir de sua origem pelo selo do poder, a cronologia de sua própria história muitas vezes atravessa a da história nacional – tradução nossa).

²³ Tradução: “Laure Labay, amor de uma noite que lhe deu o amor de sua vida, Alexandre, seu filho (1824)”.

Iniciou-se assim o trajeto de um dos mais célebres escritores de folhetins, depois de tanta luta para chegar ao estrelato. Dumas consagrou-se com uma carreira brilhante que perdurou por muito tempo, garantindo-lhe as luzes dos holofotes: “jornalista, dramaturgo e um tempo proprietário de seu próprio palco, o famoso Teatro Histórico de Paris, romancista, diretor do *Mousquetaire* e do *Monte-Cristo* [jornais ilustrados], ele [Dumas] acumulava razões para residir permanentemente no centro das atenções” (ibidem, p.305). Em vida, Dumas pai escreveu e publicou mais de duzentas obras²⁴, frutos de um romancista que tinha verdadeiro empenho pelas suas produções, tanto que empregava técnicas nesses romances que faziam com que os leitores estivessem cada vez mais interessados nas histórias. Desta maneira, “Alexandre Dumas Pai não hesitava em misturar lembranças e ficção” (ibidem, p.297), valendo-se de tudo para conquistar leitores.

2.2 A carreira de Alexandre Dumas como autor de romance folhetim

Aproveitando-se do momento esplendoroso que vinha com o romantismo, fez uso de sua criatividade e dom para escrita, criando vários romances para os jornais, conseguindo tornar-se a referência em produções folhetinescas. Tudo isto por este renomado autor ter dado aos jornais os ingredientes que faltavam para que os *roman-feuilleton* se transformassem em verdadeiras “máquinas de fazer dinheiro”, como relatam Ferreira e Garcia (2013) no trabalho “A recepção do folhetim pelo *Correio Paulistano*”:

²⁴ Brice (2013) lista a maioria das obras, como : *Henry III et sa cour* (1829), *La Tour de Nesle* (1832), *Kean* (1836), “*Les Trois Mousquetaires*” (1844), *Vingt après* (1845), Le “*Comte de Monte-Cristo*” (1844-1846), *Le vi comte de Bragelonne* (1847), *La Reine Margot* (1845), *Le Bâtard de Mauléon* (1846), *Joseph Balsamo* (1846), *Les Deux Diane* (1846), *Impression de voyage : De Paris à Cadix* (1847), *Les Quarante-Cinq* (1847), *Les Mille et un fantôme* (1849), *Le Collier de la reine* (1849), *La Femme au collier de velours* (1850), *Montevideo ou une nouvelle Troie* (1850), *La Colombe* (1850) *Le Drame de quatre-vingt-treize ans* (1851), *Ange Pitou* (1851), *La Tulipe noire* (1850), *Olympique de Clèves* (1851), *Conscience l’innocent* (1852), *Histoire de la vie politique et privée de Louis-Philippe* (1852), *La Comtesse de Charny* (1853), *Le Pasteur d’Ashbourne* (1853), *Isaac Laquedem* (1853), *Les Drames de la mer* (1853), *Ingénue* (1853), *La Jeunesse de pierrot* (1854), *Une Vie d’artiste* (1854), *Catherine Blum* (1854), *Saphir* (1854), *Vie et Aventure de la princesse de Monaco* (1854), *Le Capitaine Richard* (1854), *Les Mohicans de Paris* (1854-1855), *La Tour de saint Jacques*(théâtre, 1856), *le Fils de la nuit ou le Pirate* (théâtre, 1856), *Un Cadet de famille ou Mémoire d’un jeune cadet* (1856), *L’Homme aux contes* (1857), *Charles le Téméraire* (1857), *Le Meneur de loups* (1857), *L’Invitation à la valse* (théâtre, 1857), *La Dame de volupté ou Mémoire de Jeanne d’Albert de Luynes, comtesse de verrue* (1857), *Madame chamblay, ou ainsi soit-il !* (1857), *Les Louves de Machecoul* (1858), *Black* (1858), *L’Horoscope* (1858 ou 1854) *De Paris à Astrakan* (1859), *Jeane* (1859), *L’Île de feu* (1859), *le Fils du forçat, ou Monsieur Coumbes, ou Histoire d’un cabanon et d’un chalet* (1859), *la Maison de glace* (1860), *La Route de Varennes* (1860), *Mémoire de Garibaldi* (1860), *Une aventure d’amour* (1860), *le Père de Ruine* (1860), *le Gigogne, contes pour les enfants* (1860) etc (BRICE, 2013, p. 16-17).

Dumas descobre que, para prender a atenção e suscitar expectativas em seu público, é preciso pensar em uma forma de escrita inovadora. Sua proposta é escrever com diálogos vivos, criar personagens tipificadas e cortar os capítulos no momento certo. Não se esquece de colocar em sua receita elementos de suspense e do melodrama, o que é de suma importância para garantir o envolvimento do leitor com o mundo da ficção por um período extenso de tempo. Com tais recursos, o romance folhetim se consolida em muitos cantos do mundo (FERREIRA e GARCIA, 2013, p. 89-90).

Com suas técnicas de escrita possibilitou aos jornais um acréscimo significativo nas vendas, como relata Nadaf em “O romance-folhetim francês no Brasil: um percurso histórico” (2009), Dumas pai ao produzir o romance *Le capitaine Paul* inicia o verdadeiro gênero literário, diferente dos enredos que eram publicados em jornais, o formato inovador na estrutura aumenta o número de leitores e possibilita ao jornal um acréscimo considerável nas tiragens vendidas:

(...) em 1838, entre maio e junho, Alexandre Dumas, já conhecido romancista e dramaturgo, publicou em *Le Siècle* o romance *Le capitaine Paul*. (...) devido a sua bem elaborada construção textual fragmentada, que se tornará o carro-chefe do romance-folhetim, proporcionou: ao jornal, um aumento de 5.000 novas assinaturas no curto espaço de três semanas; ao autor, um rendoso contrato como colaborador exclusivo naquele veículo de imprensa; e à literatura, o marco inicial de uma nova ficção batizada com o nome de romance-folhetim (NADAF, 2009, p. 121).

Ainda sobre as técnicas que eram empregadas pelo autor em suas mais diversas produções de folhetins, vale lembrar que estas inspirações vieram com certeza de sua vida anterior como escritor e dramaturgo. Não é à toa que os leitores ficavam tão fascinados com seus folhetins. Então, todo o conhecimento obtido anteriormente ajudava a compor seus romances. Por isso, os seus romances folhetins se assemelhavam tanto com peças teatrais, como aponta Meyer (1996):

Dumas descobre o essencial da técnica de folhetim: mergulha o leitor *in medias res*, diálogos vivos, personagens tipificados, e tem senso do corte de capítulo. Não é de espantar que a boa forma folhetinesca tenha nascido das mãos de um homem de teatro. A relação do folhetim com o melodrama que domina então, ao mesmo tempo que o drama romântico, é estreita. *Coups de théâtre* múltiplos, sempre espantosos, *chutes de rideaux* hábeis. Diga-se aliás que tanto o folhetim como o melodrama têm a ver com a forma romanesca que precede o folhetim em termos de popularidade: o chamado romance negro, ilustrado por Ann Radcliffe, e o romance na linhagem de Richardson [...] (MEYER, 1996, p. 60).

As histórias que recheavam os romances do idealizador de *Le Capitaine Paul* eram tão fascinantes que não era de se admirar que os leitores ficassem em êxtase com suas narrativas,

fazendo o público ter o tipo de sentimento almejado por ele, de felicidade alcançada por meio da fantasia. Por conta de uma escrita que refletia a sua personalidade, fazia o público leitor embarcar nas suas histórias, como Brice (2015) completa:

Alexandre Dumas escreveu por gostar e talvez também por interesse. Seus romances são de uma excelente qualidade e retratam um mundo de sonhos, sobrenatural, de tesouros, paraísos e anjos. Dumas, sobretudo, tem interesse no belo, no grandioso, no sublime, no maravilhoso, no sobre-humano. Com seu estilo de escrita, é um romancista puro. Ele conta fábulas estranhas, escreve lindos contos que devem ser lidos por prazer (BRICE, 2015, p. 13)

São justamente os romances produzidos para os jornais que fizeram com que Alexandre Dumas pai tenha se tornado popularmente conhecido. A presença das obras do criador *de Rainha Margot* era tão normal em várias partes do mundo que caberia como comparação uma espécie de conquista territorial por parte do autor, não com armas e violência, mas com histórias que versavam esses mesmos temas. Esteve presente “no México, na Argentina, no Uruguai, no Peru, mas também na Colômbia, em Cuba ou na Venezuela, (...) Dumas colonizou as mídias de seu tempo a um ponto desconhecido antes dele e, talvez, inigualado antes de 1914” (MOLLIER, 2015, p. 304). Alguns estudiosos afirmam que não existiu até início do século XX, alguém equivalente a Dumas, no que tange suas produções.

Mas de fato o que levou o autor de *O Conde de Monte Cristo* a esse patamar foi ele ter sabido aproveitar a boa fase que a imprensa estava vivendo, por isso embarcou de cabeça nas produções de folhetins com total dedicação. Assim, as ficções dele alçaram voos percorrendo vários locais por intermédio dos jornais que publicavam seus romances, atravessavam-se mares. Como exemplo de um jornal que fazia muito bem isso, tem-se o Correo Ultramar que de acordo com Mollier (2015), se incumbia de espalhar os folhetins por vários lugares:

Correo de Ultramar, impresso em Paris, de 1842 a 1886, e subtítulo “periódico, político, literario, mercantil y industrial” é muito esclarecedor sobre esse ponto. Concebido e redigido por um certo Lapeyre na capital francesa, esse jornal, dispo de um suplemento “literário y de modas”, partia duas vezes por mês da rua do Faubourg-Montmartre, onde era impresso em espanhol para o Novo Mundo. Dispo de uma rede muito densa de correspondentes instalados em Havana e em Granada nas Antilhas, em Charleston, Nova Orleães, Vera Cruz e Cidade do México na América do Norte e central bem como no Rio de Janeiro, Montevidéu, Santiago do Chile, Valparaíso, Arequipa, Lima, Bogotá, São Salvador e Caracas na América do Sul, ele estava em vias de cobrir um território imenso e de levar a eles rapidamente tanto a cultura quanto a moda e as frivolidades mais apreciadas em Paris. Mais interessante para nosso ponto de vista é a iniciativa tomada pelo fundador, Lapeyre, em 1842, de publicar em francês e em tradução espanhola (castelhana, evidentemente) os grandes romances de Dumas Pai (MOLLIER, 2015, p.300)

Daí a explicação de como os romances que eram publicados na França ganhavam as notas de rodapés de diferentes jornais em diferentes línguas, quase ao mesmo tempo: “Alexandre Dumas era lido na imprensa na América do Sul, em francês e em espanhol, quase no mesmo momento que na Europa” (MOLLIER, 2014, p.301). Como era possível essa leitura de pessoas que não tinham conhecimento acerca do francês? Existe uma explicação razoavelmente significativa para tal questionamento: as obras, segundo Mollier, eram traduzidas “[...] na maior parte das línguas do planeta, mas mais massivamente em espanhol [...] Dumas ilustra os processos de globalização da tradução em curso no século XIX” (Ibidem, p. 304).

As traduções que eram feitas dos romances de jornais acabavam, de certa forma, por “nacionalizar” tais produções. Ao serem publicadas na língua de um determinado país, os romances adquiriam traços culturais desses locais, e sua população acabava por gostar desses como se fossem realmente uma produção local, mas não eram somente os romances que eram nacionalizados como parte das nações onde tinham-se as traduções dos folhetins. No caso em questão Dumas pai teve variadas nacionalidades, como pontua Mollier (2014):

Certamente, a nacionalização das produções estrangeiras chegou em muitos casos a alimentar o nacionalismo dos povos que construíam seu Estado-nação e exaltavam a superioridade de sua língua, mas esse processo era quase universal e se acompanhava também de um culto dos grandes romancistas estrangeiros que não se pode subestimar (MOLLIER, 2014, p. 303).

Aqui se observa a velocidade que era empregada na circulação dos romances folhetins, justamente por ser um objeto tão explorado. Também é perceptível a agilidade nas traduções feitas para cada local (tornar os romances lidos era com certeza sinônimo de rentabilidade), por isso que para Mollier (2015) Alexandre Dumas pai soube se adaptar à esse período de globalização, devido à grande circulação de seus folhetins pelo mundo:

[...]comentado, discutido, publicado, logo traduzido e exportado, notadamente do Rio Grande à Terra de Fuego, ele conheceu em vida os efeitos dessa primeira forma de globalização das trocas, que começava a imprimir ao mundo um aspecto de aldeia planetária (MOLLIER, 2015, p. 305)

Muitos tradutores também se beneficiaram das obras de Dumas. Estas eram tão populares que ficavam fáceis de serem publicadas em jornais de diversos países sem a devida credibilidade ao autor: quando havia a tradução de alguns dos romances folhetins de Alexandre Dumas pai para publicação nos jornais, estes eram publicados sem a identificação do autor, em alguns casos outros autores assumiam a autoria dos folhetins, assim o plágio acontecia e não se

pagava os direitos autorais, graças a esses tradutores, como coloca Brice (2015, p.12): “[...] sua produção [de Alexandre Dumas pai] era enorme e naquela época o plágio já era uma realidade, ou seja, a imitação de obras literárias para fins lucrativos, assim como também já existia o roubo de direitos autorais de bens simbólicos”. Se por um lado existiu prejuízo para Dumas pai em decorrência das traduções das obras, sem os devidos reconhecimentos destinados a ele, por outro lado, é graças a essas traduções, que os *romans-feuilletons* se tornaram conhecidos pelo mundo e muitas delas permanecem até os dias atuais transformadas em livros.

Era impressionante a rapidez com que os *romans-feuilletons* circulavam em curtos períodos de tempo, entre continentes. Verifica-se desta maneira que não existia distância para impedir a exportação das narrativas, chegando a vários países quase ao mesmo tempo para serem imediatamente publicados. Um bom exemplo para ilustrar a concomitância que existia nas publicações dos folhetins de Dumas pai em diferentes países, graças a circulação em larga escala, está em *Le Capitaine Paul* – que chegou em 1838 no Jornal do Commercio do Brasil, no mesmo ano que fora lançado pela primeira vez no jornal *Le Siècle* na França, como explica Marlyse Meyer:

Uma nota de rodapé do Jornal do Comércio de 31 de outubro de 1838 chama a atenção dos leitores para o acontecimento do dia: a publicação do primeiro capítulo de “linda novela, O capitão Paulo, (...) traduzida por J. C. Muzzi”. A publicação se estende de 31 de outubro a 27 de novembro (MEYER, 1996, p. 32)

Agora entende-se como este renomado autor conseguiu manter-se por longos anos, mesmo depois de sua morte, entre os principais autores que se dedicaram a escrever romances de folhetins: “o caráter prolífico de sua criação, a lista desmesuradamente extensa de seus romances populares contribuiu grandemente para mantê-lo durante quase vinte anos no topo da lista.” (MOLLIER, 2015, p. 304). Alexandre Dumas era exaltado ao servir de referência para outros que se aventuravam no mesmo gênero literário. Até os mais experientes nesse ramo de entretenimento não achavam que conseguiam se equiparar a ele.

Segundo Marlyse Meyer (1996, p.32), “foram numerosíssimos os produtores e os produtos folhetinescos, dimensionados pelo próprio apetite voraz dos consumidores” – ou seja, a demanda era grande, devido ao sucesso que se tornou os romances folhetins depois que Alexandre Dumas firmou-se como escritor de *roman-feuilleton*, mas foram poucos os escritores que ficaram marcados na história como folhetinistas e poucas são as obras lembradas na atualidade, até mesmo as de Dumas pai. De todas os romances que foram escritos e publicados em jornais no século XIX, como já mencionado anteriormente, quantas são lidas, estudadas e

celebradas? Se levado em consideração os números de romances que ainda hoje estão em circulação, vê-se que os mesmos são pouco numerosos, mostrando com isso que as obras se tornaram desvalorizadas. As de Alexandre Dumas pai por exemplo, existiam de acordo com o aumento no índice de leitores, o que fez com que ele escrevesse muitos romances para os jornais, mas nos dias atuais há pouca circulação desses romances, assim pressupõe-se que não se lê mais o mesmo quantitativo que antes.

Muitas narrativas eram novas e com enredos parecidos, e as mesmas ganhavam vida à medida que se percebia o aumento nas vendas dos periódicos, se estes vendessem significaria que a fórmula estava funcionando e aí sim, aumentava-se mais um capítulo. Em outros termos o capítulo somente era escrito depois que se tivesse a certeza que o público estava gostando dos romances. Dessa maneira, o autor tinha total controle sobre as suas narrativas, e seus personagens ganhavam vida conforme a necessidade, que era indicada diariamente com as tiragens vendidas. Se houvesse a necessidade de prolongar a história, a demanda de personagens seria maior, ou se pelo contrário, fosse necessário diminuir o número de capítulos por quaisquer motivos, sejam eles censura, quebra de contrato ou a simples perda de interesse por parte dos leitores, os personagens teriam que ser assassinados e o romance se encerraria, e isso Dumas pai sabia fazer perfeitamente bem, sem alterar a sequência lógica dos acontecimentos.

Um outro romance que saiu em folhetim diário e enlaçou seus leitores com suas histórias inebriantes foi sem dúvidas *Le Comte de Monte Cristo*, muito aguardado antes mesmo do seu lançamento, por se tratar de uma produção de Dumas pai. Meyer (1996, p. 61) mostra exatamente isso: “anunciado no jornal como ‘sendo parte das impressões de viagem de M. Dumas’ *Le comte de Monte Cristo* sai em folhetins diários (...) no *Journal des Débats*” (MEYER, 1996, p. 61), e assim em 28 de agosto de 1844 a história de Édmond Dantes começou a ser publicado como algo que fez parte de uma das aventuras de Alexandre Dumas pai, talvez por conta disso colaborou para a boa aceitação entre os leitores. Abaixo, vê-se a primeira página de uma edição do *Journal Des Débats*, com o primeiro capítulo de *Le Comte de Monte Cristo* (figura 3):

FIGURA 3: imagem do Journal des Débats com o primeiro capítulo de Le Comte de Monte Crito



FONTE: <http://gallica.bnf.fr / Bibliothèque nationale de France Disponible em: <http://gallica.bnf.fr/>

Source gallica.bnf.fr / Bibliothèque nationale de France

Para se ter noção do tamanho do sucesso de Alexandre Dumas, o público leitor aguardou vários meses pelo desfecho de *O Conde de Monte Cristo*. Apesar de todos os atrasos no prazo de entregar dos capítulos ao *Journal Les Débats*, dos longos períodos de suspensão e dos inúmeros finais, não houve prejuízo na boa aceitação perante o público.

Marlise Mayer em seu livro *Folhetim: Uma história (1996)* apresenta uma carta escrita²⁵ por Alexandre Dumas para se desculpar pelo atraso na entrega dos capítulos de *O Conde de Monte Cristo*, na qual o mesmo coloca como motivo para seu atraso a demora em obter a permissão de personagens reais, nos quais a história foi baseada, para liberação da publicação ou mesmo em conseguir manter a identidade secreta de tais personagens. Mas esse fato é questionado devido o autor ter fechado contrato com vários jornais ao mesmo tempo. Abaixo pode ser visualizado recortes do jornal *Des Débats* de 20 de dezembro de 1844, com a publicação da carta de desculpa de Dumas pai ao redator do jornal (figuras 4 e 5):

²⁵ Ao redator:

Monsieur, meu atraso em entregar a última parte de Monte Cristo necessita uma explicação menos para o senhor do que para o senhor do que para os leitores do Journal des Débats que tiveram a benevolência de aceitar com agrado o começo de meu trabalho.

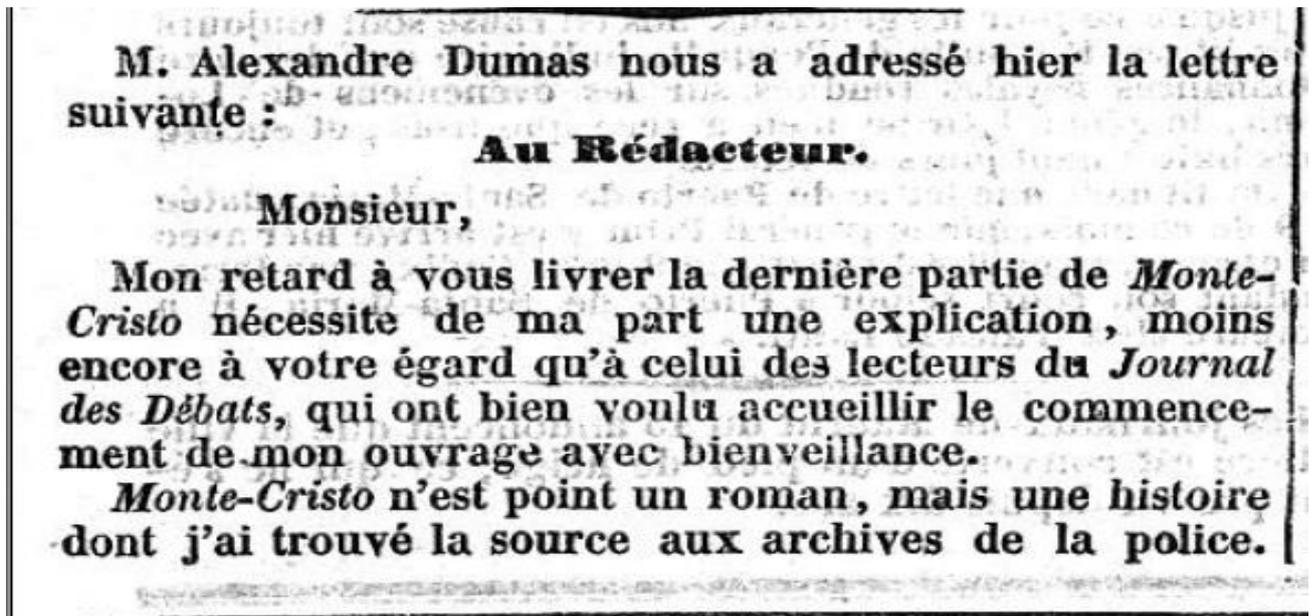
Monte Cristo não é um romance, mas uma história cuja fonte encontrei nos arquivos da polícia. Ora, foram necessárias muitas pesquisas para agora acompanhar as andanças de nosso herói em Paris.

E como muita gente vive ainda que poderia ficar comprometida se o desenlace desse terrível drama fosse exposto à grande luz da justiça em vez de permanecer no escuro do mistério, eu preciso receber dessas pessoas a devida autorização para falar delas abertamente, ou então ter redobrado trabalho para poder devidamente travestilas de modo a evitar a curiosidade pública sobre suas pessoas.

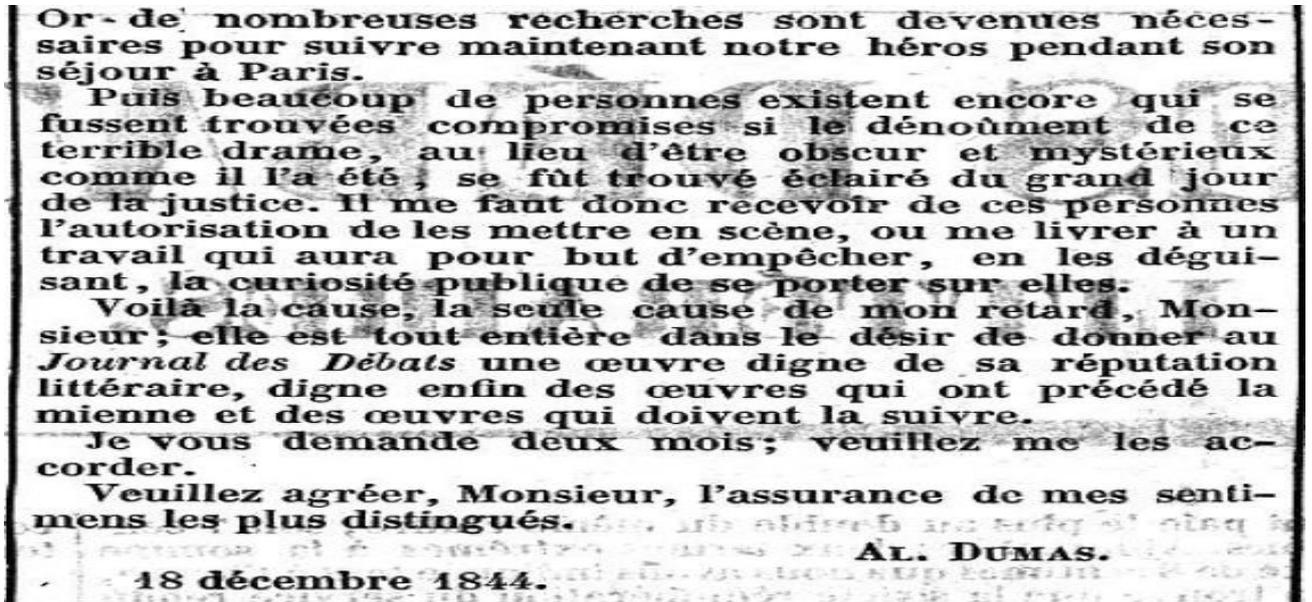
Eis a causa, a única causa de meu atraso, monsieur; ela reside inteiramente no desejo de dar ao Journal des Débats uma obra digna de sua reputação literária, digna enfim das obras que precederam a minha e das que se lhe seguirão.

Pedindo desculpas,

Alexandre Dumas, 18 de dezembro de 1844.

FIGURA 4: imagem da carta escrita por Dumas pai e publicada no jornal *Des Débats*

FONTE : <[http://gallica.bnf.fr/Bibliothèque nationale de France](http://gallica.bnf.fr/Bibliothèque_nationale_de_France)>
Disponível em:< <http://gallica.bnf.fr/>>

FIGURA 5: continuação da carta escrita por Dumas pai e publicada no jornal *Des Débats*

FONTE : <[http://gallica.bnf.fr/Bibliothèque nationale de France](http://gallica.bnf.fr/Bibliothèque_nationale_de_France)>
Disponível em:< <http://gallica.bnf.fr/>>

De fato, o autor em questão estava em alta com seus romances folhetins, e via-se claramente quando as demandas de jornais para que ele produzisse romances eram muitas, tanto que Dumas pai encontrava-se com trabalhos sendo publicados em mais de um jornal. Diante de tal lógica, os ganhos financeiros também aumentaram. Para Meyer (1996, p. 62), Alexandre

Dumas pai era muito requisitado pelos jornais franceses que tinham interesse em publicar os romances dele, por sua vez ele se valia disso e não recusava as ofertas que lhe eram feitas, aceitando escrever para vários jornais ao mesmo tempo:

(...) Dumas estava trabalhando ao mesmo tempo na redação da *Dama de Monsoreau* para o *Constitutionnel*, continuava o *Chevalier de Maison-rouge*, começava *Les quarante-cinq* e cobrava a seu *négre Maquet*, um de seus redatores auxiliares, que se apressasse em fornecer, “mas trinta ou quarenta páginas de *chicot*”. “E, para amanhã, um capítulo de *Maison-rouge*, e depois, se depois de amanhã puder vir almoçar comigo e levar quinhentos francos, poderíamos fazer algum Monte Cristo. Mas continue *Chicot*, não tenho mais nada. Vamos largar o Monte Cristo por enquanto, que estava indo tão bem! (MEYER, 1996, p. 62)

Se *O Conde de Monte Cristo* ficou enraizado como um dos maiores e mais rentáveis folhetins, não seria diferente quando o *roman-feuilleton* em voga é *Les Trois Mousquetaires*, este muitas vezes apontado como o maior e melhor romance folhetim do autor. Realmente, se for visto pelo viés dos dias atuais, ver-se-á uma longa lista de produções de vários gêneros que foram embasados neste celebre folhetim. A obra *Os três mosqueteiros* foi publicado pela primeira vez no *Le Siècle* em 14 de março de 1844. Note-se bem que houve muitas outras publicações do mesmo romance em jornais diferentes no mesmo país e em outros países, principalmente em colônias franceses. Ainda no ano de 1844 foi publicado *Le Comte de Monte Cristo*. Em seguida tem-se a edição de número 76 do jornal *Le Siècle* com o primeiro capítulo de *Les trois mousquetaire* (figura 6):

FIGURA 6: imagem do jornal Le Siècle com o 1º capítulo de *Les Trois Mousquetaires*



FEUILLETON DU SIÈCLE. — 14 MARS.

LES TROIS MOUSQUETAIRES. (1)

Préface

Dans laquelle il est établi que malgré leurs noms en ce et en ce, les héros de l'histoire que nous allons avoir l'honneur de raconter à nos lecteurs n'ont rien de mythologique.

Il y a un an à peu près, qu'en faisant à la Bibliothèque royale des recherches pour mon histoire de Louis XIV, je tombai par hasard sur les *Mémoires de M. d'Artagnan*, — inappris, comme la plus grande partie des ouvrages de cette époque, où les auteurs tentent à dire la vérité sans aller un tour plus ou moins long à la Bastille, — à Amsterdam, chez Pierre Rouget. La lire me réussit, je l'emportai chez moi, avec la permission de M. le conservateur, bien entendu, et je la dévorai.

Mon intention n'est pas de faire ici une analyse de ce curieux ouvrage, et je me contenterai d'y renvoyer ceux de mes lecteurs qui apprécient les tableaux d'époque. Il y a trouvé des portraits crayonnés de main de maître, et quelquefois des esquisses soignées pour le plupart du temps tracées sur des portes de cabinet et sur des murs de cabaret. Ils n'y reconnaîtront pas moins, aussi ressemblants que dans l'histoire, de M. Anquetil, les images de Louis XIII, d'Anne d'Autriche, de Richelieu, de Mazarin et de la plupart des courtisans de l'époque.

Mais, comme on le sait, ce qui frappe l'esprit capricieux du poète, n'est pas toujours ce qui impressionne la masse des lecteurs. Or, tout en admirant, comme les autres admireront sans doute, les détails que nous avons signalés, la chose qui nous préoccupe la plus est une chose à laquelle, bien certainement, personne avant nous n'avait fait la moindre allusion.

D'Artagnan raconte qu'à sa première visite à M. de Tréville, capitaine des mousquetaires du roi, il raconta dans son antichambre trois jeunes gens servant dans l'illustre corps où il sollicitait l'honneur d'être reçu, et ayant noms Athos, Porthos et Aramis.

(1) La reproduction de ce roman est interdite sous peine de poursuites en contrefaçon.

Nous l'avons vu, ces trois noms étranges nous frappèrent, et il nous vint aussitôt à l'esprit qu'ils n'étaient que des pseudonymes, à l'aide desquels d'Artagnan avait déguisé des noms peut-être illustres, et quelquefois les porteurs de ces noms d'emprunte les avaient pas choisis eux-mêmes le jour où, par caprice, par mécontentement ou par défaut de fortune, ils avaient endossé la simple casaque de mousquetaires.

Dès lors nous n'étions plus de repos que nous n'eussions retrouvé dans les ouvrages contemporains une trace quelconque de ces noms extraordinaires qui avaient fait brévielle notre curiosité.

Le seul catalogue des livres que nous lûmes pour arriver à ce but remplissait le feuillet tout entier, ce qui serait peut-être fort instructif, mais à coup sûr peu amusant pour nos lecteurs. Nous nous contentâmes donc de leur dire qu'à ce moment où, dégoûté de tant d'investigations infructueuses, nous allions abandonner notre recherche, nous trouvâmes en fin, guidés par les conseils de notre illustre et savant ami Paulin Paris, un manuscrit in-folio, dont le n° 4772 ou 4775, nous ne nous le rappellerons plus, ayant pour titre :

« Mémoire de M. le comte de La Fère, concernant quelques-uns des événements qui se passèrent en France vers la fin du règne du roi Louis XIII et le commencement du règne de Louis XIV. »

Or devine si notre joie fut grande lorsqu'en feuilletant ce manuscrit, notre dernier espoir, nous trouvâmes à la vingtième page le nom d'Artagnan, à la vingt-septième le nom de Porthos, et à la trentième le nom d'Aramis.

La découverte d'un manuscrit complètement inconnu dans une époque où la science historique est poussée à un si haut degré, nous parut une trouvaille presque miraculeuse. Aussitôt nous habâmes-nous de solliciter la permission de le faire imprimer, dans le but de nous présenter un jour avec le bagage des autres à l'Académie des inscriptions et belles-lettres, si nous n'arrivons, chose fort probable, à entrer à l'Académie française avec notre propre bagage.

Cette permission, nous devons le dire, nous fut gracieusement accordée, ce que nous consignons ici, pour donner un démenti public aux malveillans qui prétendent que nous vivons sous un gouvernement assez médiocrement disposé à l'endroit des gens de lettres.

Or, c'est la première partie de ce précieux manuscrit que nous offrons aujourd'hui à nos lecteurs, en lui restituant le titre qui lui convient, prenant l'engagement, si, comme nous n'en doutons pas, cette première partie obtient le succès qu'elle mérite, de publier incessamment la seconde.

En attendant, comme le parain est un second père, nous invitons nos lecteurs à s'en prendre à nous, et non au comte de La Fère, de nous plaindre ou de son ennemi.

Cette fois, passons à notre histoire.

LES TROIS PRÉSÈNS DE M. D'ARTAGNAN PRÈS.

Le premier lundi du mois d'avril 1625, le bourg de Meung, où naquit l'auteur du *Roman de la Rose*, semblait être dans une révolution aussi étrange que les huguenots en fussent venus à leur seconde Rochelle. Plusieurs bourgeois voyant s'enfler les flots de la grande rue, entendant les enfans crier sur les seuils des portes, se hâtaient d'endosser leurs culottes, et appuyant leur contenance que peu incertaine d'un mousquetaire ou d'une pertuisane, se dirigeaient vers l'hôtel de France-Ménilier, devant laquelle s'empressait, en grossissant de minute en minute, un groupe compact, bruyant et plein de curiosité.

En ce temps là les paniques étaient fréquentes, et peu de jour se passaient sans qu'une ville ou l'autre enregistrât sur ses archives quelque événement de ce genre. Il y avait les seigneurs qui guerroyaient entre eux, il y avait le roi qui faisait la guerre au cardinal; il y avait l'Espagne qui faisait la guerre au roi. Puis, entre ces guerres sourdes ou publiques, secrètes ou patentes, il y avait encore les voleurs, les malfaiteurs, les huguenots, les loupes et les lapins qui faisaient la guerre à tout le monde. Les bourgeois s'armaient toujours contre les voleurs, contre les loupes, contre les lapins; — souvent contre les seigneurs et les huguenots; — quelquefois contre le roi; — mais jamais contre le cardinal et l'Espagne. Il résultait donc de cette habitude prise, que se assistait le premier lundi du mois d'avril 1625, les bourgeois entendant du bruit, et se voyant ni le guidon jaune et rouge, ni la livrée du duc de Richelieu, se précipitèrent du côté de l'hôtel de France-Ménilier.

Arrivé là, chacun put voir et reconnaître la cause de cette rançon.

Un jeune homme, — traçons son portrait d'un seul trait de plume: — figurez-vous don Quichotte à dix-huit ans; don Quichotte décoré, sans haubert et sans casard; don Quichotte revêtu d'un pourpoint de laine, dont la couleur bleue s'était transformée en une nuance bistre; un sac de lin de vin et d'azur céleste. Visage long et brun; la pommette des joues saillante, signe d'astuce; les muscles maillonnées énormément de coups de main; les indices infaillibles ou reconnait le Gascon; mains bariolées, et notre jeune homme portait un bréchet orné d'une espèce de plume; l'œil ouvert et intelligent; le nez crochu, mais finement dessiné; trop grand pour un adolescent, trop petit pour un homme fait, et qui un peu exercé eût pris pour un fils de fermier en voyage, sans la longue épée qui, pendue à un baudrier de peau, battait les mollets de son propriétaire quand il était à pied, et le poil hérissé de sa monture quand il était à cheval.

Car notre jeune homme avait une monture, et cette monture était même si remarquable qu'elle fut remarquée; à l'heure d'un *livre de l'Espagne*.

E o que falar de seus folhetins que além de serem famosos também serviam de inspiração para outras produções, de autores que seguiam na esteira de Alexandre Dumas pai, com todas as suas inovadoras técnicas de escrita, procuravam esses adeptos achar o “ingrediente secreto” para conquistar espaço no meio folhetinista:

A invenção de (...) Dumas vai transformar-se numa receita reproduzida por centena de autores e a particular estratégia narrativa que visava criar um efeito de suspense para uma conseqüente fidelização do leitor, passa também, a designar o novo modo de publicação do romance. Praticamente toda a ficção em prosa da época passa a ser publicada em folhetim, para depois então, conforme o sucesso obtido, sair em volume (RAFAEL, 2012, p. 36).

As obras de Dumas fizeram tanto sucesso que algumas foram reescritas; a exemplo de Dom Quixote, que ganhou seqüência por leitores anônimos que publicaram independentemente (o caso Avellaneda e Cervantes) e essas seqüências fazem tanto ou mais sucesso que a original. É exatamente assim que acontece com *O Conde de Monte Cristo*, reescrito por autores guiados pelas características de Dumas pai, também leitores das obras dele, e por isso conheciam muito bem toda a história. Guimarães (2007) cita o caso de Alfredo Possolo, que deu seqüência ao final de *O Conde de Monte Cristo*:

O que fica claro após a leitura do romance em questão é que as técnicas folhetinescas aparecem bem demarcadas no enredo. Esse fato comprova que Alfredo Possolo as dominava, levando-se em consideração que era autor de romances populares e leitor assíduo de literatura e, conseqüentemente, das obras de Dumas. Bastante conhecedor dessa estrutura folhetinesca, ao que parece, Possolo foi muito criativo no que se refere à ideia de produzir um final para “O Conde de Monte Cristo”, ao invés de se encarar a história como um mero desenvolvimento sobre o tema da vingança, constante no romance de Dumas (GUIMARÃES, 2007, p. 4).

Se na França, onde o pai de *Les trois Mousquetaires* já se fazia presente em vários jornais, os seus romances folhetins ainda eram ansiados com bastante expectativas, imagine em locais onde não havia tanta exploração deste autor. Os romances folhetins apareciam uma vez ou outra nos jornais, e quando chegava-se a esses jornais, eram tratados com verdadeira solenidade.

Pode-se ver, por exemplo, o jornal *Filiatreult* de Québec que anuncia publicação de *Os três mosqueteiros*: “Le 5 novembre, Filiatreault annonce qu’il publiera en feuilleton Les trois mouquetaires de Dumas père”²⁶. (LANDRY, 2000, p. 73). Vê-se a antecipação que existia

²⁶ Em 5 de novembro, Filiatreault anuncia que publicará em folhetim *Os três mosqueteiros* de Dumas pai.

também nas colônias francesas para chamar a atenção dos leitores, uma vez que era um romance de Alexandre Dumas pai.

Os romances folhetins de Dumas pai eram verdadeiramente um produto de exportação, de maneira que as mesmas não ficaram retidas na França, mas se alastraram por vários outros lugares. No Canadá consta a presença de muitos dos romances de Alexandre Dumas pai, apesar de existir forte censura por parte dos governantes e da própria igreja católica:

Pourtant, *Le Monde*, un journal catholique de Montréal, publia une version des *Trois mousquetaires* au début de 1894, après avoir soumis le roman à la censure de l'Archevêque de Montréal. Honoré Beaugrand, propriétaire de *La Patrie*, souligne cette contradiction flagrante. Dans une lettre adressée au chancelier de l'Archevêché de Montréal, il mentionne également un canular : dans le but de tendre un piège aux autorités ecclésiastiques, il annonçait que son journal reproduirait un autre roman de Dumas père, *Le comte de Monte-Cristo*. L'interdiction de publier ne s'est pas fait attendre et Beaugrand rappelle au chanoine chancelier qu'il s'agit là d'une « question de politique, une question de rouge et de bleu (LANDRY, 2000, p. 74)²⁷

No Departamentos Ultramarinos da França – Guiana Francesa, Guadalupe e Martinica –, apesar de não ser vista com bons olhos a presença de jornais nesses territórios, não houve como não aceitar que um veículo importante se desenvolvesse como parte da vida literária de seus habitantes: “Sur les territoires colonisés par la France paraissent des journaux locaux qui suivent le développement national de la presse : entre 1830 et 1880, l'époque est médiatique et le journal est un support important des publications littéraires.”²⁸ (DEMOUGIN, 2017, p. 1), por isso que estes jornais tinham que coexistir com as ideologias locais:

Dans l'idéologie coloniale, le territoire est en effet premier : dans la presse, cette position prédominante est mise en lumière par le traitement de la distance à la métropole, par certains lieux traités en abondance ; le journal colonial se caractérise également par une écriture qui adapte les descriptions au discours colonial environnant et au phénomène qui vise à construire un territoire familier [...] (DEMOUGIN, 2017, p.6).

²⁷ Tradução: No entanto, *Le Monde*, um jornal católico de Montreal, vai lançar uma versão dos Três mosqueteiros no início de 1894, depois de ter submetido o romance à censura dos Arcebispo de Montréal. Honoré Beaugrand, proprietário de *La Patrie*, sublinha esta contradição flagrante. Em uma carta endereçada ao chanceler de Arcebispo de Montréal, ele também menciona uma fraude: a fim de definir uma armadilha para as autoridades eclesiásticas, ele anunciava que seu jornal reproduzia um outro romance de Dumas pai, O Conde de Monte Cristo. A proibição de publicar não demorou a chegar e Beaugrand lembrou o chanceler que isso é uma “questão de política, uma questão de vermelho e de azul”

²⁸ Tradução: Nos territórios colonizados pela França apareciam jornais locais que acompanhavam o desenvolvimento nacional da imprensa: entre 1830 e 1880, o tempo é midiático e o jornal é um importante suporte para publicações literárias. (DEMOUGIN, 2017, p.1)

²⁹ Tradução: Na ideologia colonial, o território é de fato primeiro: na imprensa, esta posição predominante é destacada pelo tratamento da distância até a metrópole, por alguns lugares tratados em abundância: o jornal colonial também é caracterizado por uma escrita que adapta as descrições ao discurso colonial circundante e ao fenômeno que visa construir um território familiar (...)

Não há como não pensar em romances de folhetins sem lembrar de *O Conde de Monte Cristo, Os três Mosqueteiros, A Rainha Margot*. Dentre tantos outros romances de folhetins que apareceram nos jornais no século XIX, os que foram escritos por Dumas pai são, sem sombra de dúvida, os mais lembrados, lidos e vendidos. Depois de ter vivido 68 anos Alexandre Dumas morreu em Puys, França, no dia 5 de dezembro de 1870 com os romances lhe rendendo ainda louros póstumos:

Criando personagens e um universo romanesco que se prestava admiravelmente à transmidialidade, a migração de um suporte a outro, Dumas Pai logo iria conhecer, ainda que *post mortem*, a glória no cinema. (...) Universal por esse aspecto, quase divino ou a isso aspirando pela plasticidade de suas obras facilmente transponíveis para o teatro, o cinema e a televisão, ele acompanhou de modo original o desenvolvimento do comércio marítimo no mundo. Se era agradável ao passageiro do barco que deixava Le Havre, Southampton, Sevilha ou Lisboa procurar seus romances em francês, em espanhol ou em português em uma biblioteca a bordo, era, de certo modo, um meio engenhoso encontrado por seus empresários dos dois continentes para lembrar aos viajantes e aos migrantes que, tanto na América quanto na Europa, Alexandre Dumas era considerado um gênio, provavelmente um dos maiores de sua época, e que não se podia viver sem ter lido suas obras principais (MOLLIER, 2014, p.11).

Os folhetins de Alexandre Dumas pai foram transformados em livros, “praticamente toda ficção em prosa da época passa a ser publicada em folhetim, para então depois, conforme o sucesso obtido, sair em volume.” (MEYER, 1996, p 63), posteriormente em filmes, novelas, até mesmo literatura de cordel.

Um verdadeiro chamariz de sonhos o era Dumas pai, com todas as criações. É impossível não reconhecer a riqueza que ele era como escritor, também não causa estranheza quando para muitos o simples nome de Dumas pai era capaz de muitas coisas inclusive de criar um gênero “Quoiqu'il en soit, sous le nom d'Alexandre Dumas se crée un genre”³⁰ (SCHOPP, 2010)³¹.

Ao longo do capítulo pode-se ter um panorama de como os romances folhetins foram decisivos na vida de Dumas pai. A partir das produções feitas para os jornais, o autor ganhou prestígio no meio literário, reconhecimento entre o público leitor e dinheiro. Este último por conta das inúmeras dívidas obtidas, por causa do nível de vida que o autor mantinha, se extraviou. Mas de fato, o que realmente interessou foi saber que as obras estiveram presentes

³⁰ Tradução: “Seja como for sobre o nome de Alexandre Dumas se cria um gênero”.

³¹ Do sítio Alexandre Dumas: deux siècles de littérature vivante, mantido pelos estudiosos do Société des Amis d'Alexandre Dumas.

em várias partes do mundo, inclusive nos países Ultramarinos franceses, como poderá ser visto a seguir no capítulo 3, com a presença de obras de Alexandre no jornal *Les Antilles* de origem martiniquense.

A continuer...

LES ANTILLES.

COMMERCE, AGRICULTURE, MARINE, LITTÉRATURE, RELIGION, ANNONCES ET AVIS DIVERS.

PIERRE DE L'ABONNEMENT.

Trois mois, 15 francs. — Six mois, 27 francs. — Un an, 54 francs.

UNION! ORDRE! TRAVAIL!

PRIX DES ANNONCES. De 1 à 12 lignes, 7 fr. 50. — Au-dessus de 12 lignes, 50c. par chaque ligne.

Ce Journal paraît les Mercredi et Samedi, et publie tous les actes administratifs et documents officiels qui ont rapport à la Martinique.

SAINT-PIERRE, le 21 Mars 1854.

Correspondance.

Paris, 1^{er} mars 1854.

La réponse de l'Empereur de Russie est suffisamment connue. L'Empereur Nicolas n'a accepté que les propositions d'accommodement qui lui avaient été présentées.

Cette réponse lève tous les doutes, mais aucune crainte n'en est résultée, par suite de la cordiale entente de l'Angleterre et de la France, proclamée encore une fois à la Chambre des Communes par lord John Russell.

La réponse du czar a plutôt satisfait que contrarié l'opinion publique. Toute incertitude a cessé, et il est assuré d'avance qu'une guerre décelée et éternelle ne pourra se tourner à l'avantage de la France; au reste, grâce au Gouvernement d'avoir émis l'ère si fâcheuse des négociations qui ne profitaient qu'à la Russie.

Au reste, la France n'avait pas attendu la réponse du czar pour prendre les mesures nécessaires. Elle est prête à tout événement, et l'on assure qu'une partie des troupes françaises qui doivent former l'expédition d'Orient ont déjà été embarquées à Constantinople. Le Gouvernement paraît surtout s'être attaché, depuis plusieurs mois, à faire de grands préparatifs d'équipement et d'approvisionnement militaires; car à l'époque actuelle, un mois suffit pour lever une nouvelle armée, du moment où l'on se prépare à l'avance tout ce qui est nécessaire pour équiper les nouveaux soldats.

La prévoyance de l'Empereur s'étend à toutes les éventualités qui peuvent surgir de la crise actuelle. C'est ce qu'atteste un nouveau document diplomatique publié par le *Moniteur*. Cette circulaire de M. Drozy de Lhuys à tous les agents diplomatiques et consulaires de la France porte que les intérêts et les nationaux français ou anglais sur tous les points du globe seront placés sous la protection commune et réciproque des agents et des pavillons de ces pays, dans les cas d'urgence résultant de l'état de guerre.

On ne peut qu'applaudir à l'esprit de prévoyance qui a dicté aux deux cabinets une mesure si favorable au commerce de l'une et de l'autre nation, et si propre à rendre à l'avance impossible toute pensée de la Russie d'enrôler des corsaires pour la course.

Les deux peuples partageront les sentiments d'amitié qui se révèlent chaque jour avec un caractère méritoire, et dans les rapports de leurs gouvernements. Nos touchés pour cette amitié est appelée à devenir une étroite coopération. En attendant cette grande époque, après laquelle les deux peuples, dans leurs deux armées, ont verra avec bonheur et avec harmonie de vass qui règne sur et de la Grande-Bretagne; et c'est en vue de l'établissement de la réciprocité de protection en faveur du commerce et des nationaux des deux pays paraît mener la plus complète approbation.

Voici le texte de cette circulaire :

Paris, le 18 Mars 1854.

Monsieur, forcé d'admettre la possibilité d'un état de guerre entre la France et la Russie, le gouvernement de Sa Majesté britannique est persuadé que Sa Majesté Britannique ont peur que l'absence d'un danger commun devant exister, les conséquences de la guerre pouvant être évitées. Quelle que soit l'étendue des ressentiments dont ils disposent, nous nous sommes sur mer, ils ont à tenir compte de l'imprévu. Il peut, si la guerre éclate, se produire, dans les parages où les forces navales de chacun d'eux, ne seraient pas constamment présentes, des conjonctures où leurs nationaux et leur pavillon de commerce s'exposeraient, au moment nécessaire, tout l'appui indispensable à leur sécurité. Les deux gouvernements ont émis qu'à l'inspiration de la pensée qui préside à leurs rapports actuels pour trouver un moyen de pourvoir à ces éventualités, et ils l'ont vu dans l'adoption concertée d'un système de protection réciproque embrassant ses intérêts disséminés sous toutes les latitudes.

Les agents diplomatiques et commerciaux, ainsi que les commandants des forces navales de chacun des deux pays sur tous les points du globe devront donc accorder leur appui aux sujets et au commerce de l'autre dans toutes les hypothèses où ils seraient menacés par l'ennemi commun. En conséquence, monsieur, vous considérez, en pareil cas, les bâtiments et les sujets anglais, dans votre ressort comme ayant le même droit que les bâtiments et les sujets français à toute l'assistance que comportent vos attributions, et vous donnerez avis de cette prescription aux officiers de marine de Sa Majesté Impériale qui seraient

en position de concourir aux mesures que les circonstances résulteront de l'état de guerre vous paraîtront commander. Les agents et officiers de mer de Sa Majesté Britannique recevront des instructions indiquées, et ainsi, les sujets et le commerce des deux nations seront autorisés à compter sur la protection réciproque des consuls et de la marine des deux puissances.

Vous comprendrez, monsieur, que ce n'est pas le point à déterminer à l'avance tous les cas qui pourront réclamer votre intervention. C'est à votre sagacité de vous diriger par l'application du principe dont nous venons de vous parler de règle de conduite. Les deux gouvernements ont tenu beaucoup moins à préciser les circonstances et les formes dans lesquelles cette protection devra s'exercer, qu'à bien marquer le caractère qu'elle doit prendre. Mais, en donnant un fond de nouveau témoignage de l'unité de leurs vues et de la sincérité de leur alliance, ils sont persuadés que, pour assurer à cette mesure commune toute l'efficacité désirable, leurs agents n'ont besoin que de se bien pénétrer de l'esprit de solidarité qui en a inspiré la pensée aux deux cabinets.

Recevez, etc.

Signé : DROZY DE LHUYS.

lingue; le poste qui me semblera le plus honorable, sera celui qui me rapprochera le plus de l'ennemi. L'uniforme, que je suis fier de porter, m'impose des devoirs que je serai heureux de remplir et je veux gagner le haut grade que votre affection et ma position m'ont donné.

Quand la nation prend les armes, Votre Majesté trouvera, j'espère, que ma place est au milieu des soldats, et je la prie de me permettre d'aller me ranger parmi eux pour soutenir le drapeau et l'honneur de la France.

Recevez, Sire, l'expression de tous les sentiments de respectueux attachement de votre tout dévoué cousin.

Signé Napoléon.

Les circonstances du double départ de Saint-Petersbourg des ambassadeurs de France et d'Angleterre sont ainsi rapportées dans un lettre adressée à la capitale de la Russie à l'Independence Belge :

Paris et Londres ont appris la résolution prise par nos représentants à Saint-Petersbourg d'obtenir les explications satisfaisantes qu'ils étaient chargés de demander au sujet de l'entree des flottes dans la mer Noire, sir H. Seymour, ambassadeur d'Angleterre, près notre cour, a été averti que ses passeports étaient tenus à sa disposition, ce qui équivalait à l'engager à s'éloigner le plus tôt possible, si bien que notre Gouvernement paraissait prendre, à Saint-Petersbourg même, l'initiative de la rupture des relations diplomatiques avec l'Angleterre, comme M. de Brunov l'avait prise à Londres.

Pareille communication n'a pas été faite à M. de Castelbajac, ambassadeur de France. Il a fallu que ce diplomate fit savoir lui-même à M. de Nesselrode qu'il désirait être traité absolument comme son collègue d'Angleterre, ce qu'il s'empressa de faire, et ainsi, sans qu'il eût eu connaissance de l'avis donné à sir H. Seymour. M. de Castelbajac se bass, pour cela, sur ce que les Gouvernements de France et d'Angleterre marchant complètement d'accord dans toute cette affaire et tenant absolument la même ligne envers la Russie, leurs représentants devaient être traités de la même façon à Saint-Petersbourg. Malgré cela, le czar n'a pas tenu compte de leur avis, et il a ordonné à sir H. Seymour de quitter la capitale de la Russie.

Les préparatifs continuent tant en France qu'en Angleterre, et l'activité énergique avec laquelle ils sont poussés est un sûr garant que le châtiment infligé à l'ambition moscovite sera prompt, exemplaire et décisif.

L'union de la France et de la Grande-Bretagne triomphera des bords et des flottes russes; l'indépendance de la Turquie sera reconnue, et l'équilibre européen rétabli par la destruction de ces troupes. Toutes les mesures nécessaires sont prises à cet égard.

La demande du prince Napoléon est, par sa nature et par sa forme même, digne du caractère français et de son illustre qui portait celui de qui elle émane.

Le prince Napoléon ne demande pas à commander, il demande à servir, combiné avec tous ces braves soldats qui vont se diriger vers Constantinople; il demande à combattre au milieu d'eux, pour la cause du droit violé, de l'Europe menacée, de la paix inégalement compromise, de l'honneur national intéressé à la répression de l'ambition russe.

De pareils actes ne se commentent pas; l'historien les enregistre dans ses fastes; le conscience publique les applaudit, et l'armée, pour laquelle ils sont un précieux témoignage, y puise une nouvelle énergie dans l'accomplissement de la mission éternelle que la voix de la justice et les périls de la civilisation moderne confient aujourd'hui à son courage!

L'attention générale vient d'être vivement excitée, à Paris, par la présence de plusieurs détachements de matelots et de soldats de marine anglaise, arrivés par le chemin de fer du Nord. Ces étrangers se sont promènes une partie du jour sur les boulevards, où ils ont été l'objet d'une curiosité toute sympathique. Ils se dirigent, assurément, vers Marseille.

Le projet de convention entre la France et l'Angleterre, annoncé par lord John Russell dans son discours à cet, dit-on, définitivement arrêté à Paris, et serait en ce moment soumis à l'approbation du Gouvernement britannique. On sait que les deux principales clauses de cette convention sont : qu'avant pour but de protéger l'intégrité et l'indépendance de l'Empire Ottoman, l'Angleterre et la France s'interdisent par avance toute action qui tendrait à l'extension de territoire, et que la Turquie s'oblige à ne rien entreprendre de la paix avec la Russie qu'avec le consentement des deux puissances, à en rapporter à eux pour les conditions auxquelles elle pourrait être conclue.

Capitulo 3: Catherine Blum nos Departamentos Ultramarinos franceses

Feuilleton du Journal les Antilles.

CATHERINE BLUM.

SOUVENIRS DE JEUNESSE. (1)

IV.

L'oiseau de mauvais augure.

A peine François fut-il hors de sa vue, que Mathieu releva la tête, et qu'une expression d'intelligence dont on eût cru sa lourde physionomie incapable passa comme un éclair sur son visage.

Puis il écouta le bruit des pas de jeune garde, qui s'éloignait, le bruit de sa voix, qui allait s'affaiblissant, et, sur la pointe du pied, il s'avance vers la bouteille d'esu-de-vie, regardant, grâce à ses yeux louches, d'un côté, la porte par laquelle était sorti le père Guillaume, de l'autre, celle par laquelle venait de disparaître François.

Alors, soulevant la bouteille, et la plongeant dans le rayon de jour qui traversait la maison comme une flèche d'or, afin de voir ce qui manquait de liquide, et ce qu'il en pouvait, par conséquent, absorber sans trop d'inconvénient :

— Ah! le vieux caecre! dit-il: quand on pense qu'il ne m'en a pas offert!

Et, pour réparer l'oubli du père Guillaume, Mathieu approcha de ses lèvres le goulot de la bouteille, et avala rapidement trois ou quatre gorgées du breuvage de flamme, comme si c'était été la boisson la plus saine, et cela, sans même faire entendre ni le *ha!* du père Guillaume, ni le *ho!* de François.

Puis, comme les pas de celui-ci se rapprochaient dans la chambre, le vagabond alla, de sa même allure rapide et muette, reprendre sa place sur l'escalier, au coin de la cheminée, attendant, avec un air d'innocence qui eût trompé François lui-même, une chanson, dont le refrain des dragons de la reine, longtemps cressé au château de Villars-Coterret, avait légué la tradition dans la ville.

Mathieu en était au second couplet de sa chanson, quand François reparut sur le seuil du fournil.

Sans doute, pour témoigner du peu d'intérêt que lui causait la présence ou l'absence de François, Mathieu Goguelus allait-il continuer l'interminable romance, et aborder le second couplet; mais François s'arrêtait devant lui :

— Allons! dit-il, vaill que te chantes, maintenant!

— Est-il défendu de chanter? demanda Mathieu. Alors que M. le Maire fasse publier la chose à son de trompe, et l'on ne chantera plus.

— Non, répondit François, ça n'est pas défendu, mais ça va me porter malheur!

— Et pourquoi ça?

— Parce que, quand le premier oiseau que j'entends chanter le matin est une chouette, je dis: « Mauvais affaire! »

— C'est-à-dire, alors, que je suis une chouette?... Allons! va pour la chouette... Je suis tout ce qu'on veut, moi!

Et, rapprochant ses deux mains l'une de l'autre, après avoir pris l'indispensable précaution de cracher dedans, Mathieu Goguelus fit entendre un cri qui invitait à s'y tromper le chant triste et monotone de l'oiseau de nuit.

François lui-même en tressailla.

— Veux-tu le taire, oiseau de mauvais augure! lui dit-il.

— Me taire?

— Oui.

— Et, si j'ai quelque chose à te chanter, moi, que diras-tu?

— Je dirai que je n'ai pas le temps de t'écouter... Tens, fais-moi plutôt un plaisir.

— A toi?

— Oui, à moi... supposez-tu donc que tu ne puisse faire plaisir à

personne, ou rendre service à qui que ce soit?

— Si fait... que demandes-tu?

— Que tu tirasses non fustil devant le feu, pour qu'il sèche, pendant que je vais chanter de guitres.

— Oh! changer de guitres! Voyez donc M. François, qui a pour de s'enrhumer!

— Je n'ai pas peur de m'enrhumer, mais je vas mettre les guitres d'ordonnance, attendu que l'inspecteur peut venir à la chasse, et que je veux qu'il me trouve au complet, comme habituellement... Eh bien! ça ne te va pas, de faire secher mon fustil?

— Ni le tien, ni un autre... Je veux qu'on m'érigera la tête entre deux pierres, comme à une bête punie, si, à partir d'aujourd'hui jusqu'à un jour où l'on me portera en terre, j'en touche jamais un, de fustil!

— Eh bien! je dis qu'il n'y aura pas de pertie, pour la façon dont tu l'en sers! dit François ouvrant une espèce de soupente dans laquelle était enfermée une collection de guitres de tous genres, et cherchant ses guitres au milieu de celles de la famille Watrin.

Mathieu le suivit de son oeil gauche, tandis que son oeil droit semblait s'occuper exclusivement de la dernière pomme de terre, qu'il apluchait avec lenteur et maladresse; puis il grommela, tout en le suivant de l'œil :

— Tens! et pourquoi donc m'en serviras-tu mieux que cela, d'un fustil, quand je m'en sers pour les autres?... Que l'occasion se présente de m'en servir pour mon compte, et tu verras si je suis plus manchot que toi!

— Et que toucheras-tu, si tu ne touches pas un fustil derrière François, le pied sur une chaise, et commencent à boucler ses longues guitres.

— Je toucherais mes gages, donc! M. Watrin m'avait bien proposé de me faire recevoir garde-souffuméraire, mais, comme il faut servir gratis titi un, deux ans et quelquefois même trois ans. Non, laisse, merci! j'y renonce... Fais-moi mesurer domestique chez M. le Maire!

— Comment, domestique chez M. le Maire? domestique chez M. Raisin, le marchand de bois?

— Chez M. Raisin, le marchand de bois, ou chez M. le maire, c'est

(1) Voir nos numéros des 11, 15 et 18 courant.

3. CAPÍTULO III- CATHERINE BLUM NOS DEPARTAMENTOS ULTRAMARINOS FRANCESES

Dentre os vários romances que fazem parte do currículo do escritor Alexandre Dumas Pai, citado no capítulo anterior, existem romances populares que se tornaram inesquecíveis. Entretanto, há também romances de Dumas que não são tão populares e pouco lembrados. A exemplo disso, este capítulo apresenta o romance *Catherine Blum*, publicado no *Les Antilles*, que a partir de agora passará a ser analisado. No que se refere à circulação e publicação em um Departamento Ultramarino nas Américas.

De acordo com o site *Alexandre Dumas: Deux siècles de Littérature vivante*, o romance *Catherine Blum* começou a ser escrito em 1851 e foi finalizado em 1854. Esse período corresponde ao isolamento de Dumas pai em Bruxelas por conta de dividas. Se por um lado esse isolamento foi para se afastar de seus credores, por outro lado serviu para que surgissem novas obras de sua autoria, como *La Comtesse de Charny*, *Isaac Laquedem*, *et Mes Mémoires*.

Quando se trata do *roman-feuilleton Catherine Blum*, percebe-se que o autor não somente se permitiu produzir algo novo, tendo em vista que se trata de um romance policial e não histórico, como também colocou um pouco mais de si nesse romance, como as suas lembranças de infância:

En effet, Catherine Blum tient à la fois du théâtre, de l'étude de mœurs, du conte et du roman policier. Dumas s'y implique intimement, décrivant d'abord avec émotion les lieux de son enfance, les alentours de Villers-Cotterêts, rappelant des anecdotes de chasse qu'il vient de rédiger dans ses Mémoires³² (ASSAN, 2010, do Société des Amies d'Alexandre Dumas)

Não se tem informações ao certo de quantos países publicaram em seus jornais *Catherine Blum*. Mas dada as proporções dos romances de folhetins pelo mundo, com autores franceses ganhando espaço no dia a dia dos leitores, é coerente afirmar que houve números consideráveis de jornais, que foram tomados por capítulos de mais um romance de Dumas. É contundente também afirmar que os jornais não perderiam tal oportunidade de poder ter em suas páginas a publicação de um romance do grande Alexandre Dumas Pai, isso para os jornais da época era motivo de honra. O mesmo se pode afirmar dos Departamentos Ultramarinos Franceses, que no período equivalente ao aparecimento e desaparecimento dos romances de

³² Tradução: “De fato, *Catherine Blum* é ao mesmo tempo teatro, estudo da moral, narrativa e romance policial. Dumas implica a si próprio, ao descrever com emoção os lugares de sua infância, os arredores de *Villers-Cotterêts*, fazendo lembrar as histórias de caça que ele escreveu em suas Memórias.”

folhetins eram colônias franceses, como fala Demougin (2017, p. 1) sobre a presença da imprensa nas colônias “la presse produite dans les territoires coloniaux, pour et par les colonisateurs, permet de problématiser un des aspects de l’identité des sociétés coloniales françaises.”³³ E mais “Le discours colonial qui y est tenu sur la distance à la métropole et sur la circulation de l’information participe en effet de la constitution de cette identité” (DEMOUGIN, 2017, p.1)³⁴ o que mostra a importância da imprensa na formação identitária desses locais . Porém, existem ressalvas, pois em alguns países não era de interesse da metrópole francesa o investimento em imprensa, e muito menos em jornais, menos ainda em romances folhetins.

As ilhas de Guadalupe e Martinica (nas Antilhas Menores) e a Guiana Francesa (na costa norte da América do Sul, entre o Suriname e o Brasil), que constituem os departamentos ultramarinos da França nas Américas, contrariamente à vontade dos seus colonizadores, passam a fazer uso também do jornal como principal meio de comunicação, com isso tem-se registro de vários romances folhetins publicados ao longo de vários anos nos principais jornais de alguns desses países.

3.1. Porque a Guiana Francesa não tinha folhetins?

A Guiana Francesa não foi satisfatória quanto à publicação de folhetins no século XIX. Isso se deve a fatores que contribuíram para esse atraso midiático, como o sistema prisional que foi implantado na Guiana Francesa. No período correspondente ao folhetim, a França mandava seus prisioneiros para lugares bem longes da metrópole, a Guiana Francesa existia para os franceses como um “depósito” de condenados, como explicado por Iuri Cavlak (2016) no artigo “Em torno das origens da Guiana Francesa: dos primórdios ao século XIX”:

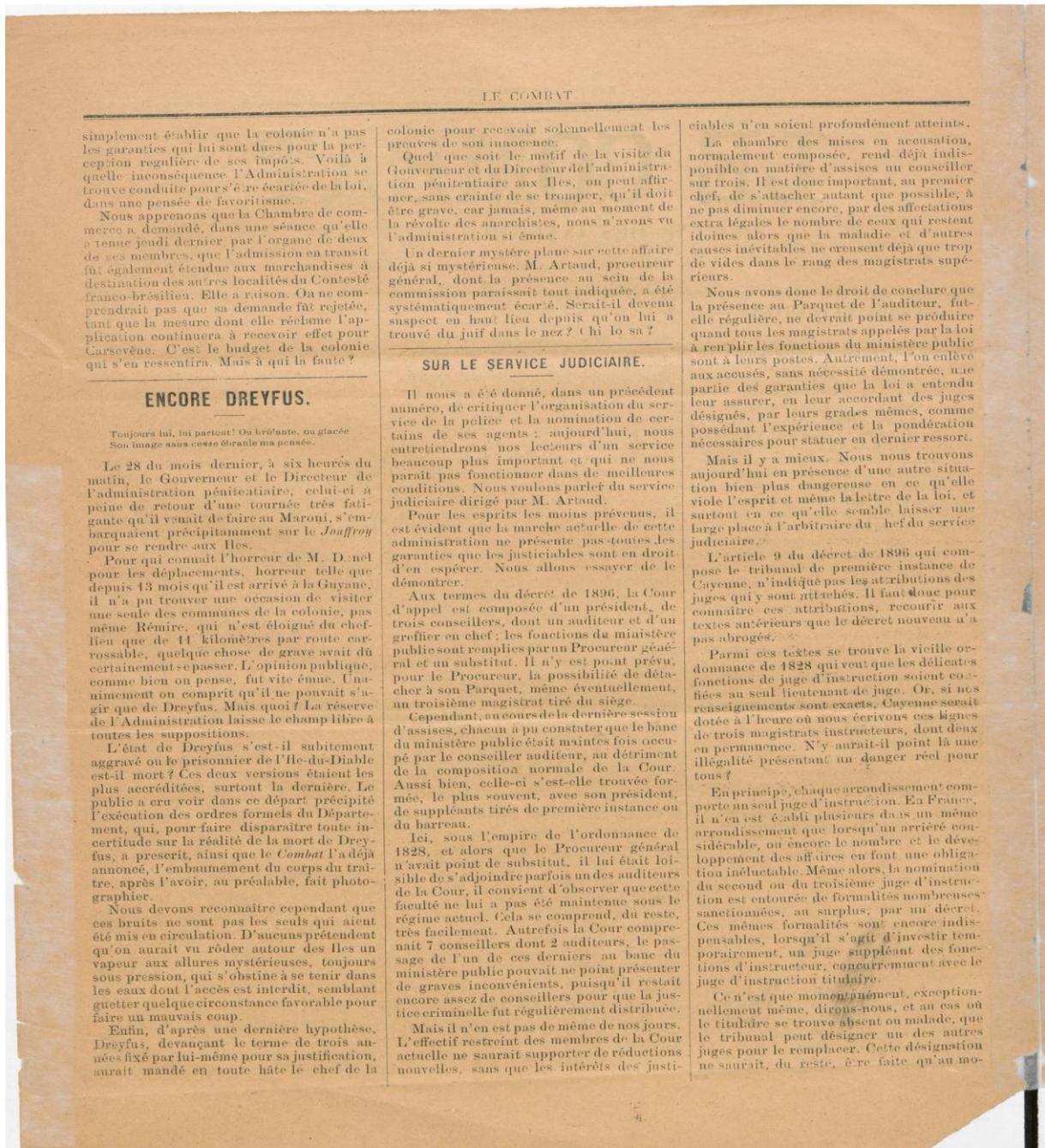
De modo que, no final do XVIII, já sob a Revolução Francesa, a alternativa encontrada para a ocupação da Guiana foi desafogar as prisões de Paris carregadas de encarcerados políticos e os enviarem para a Guiana.[...] No momento da eclosão da Revolução já se havia fixado no imaginário popular a Guiana como um lugar de morte certa, a “guilhotina seca”, daí ao mesmo tempo se mostrar um castigo severo para os revolucionários e um constrangimento do Estado de enviar pessoas para a reputada região infernal (CAVLAK, 2016, p. 68).

³³ Tradução: O corpus da imprensa produzido nos territórios coloniais, para e pelos colonizadores, permite problematizar um aspecto da identidade das sociedades coloniais francesas.

³⁴ Tradução: O discurso colonial que se realiza à distância para a metrópole e sobre o fluxo de informação, de fato, participa da constituição dessa identidade

Essa era entre outras a real importância que os franceses atribuíam à Guiana Francesa como colônia, servir de depósito de presos vindos da metrópole. Por exemplo, encontra-se no jornal *Le Combat*, de 02 de setembro de 1897, o caso de Deyfrus, que repercutiu por conta de ter sido visto como uma injustiça cometida pelo governo francês. Houve várias notas de repúdio nos jornais francêss e até mesmo nos países Ultramarinos contra a prisão de Dreyfus. A exemplo disso, a figura 7 de um jornal guianense apresenta a coluna “*Encore Dreyfus*” (figura 7):

FIGURA 7: imagem do jornal Le Combat de 02 de setembro de 1897



ENCORE DREYFUS.

Toujours lui, lui partout! Ou trépassé, ou traqué.
Son image sans cesse ébranle ma pensée.

Le 28 du mois dernier, à six heures du matin, le Gouverneur et le Directeur de l'Administration pénitentiaire, celui-ci à peine de retour d'une tournée très fatigante qu'il venait de faire au Maroni, s'embarquaient précipitamment sur le *Jouffroy* pour se rendre aux Iles.

Pour qui connaît l'horreur de M. D. et pour les déplacements, horreur telle que depuis 13 mois qu'il est arrivé à la Guyane, il n'a pu trouver une occasion de visiter une seule des communes de la colonie, pas même Rémire, qui n'est éloigné du chef-lieu que de 11 kilomètres par route carrossable, quelque chose de grave avait dû certainement se passer. L'opinion publique, comme bien on pense, fut vite émue. Unanimement on comprit qu'il ne pouvait s'agir de Dreyfus. Mais quoi? La réserve de l'Administration laisse le champ libre à toutes les suppositions.

L'état de Dreyfus s'est-il subitement aggravé ou le prisonnier de l'Île-du-Diable est-il mort? Ces deux versions étaient les plus accréditées, surtout la dernière. Le public a cru voir dans ce départ précipité l'exécution des ordres formels du Département, qui, pour faire disparaître toute incertitude sur la réalité de la mort de Dreyfus, a prescrit, ainsi que le *Combat* l'a déjà annoncé, l'embaumement du corps du traître, après l'avoir, au préalable, fait photographier.

Nous devons reconnaître cependant que ces bruits ne sont pas les seuls qui aient été mis en circulation. D'autres prétendent qu'on aurait vu rôder autour des Iles un vaporet aux allures mystérieuses, toujours sous pression, qui s'obstine à se tenir dans les eaux dont l'accès est interdit, semblant guetter quelque circonstance favorable pour faire un mauvais coup.

Enfin, d'après une dernière hypothèse, Dreyfus, devançant le terme de trois années fixé par lui-même pour sa justification, aurait mandé en toute hâte le chef de la

colonie pour recevoir solennellement les preuves de son innocence.

Quel que soit le motif de la visite du Gouverneur et du Directeur de l'Administration pénitentiaire aux Iles, on peut affirmer, sans crainte de se tromper, qu'il doit être grave, car jamais, même au moment de la révolte des anarchistes, nous n'avons vu l'Administration si émue.

Un dernier mystère plane sur cette affaire déjà si mystérieuse. M. Artaud, procureur général, dont la présence au sein de la commission paraissait tout indiquée, a été systématiquement écarté. Serait-il devenu suspect en haut lieu depuis qu'on lui a trouvé du juif dans le nez? (Chi lo sa?)

SUR LE SERVICE JUDICIAIRE.

Il nous a été donné, dans un précédent numéro, de critiquer l'organisation du service de la police; aujourd'hui, nous entreprendrions nos lecteurs d'un service beaucoup plus important et qui ne nous paraît pas fonctionner dans de meilleures conditions. Nous voulons parler du service judiciaire dirigé par M. Artaud.

Pour les esprits les moins prévenus, il est évident que la marche actuelle de cette administration ne présente pas toutes les garanties que les justiciables ont en droit d'en espérer. Nous allons essayer de le démontrer.

Aux termes du décret de 1896, la Cour d'appel est composée d'un président, de trois conseillers, dont un auditeur et d'un greffier en chef; les fonctions du ministère public sont remplies par un Procureur général et un substitut. Il n'y est point prévu, pour le Procureur, la possibilité de détacher à son Parquet, même éventuellement, un troisième magistrat tiré du siège.

Cependant, au cours de la dernière session d'assises, chacun a pu constater que le banc du ministère public était maintes fois occupé par le conseiller auditeur, au détriment de la composition normale de la Cour. Aussi bien, celle-ci s'est-elle trouvée formée, le plus souvent, avec son président, de suppléants tirés de première instance ou du barreau.

Ici, sous l'empire de l'ordonnance de 1828, et alors que le Procureur général n'avait point de substitut, il lui était loisible de s'adjoindre parfois un des auditeurs de la Cour, il convient d'observer que cette faculté ne lui a pas été maintenue sous le régime actuel. Cela se comprend, du reste, très facilement. Autrefois la Cour comprenait 7 conseillers dont 2 auditeurs, le passage de l'un de ces derniers au banc du ministère public pouvait ne point présenter de graves inconvénients, puisqu'il restait encore assez de conseillers pour que la justice criminelle fut régulièrement distribuée.

Mais il n'en est pas de même de nos jours. L'effectif restreint des membres de la Cour actuelle ne saurait supporter de réductions nouvelles, sans que les intérêts des justi-

ciables n'en soient profondément atteints.

La chambre des mises en accusation, normalement composée, rend déjà indispensible en matière d'assises un conseiller sur trois. Il est donc important, au premier chef, de s'attacher autant que possible, à ne pas diminuer encore, par des affectations extra légales le nombre de ceux qui restent idoines alors que la maladie et d'autres causes inévitables ne croissent déjà que trop de vides dans le rang des magistrats supérieurs.

Nous avons donc le droit de conclure que la présence au Parquet de l'auditeur, futile régulière, ne devrait point se produire quand tous les magistrats appelés par la loi à remplir les fonctions du ministère public sont à leurs postes. Autrement, l'on enlève aux accusés, sans nécessité démontrée, une partie des garanties que la loi a entendu leur assurer, en leur accordant des juges désignés, par leurs grades mêmes, comme possédant l'expérience et la pondération nécessaires pour statuer en dernier ressort.

Mais il y a mieux. Nous nous trouvons aujourd'hui en présence d'une autre situation bien plus dangereuse en ce qu'elle viole l'esprit et même la lettre de la loi, et surtout en ce qu'elle semble laisser une large place à l'arbitraire du chef du service judiciaire.

L'article 9 du décret de 1896 qui compose le tribunal de première instance de Cayenne, n'indiquait pas les attributions des juges qui y sont rattachés. Il faut donc pour connaître ces attributions, recourir aux textes antérieurs que le décret nouveau n'a pas abrogés.

Parmi ces textes se trouve la vieille ordonnance de 1828 qui veut que les délicates fonctions de juge d'instruction soient confiées au seul lieutenant de juge. Or, si nos renseignements sont exacts, Cayenne serait dotée à l'heure où nous écrivons ces lignes de trois magistrats instructeurs, dont deux en permanence. N'y aurait-il point là une illégalité présentant un danger réel pour tous?

En principe, chaque arrondissement comporte un seul juge d'instruction. En France, il n'en est établi plusieurs dans un même arrondissement que lorsqu'un arriéré considérable, ou encore le nombre et le développement des affaires en font une obligation inéluctable. Même alors, la nomination du second ou du troisième juge d'instruction est entourée de formalités nombreuses sanctionnées, au surplus, par un décret. Ces mêmes formalités sont encore indispensables, lorsqu'il s'agit d'investir temporairement, un juge suppléant des fonctions d'instructeur, concurremment avec le juge d'instruction titulaire.

Ce n'est que moquantement, exceptionnellement même, dirions-nous, et au cas où le titulaire se trouve absent ou malade, que le tribunal peut désigner un des autres juges pour le remplacer. Cette désignation ne saurait, du reste, être faite qu'au mo-

Não interessava a França tornar os habitantes desta região alfabetizados, e a consequência disso reflete nos dados pesquisados. Conforme apontado, não houve a circulação dos romances de folhetins nesta região de fronteira com o Brasil, haja vista o grande índice de analfabetos. Cita-se ainda o fato de haver muita censura por parte da igreja católica nas colônias francesas, um exemplo dessa censura encontra-se em um outro jornal da Guiana Francesa, o *L'Avant-Garde* de 19 de outubro de 1893, quando os redatores aguçam a curiosidade do leitor com uma nota informativa sobre o lançamento futuro de um *roman-feuilleton* intitulado *Père et Parrain* (figura 8):

FIGURA 8: imagem do *L'Avant-Garde*

Première Année — N° 37. Le Numéro : 30 centimes. 19 octobre 1893.

L'AVANT-GARDE

JOURNAL RÉPUBLICAIN, HEBDOMADAIRE.

<p>ABONNEMENTS :</p> <table style="width: 100%; border-collapse: collapse;"> <tr> <td style="width: 60%;">Guyane française.....</td> <td style="width: 20%;">6 fr.</td> <td style="width: 20%;">12 fr.</td> </tr> <tr> <td>France et colonies.....</td> <td>8</td> <td>15</td> </tr> <tr> <td>Etranger et Union postale.....</td> <td>10</td> <td>20</td> </tr> </table>	Guyane française.....	6 fr.	12 fr.	France et colonies.....	8	15	Etranger et Union postale.....	10	20	<p>ADMINISTRATION ET RÉDACTION</p> <p>— Cayenne, Rue Traversière, n° 4. —</p>	<p>ADRESSES :</p> <p>Tout ce qui concerne la Rédaction et l'Administration doit être adressé au Directeur politique, rue Traversière, 4, Cayenne.</p> <p>Les annonces seront déposées à la même adresse.</p>
Guyane française.....	6 fr.	12 fr.									
France et colonies.....	8	15									
Etranger et Union postale.....	10	20									

Nous commencerons bientôt la publication en feuilleton d'un roman de mœurs créoles intitulé :

PÈRE ET PARRAIN.

Le manuscrit est actuellement soumis à la censure.

Sommaire :

A LA RUSSIE.
L'IMMIGRATION INDIENNE.
GRANDE ET PETITE CULTURE.
LA LUMIÈRE ÉLECTRIQUE A CAYENNE.
UNE AFFAIRE concernant le Commandant Marot
NOTRE MUSÉE DÉPOUILLÉ.
A TRAVERS LA VILLE.
ANNONCES ET AVIS.

A LA RUSSIE.

Les nouvelles parvenues ces jours derniers par le câble nous ont tenu au courant des fêtes qui ont eu lieu en France à l'occasion de l'arrivée de l'escadre russe.

Malgré la distance qui les sépare de la Mère-patrie, les Français de la Guyane partagent l'enthousiasme de leurs concitoyens et s'associent, par le cœur, à la manifestation sympathique qui a acclamé nos alliés.

Nous adressons aux marins russes l'expression des sentiments de confraternité sincère que nous professons à leur égard, et nous souhaitons que leur séjour en France complète l'opinion déjà si favorable qu'ils se sont formée de nous.

L'immigration indienne.

Nous apprenons que le Gouvernement général de l'Inde anglaise est décidé à lever, en partie, l'ostracisme dont il avait frappé nos colonies.

La reprise de l'immigration indienne à la Réunion peut être considérée comme acceptée par les Anglais.

Le Gouvernement britannique avait été amené à supprimer l'immigration à cause des mauvais traitements dont ses sujets avaient été l'objet dans certaines colonies: c'est, du moins, le motif allégué par l'ambassadeur de Londres à Paris.

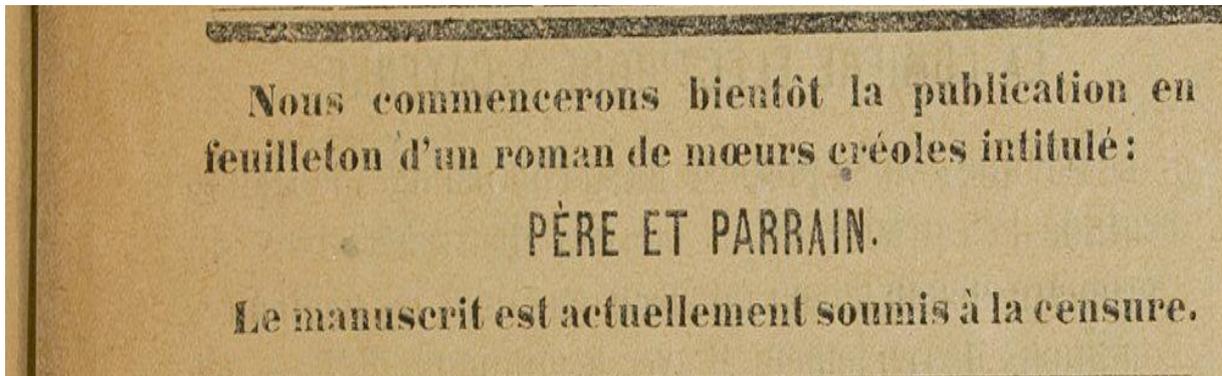
Le fait est que le docteur Commins, délégué dans les fonctions d'inspecteur de l'immigration aux colonies, a constaté, dans son rapport, que les Indiens avaient été maltraités dans la plupart des localités et il concluait en proposant la suppression de l'immigration: les conclusions de son rapport ont été adoptées. Toutefois, il n'est pas sans quelque intérêt de rappeler que le docteur Commins avait reconnu que les immigrants qui partaient de la Guyane française étaient tous en bonne santé et possédaient un pécule raisonnable.

Si, au moment où cette question s'était agitée au ministère des affaires étrangères, nous avions eu un représentant énergique et animé du désir d'être utile à son pays, il n'est pas douteux qu'une exception fût consentie en faveur de la Guyane.

Quoiqu'il en soit, nous nous félicitons de cette détermination prise par le gouvernement anglais, car elle nous fait espérer que la mesure bienveillante pourra être étendue aux autres colonies françaises. A l'occasion, et au cas où l'immigration Sénégalaise n'aboutirait pas, nous pourrions reprendre les pourparlers et exciper, à juste titre, de l'exception établie par le docteur Commins en ce qui concerne la Guyane.

Mais, pour arriver à ce résultat, il ne faut pas compter sur M. Franconi qui tient, de parti pris, à rester étranger à tout ce qui a trait aux intérêts du pays qu'il devrait soutenir; nous nous passerons de son intervention et nous ferons nos affaires comme nous l'entendrons.

FIGURA 9: imagem ampliada do jornal *L'Avant – Garde* com a nota sobre a futura publicação de um roman-feuilleton



FONTE : [http : gallica.bnf.fr](http://gallica.bnf.fr) / Bibliothèque nationale de France
Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/>>

Como visto anteriormente, existe uma especulação de que haverá posteriormente, a publicação de um romance folhetim. Porém não se tem certeza já que na mesma nota também pode ser observado uma explicação de o porquê do retardo no lançamento do romance no jornal. Segundo o que é dito pelos redatores, o *roman-feuilleton* deverá primeiro passar pela censura, sobre esse assunto Landry (2000, p. 66) aponta que “l’Église catholique intervient assez fréquemment, par la voie des journaux et par celle de mandements, de circulaires ou de lettres pastorales, pour mettre les fidèles en garde contre les ouvrages dangereux qui proviennent d’outre-mer”³⁵ para depois ser publicada no jornal. Por esses diversos motivos talvez tenha sido proibida a publicação de *Catherine Blum* na Guiana Francesa.

Se na Guiana Francesa houve um retardamento nas questões ligadas ao jornal e seus romances folhetins, fato que pode ser comprovado mediante as análises dos jornais³⁶, não se pode dizer a mesma coisa de Guadalupe. Conforme foi verificado no jornal *Citoyen*, há registros de romances datados dos anos 1910 e 1911. Apesar desses registros também poderem ser interpretados como publicações tardias dos folhetins, o importante é que há registros que comprovem que em Guadalupe existiu as publicações em forma de capítulos diários.

O espaço dedicado ao folhetim vinha na segunda página e passava à terceira. Um outro aspecto desse jornal é o fato dele circular somente aos sábados, o que o tornava ainda mais esperado pelos guadalupenses. Abaixo vê-se um exemplo (figura 10) de como eram feitas as publicações dos *roman-feuilleton* nesta edição de nº 313 de 19 de setembro de 1910:

³⁵ Tradução: “A Igreja Católica intervém com frequência, por meio de jornais e por meio de mandatos, circulares ou cartas pastorais, para alertar os fiéis contra trabalhos perigosos vindos do exterior”.

³⁶ Tradução: “Foram pesquisados dois jornais, o *Le Combart* e o *L'Avant-Garde*.”

FIGURA 10: imagem do jornal Citoyen de Guadalupe



FONTE: Arquivo da Biblioteca Nacional de France (BNF) Disponível em: <http://gallica.bnf.fr/>

Percebe-se nesta publicação que o espaço *feuilleton* foi o da terceira página, bem reduzido, finalizando com um “*suivre*”³⁷. O Jornal *Le Citoyen* tinha também essa marca de deixar o gancho para o próximo capítulo.

Em todos os jornais pesquisados de Guadalupe³⁸ que em algum momento publicaram romances folhetins, não houve publicação de *Catherine Blum* e nem qualquer informação acerca de futuras publicações, já que em jornais como o *L’Action* a publicação de romances folhetins persistiu até meados de 1924. Como pode ser observado em um folhetim de 13 de fevereiro de 1924, intitulado *La Virtuose du crime*, o romance era publicado na segunda página do jornal, em uma única nota de rodapé (figura 11):

³⁷ Palavra francesa que significa “A seguir”.

³⁸ Foram pesquisados dois jornais: o *L’Action* e o *Les colonies*.

FIGURA 11: imagem do jornal L'Action de 1924



FONTE: Arquivo da Bibliothèque Nationale de France (BNF) Disponível em: <http://gallica.bnf.fr/>

3.2 – Metodologia da pesquisa

Para este estudo, o método da pesquisa bibliográfica foi visto como necessário para a construção desta parte, pois as análises que formam o corpus deste trabalho têm como foco a investigação de um gênero literário que surgiu no século XIX e que é conhecido até os dias de hoje, conforme pontuam Lakatos e Marconi (1991):

“[parte-se] do princípio de que as atuais formas de vida social, e as instituições têm origem no passado, é importante pesquisar suas raízes, para compreender sua natureza e função. Assim o método [...] consiste em investigar acontecimentos, processos e instituições do passado para verificar a sua influência na sociedade de hoje [...]” (LAKATOS e Marconi, 1991, p.81).

Para obtenção de dados suficientes que comprovassem a presença do folhetim nos Departamentos Ultramarinos, foram empregadas as técnicas de coleta de dados quali-quantitativo. Demo (2002, p. 35, apud Oliveira, 2011, p. 27) pontua que “[...] só tem a ganhar a avaliação qualitativa que souber se cercar inteligentemente de base empírica, mesmo porque qualidade não é a contradição lógica da quantidade, mas a face contrária da mesma moeda”. Por esse motivo, todos os romances folhetins coletados foram analisados com o intuito de encontrar as respostas que se buscou com esse estudo, entretanto, as quantidades de folhetins coletadas e selecionadas foram para melhorar a qualidade da pesquisa.

3.3 – Corpus da pesquisa

Dos departamentos da França nas Américas, apenas Martinica teve contato em um dos periódicos com o romance supracitado. Por esse viés entende-se o porquê de não ter existido a presença de *Catherine Blum* também nos demais países, já que os mesmos eram próximos uns dos outros, com aspectos parecidos, e acima de tudo com os mesmos colonizadores.

Para fechar a análise dos jornais pertencentes aos Departamentos Ultramarinos nas Américas, existiu à procura pelo *roman-feuilleton Catherine Blum* nos *rez-de-chaussée* desses locais, chega-se assim à Martinica, com jornais que na maioria valorizavam um bom romance

como parte de sua coluna de entretenimento. Foram analisados dois jornais: o *Les Colonies* e os *Les Antilles*. Pelo observado o primeiro jornal tem publicações frequentes de folhetim, como poderá ser visto em uma edição de número 373 de 03 de julho de 1881:

FIGURA 12: imagem do jornal *Les Colonies* de 03 de julho de 1881



FONTE : [http : gallica.bnf.fr/](http://gallica.bnf.fr/) / Bibliothèque nationale de France
 Disponível em: <http://gallica.bnf.fr/>

No *Les Colonies* as edições circulavam às quartas-feiras e aos sábados, e os folhetins publicados na primeira página, logo abaixo do boletim sobre política, com o espaço devidamente identificado como nos jornais da França “*Feuilleton*”. O capítulo ficava somente na primeira página, finalizada com a assinatura do leitor e a deixa para o capítulo seguinte “*A continuer*”. É importante ressaltar que ao contrário do que acontecia nos jornais de Guadalupe, nos da Martinica o espaço folhetim localizava-se quase sempre na primeira página.

Os folhetins também estiveram presentes no jornal *Les Antilles*, apesar de serem encontrados alguns períodos em que não existiram publicações de *roman-feuilleton* em suas edições. Pela frequência com que eram publicados os romances, percebeu-se como o folhetim realmente fez parte da vida dos martiniquenses. Diferentemente do *Les Colonies*, o *Les Antilles* tinha edições publicadas diariamente, com exceção de algumas edições que não puderam ser consultadas devido à ausência de arquivo na Biblioteca Nacional da França, que possivelmente não foi catalogado. A seguir uma edição de número 533, do dia 02 de agosto de 1848:

FIGURA 13: imagem de um jornal do *Les Antilles*



FONTE : [http : gallica.bnf.fr](http://gallica.bnf.fr) / Bibliothèque nationale de France

Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/>>

Nos *Les Antilles*, o número de *rez-de-chaussee* dedicados ao capítulo diário do romance variava de dois a três. No caso do romance *Catherine Blum*, a quantidade de rodapés variava de acordo com a exigência do capítulo. O espaço *Feuilleton* assemelhava-se ao da metrópole francesa: os capítulos diários eram finalizados com um “*a continuer*” para chamar atenção do leitor para a continuação que dar-se-ia na próxima edição.

Alguns desses romances foram escritos por autores desconhecidos, no sentido de não serem populares, outros por autores anônimos, e havia ainda as produções de autores que eram filhos da terra, os martiniquenses. Existiram também publicações de autores já consagrados no meio folhetim, como Frédéric Soulié, Émile Richebourg e Alexandre Dumas. Mas o foco central para o jornal com certeza são os folhetins e não os autores, pois o número de publicações verificado é consideravelmente elevado, no total 1.437 folhetins do período compreendido entre 1847 e 1897. São raras as interrupções sem a publicação de folhetim, por exemplo, o ano de 1877, com 87 edições registradas na Biblioteca Nacional da França sem nenhum *roman-feuilleton* no espaço *feuilleton*.

Depois de ter estudado os principais jornais dos Departamentos Ultramarinos franceses em busca de folhetins para a pesquisa, foi construído um quadro mostrando como se deu esse processo, juntamente com informações sobre local, jornal, ano de circulação e número de exemplares coletados, como descrito posteriormente no quadro 1:

Quadro 1: Os principais jornais dos Departamentos Ultramarinos

País	Periódico	Período de circulação do jornal	Nº de publicações de folhetins	Nº de edições consultadas
Guyane Française	L'avant-Garde	1893	nenhum	01
Guyane Française	Le Combart	1897-1898	nenhum	35
Guadalupe	Le Citoyen	1904 - 1918	03	140
Guadalupe	L'Action	1919-1963	01	24
Martinica	Les Colonies	1878-1902	02	14
Martinica	Les Antilles	1843-1883	1437	1437

FONTE: BNF (organizado pela autora do trabalho) – (2018)

3.4. Os folhetins nos *Les Antilles*

A fim de ampliar o horizonte acerca dos folhetins que eram publicados no *Les Antilles*, o quadro seguinte mostra alguns desses folhetins, com suas devidas datas de publicações e autores. No quadro 2 a seguir tem-se os primeiros romances encontrados:

Quadro 2- Romances Folhetins publicados nos *Les Antilles* nos anos de 1847 a 1849.

Romance folhetim	Autor	Início da publicação	Final da publicação
<i>Le Docteur Herbeau</i>	Jules Sandeau	1847	-
<i>La Noce de Campagne</i> (<i>pour faire à la Mare ou Diable</i>)	George Sand	1848	-
<i>La Chèvre Jaune</i>	Paul de Musset	17 de junho de 1848	26 de julho de 1848
<i>Paris Republicain</i>	Méry	19 de julho de 1848	capítulo único
<i>Un Nom.</i>	Frédéric Soulié	02 de outubro de 1848	19 de agosto de 1848
<i>Jérôme de Paturot</i>	Louis Reybaud	23 de agosto de 1848	11 de julho de 1849
<i>Paola L'Orpheline</i>	Alfred Fays	18 de julho de 1849	25 de julho de 1849
<i>Le roi de carreau</i>	Eugène Scribe	28 de julho de 1849	-
<i>Nouvelle Martiniquoise</i>	Victor Daney de Marcillac	04 de agosto de 1849	-
<i>Matos Lobo</i>	Bénédict Gallet	18 de agosto de 1849	capítulo único
<i>La Villa Maravigliosa</i>	Léon Gozlan	01 de setembro de 1849	05 de setembro de 1849
<i>La Dame de Pique</i>	P. Merimée	08 de setembro de 1849	-
<i>Le Chale vert</i>	Alexis de Valon	10 de outubro de 1849	27 de outubro de 1849
<i>Scènes de la vie mexicaine</i>	Gabriel Ferry	03 de novembro de 1849	01 de dezembro de 1849

FONTE: BNF (organizado pela autora do trabalho) – (2018)

Foram classificados apenas os romances publicados, no total de 14 *roman-feuilleton*. Mas havia também nesse determinado período publicações de poesias, anedotas e outros gêneros os quais não foram levados em consideração por não serem objeto de análise da pesquisa.

Em seguida, no quadro 3, tem-se a publicação dos romances folhetins nos anos de 1850 e 1851, em ordem cronológica. Percebe-se que em alguns folhetins não constam as datas da publicação final. Quando estes foram procurados no acervo da Biblioteca Nacional da França, não foram encontradas edições dos *Les Antilles* que tivessem tais finais.

Quadro 3: os folhetins publicados nos *Les Antilles* nos anos de 1850 e 1851

Romance folhetim	Autor	Início da publicação	Final da publicação
<i>Sacs et Parchemins</i>	Jules Sandeau	Não tem a data de início	27 de fevereiro de 1850
<i>Nelly</i>	Amadée Achard	Não tem a data inicial -1850	05 de junho de 1850
<i>La Jaguerre</i>	Jules p'Herbauges	04 de dezembro de 1850	-
<i>Un coup de crayon</i>	Bénédict Gallet	21 de dezembro de 1850	-
<i>L'istime de Panama et la Califorme</i>	Hausmann	06 de novembro de 1850	30 de novembro de 1850
<i>Aventure d'un nez</i>	S. Henri Berthoud	02 de novembro de 1850	-
<i>Le chale noir</i>	Alexis du Valon	28 de agosto de 1850	-
<i>Voyage de paris a San Francisco</i>	Alexandre Achard	14 de dezembro de 1850	18 de dezembro de 1850
<i>Le secret d'une jeune fille</i>	H. C.	06 de janeiro de 1851	-
<i>Cabecillas y guerrilleros</i>	Grabiél Ferri		22 de janeiro de 1851
<i>La voiture du ministre</i>	Emile Pages	10 de fevereiro de 1851	Único capítulo
<i>La nuit de la Saint-Sylvestre</i>	Alfred de Bougie et Charles Ris	03 de maio de 1851	21 de maio de 1851
<i>La nuit de la Saint-Sylvestre</i>	Alfred de Bougie et Charles Ris	03 de maio de 1851	21 de maio de 1851
<i>Pascal et Charlotte</i>	André Thomas	09 de abril de 1851	Capítulo único
<i>La perruque de M. de Sartines</i>	Gustave Desnoiresterres	19 de abril de 1851	23 de abril de 1851
<i>Histoire du Directoire</i>	A. Granier de Cassagnac	1851	1852

FONTE: BNF (organizado pela autora do trabalho) (2018)

Após a análise, puderam ser quantificados e qualificados 16 romances folhetins. Com ressalvas para algumas questões pertinentes à pesquisa, percebe-se que do ano de 1852 existem nos arquivos da Biblioteca Nacional da França apenas 6 publicações do *Les Antilles*. Destas publicações consta a continuação de um *roman-feuilleton* iniciado no ano de 1851 e finalizado no de 1852, o *Histoire du Directoire*. Não consta na BNF a edição de início da publicação, assim só foi possível consultar a edição de número 45 do dia 04 de junho de 1851 a partir do capítulo VIII. Igualmente aconteceu com o capítulo final, pois só foi possível consultar até o capítulo 100 de 13 de novembro de 1852. Com isso segue-se para os anos seguintes. Logo abaixo no quadro 4 tem-se os *roman-feuilleton* publicados no ano de 1853.

Quadro 4: Os romances folhetins dos anos de 1853.

Romance folhetim	Autor	Início das publicações	Final das publicações
<i>Le chevrier de Lorraine</i>	Emile Souvestre	27 de outubro de 1853	-
<i>Le portrait de l'aieul</i>	X. Moldari	09 de abril de 1853	Unico capítulo
<i>Comment on épouse um million</i>	Albéric Second	13 de abril 1853	16 de abril de 1853
<i>La perruque de M. de Sartines</i>	Gustave Desnoiresterres	19 de abril de 1851	
<i>Un premier amour</i>	Charles Schiller	20 de abril de 1853	Unico capítulo
<i>Des travaux dans L'Amérique Centrale</i>	C.Laroche Héron	30 de abril de 1853	14 de maio de 1853
<i>Le Capitaine Raton de Miroy</i>	Emile Marcon de St.-Hilaire	18 de maio de 1853	25 de maio de 1853
<i>Les Simples</i>	Hermann	28 de maio de 1853	único capítulo
<i>Adeline Protat</i>	H. Murger	01 de junho de 1853	17 de agosto de 1853
<i>Le Docteur pauvre</i>	D. S.	20 de agosto de 1853	24 de agosto de 1853
<i>La vertu mise a l'épreuve</i>	P. D	17 de setembro de 1853	Unico capítulo
<i>Les plaies de famille</i>	Emile Berthet	21 de setembro de 1853	30 de novembro de 1853
<i>L'homme de minuit</i>	Etienne Enault, Louis Judicis	03 de dezembro de 1853	22 de fevereiro de 1854

FONTE: BNF – organizado pela autora do trabalho (2018)

Como pode ser observado dos 13 romances pesquisados, existe alguns romances que também não tem a data final de publicação, provavelmente por conta da perda de algumas das edições do jornal analisado, ou por ainda não terem sido catalogados. Outros romances foram produzidos para serem publicados em única edição. Como visto no quadro anterior, em que a data final está como único capítulo, esses romances quando consultados continham todos os capítulos em uma única edição. O quadro mostra também a existência de um romance, *L'homme de minuit*, iniciado no ano de 1853 e finalizado em 1854, ano que será analisado no quadro seguinte de número 5:

Quadro 5: Os romances folhetins publicados em 1854 e 1855

Romance folhetim	Autor	Início das publicações	Final das publicações
<i>Ridicules de rêveurs du magnétisme</i>	H. Delaage	Janeiro-1854	Capítulo único
<i>Causeries du soir</i>	V. D	25 de fevereiro de 1854	Capítulo único
<i>Entre onze et minuit</i>	Amédée Aulfavre	01 de março de 1854	08 de março de 1854
<i>Catherine Blum</i>	Alexandre Dumas	29 de março de 1854	03 de junho de 1854
<i>Scène de la vie boême</i>	Henri Murger	14 de junho de 1854	16 de setembro de 1854
<i>Doit-on ou non battre sa femme ?</i>	Gustave Desnoiresterres	09 de agosto de 1854	Capítulo único
<i>Le livre de Job</i>	Emile Chevalet	20 de setembro de 1854	-
<i>Une conversion</i>	Comte G. Raousset- Boubon	25 de novembro de 1854	31 de janeiro de 1855
<i>Le gentille l'homme pauvre</i>	Henry Conscience	Não se tem o início- 1855	-
<i>Le confesseur de la Reine</i>	Clémence Robert	28 de março de 1855	-
<i>Le étiquette du sac</i>	Romain Chapelin	Junho-1855	08 de junho de 1855
<i>Les trois frères provençaux</i>	Sem identificação do autor	Não se tem o início -1855	20 de junho de 1855
<i>Tolla</i>	Sem identificação do autor -	22 de julho de 1855	-

FONTE: BNF – organizado pela autora do trabalho – (2018)

Consta nos registros da Biblioteca Nacional da França, dos 13 folhetins obtidos, apenas uma publicação referente ao ano de 1856. E este único número não teve o espaço *feuilleton*, ou seja, não houve publicação de romance. Nos anos posteriores a 1856 também não

se tem arquivos dos jornais publicados, assim os anos de 1857, 1858, 1859, 1860, 1861, 1862, 1863, 1864, 1865, 1866 não puderam ser consultados, por não conterem arquivos referentes às datas. Em 1867 tem-se o registro de única publicação e este teve um único romance, como poderá ser observado no quadro seguinte. Mas deve-se ressaltar o fato de que no ano de 1868 novamente não se tem arquivos no BNF das edições publicados. De acordo com os jornais analisados nos anos de 1869 com apenas 5 edições para consulta, há registro de dois romances no decorrente ano. Em 1870 há registro de 4 edições sem nenhuma publicação de folhetim. No ano seguinte (1871), das 27 edições consultadas também não há folhetins. No ano de 1872 consta nos arquivos pesquisados 96 edições, mas nenhum folhetim. O mesmo se constata de 1873 com apenas 1 edição do jornal, sem romance também.

Com isso chega-se aos anos que não ficaram sem publicação de romances folhetins. Porém, de todas as edições consultadas para levantamento de dados contidos no quadro seguinte de número 6 (176 no total), existiram apenas 16 romances publicados, muitos sem a data de finalização:

QUADRO 6: Os folhetins publicados em 1867, 1869, 1874, 1875, 1876, 1878

Romance folhetim	Autor	Início das publicações	Final das publicações
<i>Pile au face</i>	E. Marcel	11 de setembro de 1867	
<i>La Bavarde</i>	Emile Richebourg	-	13 de março de 1869
<i>Le clos des peupliers</i>	Emile Richebourg	19 de janeiro de 1869	23 de fevereiro de 1869
<i>Metz: Campgne et negociation</i>		14 de agosto de 1872	-
<i>Des causes de nos désastre</i>	F. de Suzanne	02 de outubro de 1872	20 de novembro de 1872
<i>Un coeur pur</i>	Adolphe Archier	23 de setembro de 1874	-
<i>Charmantes</i>	Jean Lander	26 de julho de 1875	-
<i>La chemin du bonheur</i>	Etienne Marcel	21 de junho-1876	-
<i>Un amour a distance</i>	Henri Lassere	26 de agosto de 1876	06 de setembro de 1876
<i>Le Rosier de Madeleine</i>	André Bragiél	28 de outubro de 1876	04 de novembro de 1876
<i>Pour une prière</i>	Alphonse de Lasthenie	14 de maio de 1878	-
<i>Plaminia</i>	Alexandre de Bar	05 de junho de 1878	-
<i>La vision d'or</i>	E, de Clussy	03 de julho de 1878	-
<i>Mirro</i>	Jean Lander	09 de setembro de 1876	-

<i>Les suites d'une adoption</i>	Borothée de Boden	21 de agosto de 1878	-
<i>Deux Orpheline</i>	J.M. Villefranche	23 de novembro de 1878	-

FONTE: BNF - organizado pela autora do trabalho (2018)

Para os anos de 1879 e 1880 não constam arquivos das edições dos respectivos anos. Das 18 edições consultadas de 1881 também não houve folhetim. Segue-se para os anos de 1882 e 1883 sem edições para consultas. Conforme descrito no quadro 7 chega-se aos anos de 1884 até 1889 com 453 edições dos *Les Antilles* consultados nas recorrentes datas e apenas 21 romances coletados. Desses romances muitos não tem o final, e outros estão sem a identificação do autor. Mas o destaque vai para os romances que iniciam em um ano e terminam em outro, como é o caso de *Georges Audran* e *L'Aïeulle*.

Quadro 7: Os romances de 1884, 1886, 1887, 1888, 1889

Romance folhetim	Autor	Início das publicações	Final das publicações
<i>La Pierre aux Anglais</i>	Jean Kernic	03 de outubro de 1883	
<i>Georges Audran</i>		26 de dezembro de 1883	02 de janeiro de 1884
<i>Dette d'honneur</i>	Fernand Lafargue	30 de agosto de 1884	
<i>Le Cheval du Lieutenant de Casties</i>	Ch. Saint-Martin	25 de março de 1885	
<i>Amour et choléra</i>		28 de março de 1885	
<i>Stéphanette</i>	René Bazin (Bernard Seigny)	10 de março de 1886	
<i>L'envers d'une dot</i>		16 de junho de 1886	
<i>L'Aïeulle</i>		13 de novembro de 1886	15 de janeiro de 1887
<i>Adjugée</i>	Ch. Corbin	04 de julho de 1888	
<i>Jalouse</i>	Léon Allard	25 de agosto de 1888	
<i>Fabienne</i>	L. Brethous-Lafargue	06 de outubro de 1888	05 de dezembro de 1888
<i>Ils sont la !</i>		08 de dezembro de 1888	
<i>Les clous des peupliers</i>	Emile de Richebourg	16 de janeiro de 1889	22 de fevereiro de 1889
<i>La bavarde</i>	Emile de Richebourg	06 de março de 1889	19 de março de 1889
<i>Le Missel de grand'mère</i>	Emile Richebourg	11 de março de 1889	25 de fevereiro de 1889
<i>Le vice-amiral Nelson</i>	Un Marin	20 de março de 1889	
<i>La bague</i>	Émile Richebourg	08 de junho de 1889	16 de julho de 1889
<i>Un péché d'orgueil</i>	Emile Richebourg	17 de julho de 1889	27 de julho de 1889

<i>Le portrait de Berthe</i>	Émile Richebourg	21 de julho de 1889	07 de setembro de 1889
<i>Le Duel</i>	Emile Richebourg	-	19 de setembro de 1889
<i>La sentinelle</i>	Emile Richebourg	09 de novembro de 1889	16 de novembro de 1889

FONTE: BNF - organizado pela autora do trabalho (2018)

No quadro 8 foram analisados o quantitativo de 464 jornais das quais foram coletados 29 romances folhetins. Dentre esses romances alguns não contem a identificação do autor, outros não tem o início das publicações e outros ainda não tem a data final das publicações. Mas o que realmente chama atenção, não somente neste quadro como também em outros, é o número de produções de autoria de Émile de Richebourg. Nos anos de 1890 até o mês de outubro há somente publicações de romances do autor supracitado.

Quadro 8: Os folhetins de 1890 a 1895

Romance folhetim	Autor	Início das publicações	Final das publicações
<i>La dame des ételles</i>	Émile Richebourg	Janeiro-1890	25 de janeiro de 1890
<i>La Joue bruléé</i>	Émile Richebourg	01 de fevereiro de 1890	12 de fevereiro de 1890
<i>Une prise de voile</i>	-	19 de fevereiro de 1890	07 de maio de 1890-
<i>Deux amis</i>	Émile Richebourg	03 de maio de 1890	07 de maio de 1890
<i>Les violettes blanches</i>	Émile Richebourg	14 de maio de 1890	11 de junho de 1890
<i>L'héritage d'un maniaque</i>	Émile de Richebourg	23 de julho de 1890	13 de outubro de 1890
<i>Les diamants de familles</i>	Émile de Richebourg	16 de agosto de 1890	03 de setembro de 1890
<i>Le nid d'hirondelles</i>	Émile de Richebourg	13 de setembro de 1890	17 de setembro de 1890-
<i>L'épreuve</i>	Émile Richebourg	27 de setembro de 1890	04 de outubro de 1890
<i>Fierté</i>	-	08 de outubro de 1890	-
<i>Valfleur</i>	Marin Maugeret	11 de fevereiro de 1891	-
<i>La roche aux fées</i>	Théodore de Gragé	20 de junho de 1891	-
<i>Le père biscuit</i>	-	04 de maio de 1892	11 de junho de 1892
<i>La jeune fille aux roseaux</i>	-	15 de junho de 1892	29 de junho de 1892
<i>La Chienne de Jemmapés</i>	-	-	16 de julho de 1892

<i>Les idées de M. Bernard</i>	-	06 de agosto de 1892	-
<i>Un amie véritable</i>		17 de setembro de 1892	01 de outubro de 1892
<i>L'enfant perdu</i>		05 de outubro de 1892	15 de outubro de 1892
<i>Les Souliers d'Enfants</i>	-	22 outubro de 1892	26 de outubro de 1892
<i>La Lettre d'un Trépassé</i>	Gustave Burel	05 de novembro de 1892	30 de novembro de 1892
<i>Nouvelle Lune</i>	-	14 de dezembro de 1892	21 de dezembro de 1892
<i>Chimères!</i>	Madame.Colomb.	08 de abril de 1893	02 de setembro de 1893
<i>Le Bouquet de Roses</i>		24 de dezembro de 1893	21 de março de 1894
<i>A contre-cœur</i>	Antoine Iungst	10 de janeiro de 1894	21 de março de 1895
<i>Le Marquis de Villepreux</i>	M. du Capfranc	07 de abril de 1894	17 de novembro de 1894
<i>La tresse bleue</i>	Louis Énault	12 de janeiro de 1895	23 de janeiro de 1895
<i>A Madagascar</i>	René de Pont-Jest	26 de janeiro de 1895	30 de janeiro de 1895
<i>Un dernier mot</i>	-	29 de maio de 1895	-
<i>Le Roman d'un sous lieutenant</i>	Amélie de Lorois	23 de outubro de 1895	-
<i>La Guyane et son avenir</i>	-	24 de abril de 1895	-

FONTE: BNF – organizado pela autora do trabalho – (2018)

Depois de ter tido um primeiro panorama da frequência com que eram publicados o folhetim no jornal *Les Antilles*, e de quantas e quais romances foram publicados, parte-se para uma análise, que consiste em verificar de fato a existência de um romance da autoria do célebre Alexandre Dumas pai em Departamentos Ultramarinos franceses. Foi com o rótulo de ser uma produção do pai de Edmon Dantés e de ter em sua estrutura as características marcantes do seu criador que *Catherine Blum* passou a ser publicado nos *Les Antilles* em 1854.

Como pode ser observado a seguir, o jornal *Les Antilles* dedicava o espaço tipicamente conhecido como *feuilleton* aos romances, e é nesse espaço, logo na primeira página, que começaram as publicações no dia 17 de março de 1854 de *Catherine Blum*. Um detalhe importante de ser ressaltado é o fato do romance tomar conta das três primeiras notas de rodapés (figura 14, 15 e 16):

FIGURA 14: imagem do 1º capítulo de Catherine Blum nos Les Antilles



FONTE : < http://gallica.bnf.fr / Bibliothèque nationale de France >
 Disponível em: <http://gallica.bnf.fr/>

FIGURA 16: Imagem da terceira página da publicação



FONTE : < http://gallica.bnf.fr / Bibliothèque nationale de France>
Disponível em: <http://gallica.bnf.fr/>

3.5 – Catherine Blum no *Les Antilles*

Do romance *Catherine Blum*, praticamente todos os capítulos podem ser consultados na *Bibliothèque nationale de France*, com ressalva para o III e XII capítulos, que não foram encontrados nos arquivos. Pelo que se pode observar, o jornal fez questão de manter a publicação do *roman-feuilleton* na sua integralidade, já que os capítulos eram publicados às quartas-feiras e aos sábados, provavelmente por este ser lucrativo, dado o sucesso do autor.

Foi organizado um quadro com os capítulos de *Catherine Blum* que foram publicados nos *Les Antilles*, juntamente com as suas respectivas datas de publicação. Por fins de praticidade consta também a numeração da edição de publicação do jornal:

Quadro 9: A distribuição dos capítulos de *Catherine Blum* no jornal *Les Antilles*

Nº	DIA DA PUBLICAÇÃO	CAPÍTULO
20	11/03/1854	Avant le récit
21	15/03/1854	II
-	-	-
23	22/03/1854	IV
25	29/03/1854	V
27	05/04/1854	VI
28	08/04/1854	VII
30	15/04/1854	VIII
31	19/04/1854	IX
32	22/04/1854	X
33	26/04/1854	XI
-	-	-
36	06/05/1854	XIII
37	10/05/1854	XIV
38	13/05/1854	XV
39	17/05/1854	XVI
40	20/05/1854	XVII
41	23/05/1854	XVIII
42	27/05/1854	XIX
43	31/05/1854	XX
44	03/06/1854	CONCLUSION

FONTE: BNF – organizado pela autora do trabalho – (2018)

Em relação aos dois capítulos que estão em falta nos *Les Antilles*, há fortes indícios que estes tenham sido publicados, mas não foram preservados, por falta de arquivamento, ou até mesmo por estes terem se extraviado do acervo pessoal de algum colecionador, mas isso são apenas suposições.

Mas como dito anteriormente o romance foi publicado na íntegra, chega-se ao 21º capítulo, subtendido como tal por não ter visibilidade do capítulo, em um sábado, 03 de julho de 1854. Assim encerrou-se a publicação de *Catherine Blum: Souvenirs de Jeneuss*, com a *conclusion* como observa-se a seguir (figura 16):

FIGURA 16: imagem do último capítulo de Catherine Blum no Les Antilles

SAMEDI 3 JUIN 1854. 12 ANNÉE

LES ANTILLES.

COMMERCE, AGRICULTURE, MARINE, LITTÉRATURE, RELIGION, ANNONCES ET AVIS DIVERS.

UNION! ORDRE! TRAVAIL!...

Le Journal paraît les Mercredi et Samedi, et publie tous les actes administratifs et documents officiels qui ont rapport à la Martinique.

SAINT-PIERRE, le 2 Juin 1854.

Monsieur l'Évêque a donné la confirmation mardi au Lamentin. Sa Grandeur a été tellement édifiée par l'affluence de personnes de tous âges, de tous sexes, et de toutes conditions qui étaient accourues à cette cérémonie sainte et imposante, et par le zèle et le bon ordre qui y ont présidé, qu'elle en a témoigné son contentement et sa reconnaissance dans une touchante allocution. Cette allocution nous donne l'occasion de révéler une erreur qui s'est glissée depuis quelque temps au sein du clergé colonial.

Le clergé semble considérer comme une persécution les nouvelles mesures prises sur l'instruction primaire, les établissements de bienfaisance et peut-être aussi les règlements faits dans le but de diriger les bras vers l'industrie sucrière. Il semble aussi considérer comme une persécution ce que nous disons nous quelquefois sur la dévotion mal entendue des cultivateurs à qui toutes les cérémonies paraissent obligatoires, et qui, par conséquent ont une tendance à multiplier les jours de chômage. — Huralement Monsieur sait se prémunir contre le zèle un peu outré de quelques uns de ses prêtres.

Il est facile de dissiper cette erreur, — et le clergé colonial à qui on doit tant d'obligations, ne vaudra pas perdre le moindre portion de cette grande reconnaissance que lui doit le pays pour le bien qu'il a fait dans le passé, et ne vaudra pas mériter le reproche que les économistes adressent au clergé de l'Amérique méridionale, d'avoir laissé éteindre des populations que la Providence avait destinées à peupler et à faire fleurir un monde nouveau.

Aujourd'hui il est généralement reconnu que les établissements de bienfaisance et la taxe des pauvres, favorisent la presse et l'impudence, et tendent à substituer la tutelle et la protection de l'Etat à la famille — ce qui est un moyen d'arriver droit au socialisme que la France vient d'établir par les dévantes puissances de tous les hommes généreux et éclairés réunis à l'héritier impérial du grand Napoléon. L'Irlande est là, avec ses misères et l'accroissement insensé de sa population, pour servir d'exemple à tous les peuples qui entendent de nourrir les populations oisives.

L'éducation donnée gratuitement par l'Etat, sans tendre aux mêmes résultats, ne laisse pas cependant que d'avoir aussi des inconvénients et d'engendrer beaucoup d'aïeux. — Et d'abord, elle impose des sacrifices dont le poids est en définitive supporté par ceux qui ne jouissent point de l'avantage d'élever gratuitement leurs enfants. — C'est une dépense de plus faite au budget. Pour former ce budget, il faut entretenir des impôts, et même quelquefois en créer de nouveaux, on élève ceux qui existent, au moyen de centimes additionnels. Or, plus on est riche, plus on paie d'impôts, plus on paie par conséquent de centimes additionnels, et les personnes de cette condition n'envoient point leurs enfants dans les écoles primaires.

Est-ce à dire que nous voulons laisser périr les nécessiteux, et voir nos populations élevées dans l'ignorance? — Jamais nous n'avons soutenu une idée aussi horrible. — Nous nous sommes socialisés, si on le considère sous une seule face, si on ne voit que les données fournies d'une manière absolue par la science économique, sans tenir compte des données morales, philanthropiques et religieuses. — Toutes ces choses se lient, et l'on ne doit en abandonner aucune, sous peine de tomber dans l'erreur.

M. le Gouverneur, dans deux arrêtés dont la presse a déjà fait l'éloge, a consacré tous les intérêts, — ceux de la religion et de la morale, — ceux de l'Etat, ceux de l'économie politique. — Nous avons des hôpitaux et des écoles; le Gouvernement ne dépense pas des sommes énormes pour leur entretien, et par contre, il ne se trouve pas dans la dure nécessité d'ajouter de nouvelles charges à tant de charges qui pèsent déjà sur nos malheureux contribuables.

Que la religion fasse le reste; elle a en son pouvoir des moyens bien puissants pour soulager les misères et propager la morale. — Le prêtre qui n'a pas de famille, est constitué par Dieu père des pauvres; à sa demande ouvre le bourse des fidèles aïeux et généreux, les offrant

— Et vous serez bien récompensé, j'espère.

— Puis Bernard alla prendre les deux mains de l'abbé Grégoire, et regardant le bon prêtre en face.

— Ni vous non plus, monseigneur l'abbé, dit-il, vous n'avez pas douté de moi.

— Est-ce que je ne le connaissais pas mieux que ton père et ta mère?

— Oh! j'aimais, M. l'abbé, dit la mère Watrin.

— Eh! oui, mais dit le père.

— Oh! par exemple, s'écria la vieille prête à commencer une discussion, je voudrais bien savoir qui est-ce qui connaît mieux un enfant que sa propre mère.

— Celui qui s'est fait l'épouse après que la mère a fait le corps, dit Watrin. Est-ce que je réclame, moi? Mais comme moi, vieille, tais-toi.

— Oh non pas! par exemple, je ne me tirais jamais quand on me dira qu'il y a quelqu'un qui connaît mieux mon fils que moi-même.

— Si, ma mère, si, vous vous taisez, dit Bernard; et je n'aurai pour cela qu'un mot à dire à une femme aussi religieuse que vous, puis il s'éleva en riant.

— Obliez-vous que M. l'abbé est mon confesseur?

— Puis vint le tour de Catherine; Bernard l'avait gardée pour la dernière.

L'égiste, c'était pour la garder plus longtemps.

Aussi, arrivé à elle.

— Catherine, s'écria Bernard d'une voix étouffée, chère Catherine! — Bernard, mon bon Bernard! murmura celle-ci avec des larmes pleines les yeux et plein la voix.

— Oh! viens, viens, dit Bernard en entraînant la jeune fille par la porte restée ouverte.

— Eh bien! mais où vont-ils donc? s'écria la mère Watrin avec un mouvement si rapide qu'il ressemblait à de la jalousie.

Le père haussa les épaules.

— Les deux autres, dit la vieille croûte, dit-il en bourrant sa pipe; laissez-les donc aller femme.

— Mais...

— Voyons, est-ce qu'à leur âge et en pareille circonstance nous n'aurions pas eu quelque chose à leur dire?

— Hum! fit la mère en jetant un dernier regard du côté de la porte. Mais la porte étaielle est ouverte, elle n'est rien vu; les deux jeunes gens avaient déjà gagné le bois et s'étaient perdus sous l'ombre la plus épaisse.

Quand à Bohéna, à Lajennesse, à François, et au père Watrin, ils s'élevaient mis à marcher à la lumière des chandelles les bouteilles qui restaient sur la table et à flûter consciencieusement ce qui leur restait dans le ventre.

L'abbé Grégoire profita de cette occupation dans laquelle étaient absorbés les quatre compères, pour prendre silencieusement sa canne et son chapeau, se glisser doucement par l'entrebaïlement de la porte et reprendre sans bruit le chemin de Villiers-Cottetiers, où il retrouva sa sœur, Mme Adélaïde Grégoire, qui l'attendait dans la plus vive anxiété.

Les deux femmes, la mère Watrin et la mère Teller, s'accroupirent dans la grande cheminée, et se mirent à discuter le haut et le bas de paroles qui, pour être dévoté à voix basse, n'en fut ni moins long, ni moins embrouillé.

Aux premiers rayons du jour, Bernard et Catherine reparurent sur le seuil de la porte comme deux oiseaux voyageurs qui, partis ensemble, reviennent ensemble. Catherine, le sourire sur les lèvres, et tout en perdant de vue le monde possible son fiancé, alla embrasser la mère Watrin, le père Watrin, et s'apprêta à remonter à sa chambre.

Mais à peine eut-elle fait le premier pas qui conduisit de la table où étaient assis les quatre hommes à la porte de l'escalier, que Bernard l'arrêta comme si elle subissait quelque chose.

— Eh bien! dit-il du ton d'un doux reproche.

Catherine n'eut point besoin de demander d'explication; Bernard était compris par cette amie sœur de sa sœur.

— Quoi? demanda François tout étonné d'une pareille oubliance.

— Elle t'embrasse pour te remercier — parbleu! dit Bernard. Il me semble que nous le devons bien cela.

— Ah! s'écria François. — Ah! mille Catherine, et t'en serra la bouche avec sa serviette et fit claquer un gros baiser sur chaque joue rougissante de la jeune fille.

Puis Catherine, tendant une dernière fois la main à Bernard, remonta dans sa chambre.

— Allons, allons! mes enfants, dit celui-ci. Je crois qu'il serait temps de se mettre en tournée. Ce n'est pas le tout que d'être heureux, il faut que la besogne du due d'Orléans se fasse.

Et reprit avec un indéfinissable regard son fusil rapporté par les gendarmes, comme preuve de conviction, et déchargé d'un côté.

— Et quand en passe, murmura-t-elle, confin.

Et, enfonçant son chapeau sur sa tête.

— Partons, dit-il, partons!

En sortant, Bernard leva la tête.

Catherine était à sa fenêtre, souriant et se coiffant levain qui allait éclairer un de ses bons jours. Elle vit Bernard, cueillant un oiseau, et déposant un baiser et lui jeté.

Bernard ne passa point, touchant l'oeillet jusqu'à terre. Il le refit à

FONTE : < http:// gallica.bnf.fr / Bibliothèque nationale de France>
Disponível em: <http://gallica.bnf.fr/>

Sabe-se que tal romance não é lembrado nem mesmo na França, talvez por ter sido esquecido juntamente com tantos outros romances folhetins. Sobre isso, Jean-Michel Assan, um dos estudiosos que escrevem para o site de Alexandre Dumas na França, diz que “nous devons à Dominique Fernandez la réédition de ce court roman, passé longtemps inaperçu. Difficile, en effet de trouver une critique, une analyse, ou quelque information jusqu'à cette édition récente (...).”³⁹, ou seja, se até mesmo os estudiosos, que estão diretamente ligados com a metrópole e com todos os arquivos, encontram dificuldades em achar estudos e documentos sobre *Catherine Blum*, imagine quando se fala deste folhetim publicado em um jornal martiniquense. Vê-se, porém, que ao menos o folhetim citado começou a ganhar olhares de estudiosos da literatura, como o crítico literário Dominique Fernandes (s/d), que foi quem fez a reedição de tal romance e faz uma crítica positiva a respeito de Alexandre Dumas pai ser capaz de escrever romances diferentes dos que foram produzidos anteriormente por ele: “pour Dominique Fernandez, l'intérêt principal de ce roman est de montrer que Dumas était parfaitement capable d'écrire un récit contemporain de son époque sans l'appui de la dimension historique. Il s'agirait même du premier roman policier.”⁴⁰. Além disso, consta também uma tradução em inglês de 1922, rara de ser encontrada. Não há traduções para o espanhol ou português.

Mas o que realmente chama atenção é o fato de tal romance ter sido escrito entre 1851 e 1854 e no mesmo ano de 1854 já ter sido publicado em um jornal da Martinica, sem se ter registros nem ao menos de uma publicação de *Catherine Blum* nos jornais da França. Imagine em locais tão distantes e tão esquecidos pela metrópole francesa, como é o caso de a Martinica receber a publicação de um folhetim de Dumas.

Não resta dúvida sobre a França ter sido o grande palco onde brilharam os folhetins de Dumas pai, como dito no segundo capítulo, existiam romances de sua autoria sendo publicados em vários jornais: praticamente todos os romances produzidos por ele foram publicados como folhetim diário. Constam narrativas publicadas no *La Presse*, no *Le Débats*, no *Le Siècle*, no *L'Indépendant*, no *Petit Journal*, e principalmente nos próprios jornais de Alexandre Dumas pai, como o *Mousquetaires* e o *Le comte de Monte Cristo*. Sendo assim, supõe-se que em alguns

³⁹ Tradução: “Nós devemos a Dominique Fernandez a reedição deste pequeno romance, por muito tempo despercebido. Difícil, na verdade de encontrar uma crítica, uma análise ou alguma informação até esta edição recente e o prefácio do mesmo autor.”

⁴⁰ Tradução: “Para Dominique Fernandez, o principal interesse deste romance é mostrar que Dumas era perfeitamente capaz de escrever uma história contemporânea de seu tempo sem o apoio da dimensão histórica. Seria mesmo a primeira história de detetive.”

desses jornais provavelmente houve a publicação de *Catherine Blum*, já que quando se tratava de Alexandre Dumas tudo chamava a atenção dos leitores.

Não se tem muitas informações a respeito da circulação de *Catherine Blum*. Não é só difícil encontrar trabalhos voltados para o romance como também o acesso às traduções que foram feitas uma vez que quase todos os romances da autoria de Alexandre Dumas pai atravessavam os mares, e países necessitavam de tradução dessas obras. Até mesmo no Brasil, que publicou muitos romances de Dumas, não há registros de tradução ou publicação de *Catherine Blum* nos periódicos que priorizavam o folhetim.

Um outro aspecto de igual importância que chama atenção é que mesmo com o número elevado de escritos de Alexandre Dumas pai que foram parar em rodapés, poucos são os que circulam nos dias atuais, podendo se entender que essas produções foram frutos de uma época em que a quantidade de produções aumentava os lucros e tornava o folhetim um produto de massa, perdendo assim, como outros de mesmo aspecto, a atração para a população tempos depois. O fato é que houve um esquecimento de *Catherine Blum*, que ficou de fora da lista de grandes romances de Alexandre Dumas pai – que inclui *Os três mosqueteiros*, *O Conde de Monte Cristo* e a *Rainha Margot*. O mesmo destino seguido por outras obras apresentadas nas biografias do autor, como foi visto no capítulo anterior.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora não tenha existido a presença do folhetim em todos os Departamentos Ultramarinos franceses, não se pode esquecer o grau de importância de tal gênero para compreensão das narrativas literárias que circularam no século XIX e ajudaram na formação de um novo público leitor inclusive em locais tão afastados da metrópole francesa como é o caso desses países. É com este pensamento que se retorna para o folhetim no seu país de origem, a França, com todas as revoluções que ajudaram a transformar não somente a nação francesa como também outros países que se espelharam nos movimentos libertários franceses aderindo esses movimentos para melhorar a própria pátria. Nasceu em meio a essas ações libertárias um gênero tão popular como fruto da imprensa e acessível a todas as classes sociais.

Para além do que se espera de um gênero literário, o folhetim realmente marcou um século todo, com as inúmeras ficções criadas para os jornais e muitos dos famosos autores escrevendo romances folhetins. Não se tem dúvida de como foi importante para a vida profissional desses autores essas narrativas, principalmente para o nome de Alexandre Dumas pai cujos romances ainda circulam nos circuitos literários, e são adaptados para cinema e tevê.

Quando se deu o início do trabalho tinha-se como foco principal a circulação dos romances folhetins em Departamentos Ultramarinos, como dito anteriormente. Pode-se observar que estas narrativas apenas circularam em dois países, Guadalupe e Martinica, ficando a Guiana Francesa no atraso literário. Neste estudo partimos para um estudo mais aprofundado acerca dos folhetins nesses países, com a escolha de um jornal para ser analisado, com o intuito de verificar os folhetins que foram publicados. Para tal, optou-se pelo Jornal *Les Antilles* da Martinica. Dos 1437 exemplares analisados, pode-se registrar 122 romances folhetins, compreendidos entre 1847 e 1895, encontrados diretamente da Biblioteca Nacional da França.

E para finalizar a análise, voltou-se o olhar para um folhetim, *Catherine Blum*, com o intuito de verificar o sucesso de Dumas pai no século XIX, tecendo considerações sobre a presença de um de seus romances em um jornal do Departamento Ultramarino francês.

Os Departamentos Ultramarinos franceses talvez não sejam classificados como sinônimos de folhetins e também não são referência quando se estuda a história deste gênero. Mas isso se deve pela escassez de trabalhos voltados para este pedaço da América do Sul, pois, de acordo com dados obtidos durante este trabalho, verificou-se que não há estudos desta natureza para essas localidades. Ademais no decorrer do desenvolvimento deste estudo, vislumbrou-se várias outras questões referentes à circulação de obras literárias nessas regiões

que não puderam ser abordadas por não fazerem parte da pesquisa, mas que seriam de grande contribuição para o meio literário.

O que se pode concluir deste estudo é que ao menos na Martinica esses folhetins estiveram presentes e puderam fazer parte do desenvolvimento da literatura local, e com isso todos os propósitos foram alcançados. Quando o foco da pesquisa se encontra voltado para um gênero tão popular como foi o folhetim no século de XIX, foi importante perceber que as leituras nos Departamentos Ultramarinos franceses não eram diferentes das da França. Ressalta-se ainda quão importante foi essa pesquisa não somente para o meio acadêmico como também para outros meios sociais, que poderão consultar um trabalho pioneiro nas questões ligadas à formação literária nos territórios da Guiana Francesa, Guadalupe e Martinica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSAN, Jean-Michel. *Catherine Blum*. In : **Alexandre Dumas: Deux siècle de littérature vivante**. Disponível em: <http://www.dumaspere.com/pages/dictionnaire/catherine_blum.html>. Acesso em: 10 set. 2018.

BRICE, Oreste S. **Sobre a literatura francesa, e os direitos autorais: Alexandre Dumas e a profissionalização do escritor**. 2015. B761s. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, 2015.

CAVLAK, Iuri. **Em torno das origens da Guiana Francesa: dos primórdios ao século XIX**. *Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP*, Macapá, v. 9, n. 3, p. 63-71, dez. 2016.

CHARTIER, Roger. *Do palco à página: publicar teatro e ler romances na época moderna (séculos XVI-XVIII)*. Rio de Janeiro. Casa da palavra. 2002.

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro do leitor ao navegador*. 1. ed. São Paulo. Unesp. 1999.

DEMOUGIN, Laure. **Identités et exotisme : représentations de soi et des autres dans la presse coloniale française au XIXe siècle (1830-1880)**. 2017. RIRRA 21. Thèse de doctorat en cotutelle - Université Laval, Département des littératures, Québec, 2017.

DEMOUGIN, Laure. **Un pan de l'identité coloniale : la presse coloniale et la circulation de l'information au XIXe siècle**. Médias 19. 2017. Disponível em: <<http://www.medias19.org/index.php?id=22749>>. Acesso em: 30 jul. 2018.

FERREIRA, L. C; GARCIA, D. C. F. **A recepção do folhetim pelo *Correio Paulistano*. Ipotesi**, Juiz de Fora, v. 17, n.2, p. 89-100, jul./dez. 2013.

GENGEMBRE, Gérard. **Du roman-feuilleton au roman de cape et d'épée**. Conférence de Gérard Gengembre. S/A. Disponível em:<<http://www.bmlisieux.com/litterature/gambier/gambie19.htm>>. Acesso em: 22 ago. 2018.

GUIMARÃES, Rosângela. M. A. O. **A publicação do falso romance-folhetim “A Mão do Finado” em jornal brasileiro e a polêmica da autoria**. In: Anais do congresso nacional de história da mídia, n. 5, 2007, São Paulo. *Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação*. São Paulo: Facasper e Ciec, 2007. p.1-8.

LANDRY, K. **Le roman-feuilleton français dans la presse périodique québécoise à la fin du XIX e siècle : surveillance et censure de la fiction populaire**. *Études françaises*, v. 36, n. 3, p. 65 – 80. 2000.

LAKATOS, E. M; MARCONI, M. A. *Metodologia Científica*. 2. ed. São Paulo: Atlas S.A., 1992.

MEYER, MARLYSE. **Folhetim: Uma História**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MENDES, M. L. D. **No limiar da História e da memória. Um estudo de Mes mémoires, de Alexandre Dumas.** 2007. 320 f. Tese (Doutorado em Língua e Literatura Francesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

MOLLIER, Jean-Yves. **Edição, Imprensa e Poder na França no século XX.** São Paulo. Fap-Unifesp. 2015.

MOLLIER, Jean-Yves. Tradução e globalização da ficção: O exemplo de Dumas pai na América do Sul. **Revista da Anpoll**, Florianópolis, n. 38, p. 296-306, jan./jun. 2015.

NADAF, Yasmin. J. **O romance-folhetim francês no Brasil: um percurso histórico.** *Letras*, Santa Maria, v. 19, n. 2, p. 119–138, jul./dez. 2009.

SANTOS, Edimara. F. **Dumas, Montépin e du Terrail: A aquisição dos romances – folhetins franceses no Pará nos anos de 1871 a 1880.** 2011. 110 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Pará, Belém, 2011.

SCHOPP, Claude. *Biographie. Alexandre Dumas : Deux siècle de littérature vivante.* Disponível em: <<http://www.dumaspere.com/pages/vie/biographie.html>>. Acesso em: 10 set. 2018.

WELLEK, René; WARREN, Austin. *Teoria da literatura e metodologia dos estudos literários.* 1º. e.d. São Paulo. Martins Fontes. 2003.

RAFAEL, Gina. G. **Jornais, romance-folhetim e a leitura feminina no século XIX: influências transatlânticas?.** *Iris*, Recife v. 1, n. 1, p. 32-42. Jul./dez. 2012.

RUF, Éric. *Il était une fois. Comédie française.* S/A. Disponível em: <http://www.comedie-francaise.fr/fr/histoire-de-la-maison>. Acesso em: 22 ago. 2018.

OLIVEIRA, Marwell. F. *Metodologia Científica: um manual de pesquisas em administração.* Catalão. 2011.